



**PROF HISTÓRIA**  
MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA

UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI-URCA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA – PROFHISTÓRIA

JOSÉ CLÁUDIO LEÔNCIO GONÇALVES

**“EU QUERO VER É FALAR DE TRANS”: ENSINO DE HISTÓRIA E  
CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE TRANSEXUAL NO CARIRI CEARENSE  
DO SÉCULO XXI**

CRATO-CE

2018

JOSÉ CLÁUDIO LEÔNCIO GONÇALVES

**“EU QUERO VER É FALAR DE TRANS”: ENSINO DE HISTÓRIA E  
CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE TRANSEXUAL NO CARIRI CEARENSE  
DO SÉCULO XXI**

Dissertação apresentada à Universidade Regional do Cariri-URCA, como parte das exigências do Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), com vista à obtenção do título de Mestre em Ensino de História, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup> Dra. Zuleide Fernandes de Queiroz e a co-orientação do Prof. Dr. Cícero Joaquim dos Santos.

CRATO-CE

2018

JOSÉ CLÁUDIO LEÔNCIO GONÇALVES

**“EU QUERO VER É FALAR DE TRANS”: ENSINO DE HISTÓRIA E  
CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE TRANSEXUAL NO CARIRI CEARENSE  
DO SÉCULO XXI**

Dissertação apresentada à Universidade Regional do Cariri-URCA, como parte das exigências do Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), com vista à obtenção do título de Mestre em Ensino de História, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dra. Zuleide Fernandes de Queiroz e a co-orientação do Prof. Dr. Cícero Joaquim dos Santos.

Aprovado/a em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Zuleide Fernandes de Queiroz (orientadora)

**Universidade Regional do Cariri-URCA**

---

Prof. Dr. Cícero Joaquim dos Santos (co-orientador)

**Universidade Regional do Cariri-URCA**

---

Prof. Dr. Glauberto da Silva Quirino (membro interno)

**Universidade Regional do Cariri-URCA**

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Polliana de Luna Nunes Barreto (membra externa)

**Universidade Federal do Cariri-UFCA**

Dedico este trabalho a toda a minha família representada na  
figura de minha mãe Maria Leôncio Gonçalves (Zita) e meu pai  
José Gonçalves (Zeinha)

“Não existe imparcialidade. Todos são orientados por uma base ideológica. A questão é: sua base ideológica é inclusiva ou excludente?” (Paulo Freire)

## RESUMO

A presente dissertação toma como objeto de análise a identidade trans e o ensino de História. Desta forma, o nosso objetivo geral foi compreender a construção de identidade de sujeitos transexuais e sua relação com o ensino de História. Especificamente, pretendemos problematizar como a escola interfere no processo de construção das identidades em estudantes transexuais; entender as influências das escolas e do ensino de História escolar para autorreconhecimento de transexuais; e, propor sequencias didáticas para o ensino de História escolar, reconhecendo as necessidade contemporâneas dos temas Gênero e Sexualidade a partir de uma perspectiva multicultural.

Palavras-chave: Ensino de História, Identidade, Transexualidade.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	<b>08</b>
<b>Capítulo 1 – Meu lugar de fala: estranhamentos acerca de sujeitos transexuais no Ensino de História</b>	<b>20</b>
<b>1.1.História do Brasil Colonial, a partir da abordagem Gênero e Sexualidade!?</b>	<b>20</b>
<b>1.2.Diálogo passado/presente</b>	<b>23</b>
<b>1.3.“É fácil falar de homossexuais, eu quero ver é falar de trans!”</b>	<b>26</b>
<b>1.4.Materiais didáticos e a presença/ausência dos diálogos em Gênero e Sexualidade</b>	<b>35</b>
<b>1.4.1. Livro Didático de História</b>	<b>35</b>
<b>1.4.2. Outros materiais didáticos</b>	<b>37</b>
<b>1.5. Metodologia e recursos didáticos dos planos de aulas</b>	<b>30</b>
<b>1.6. Avaliação</b>	<b>39</b>
<b>Capítulo 2 – O lugar do outro: Memórias de trans sobre Gênero e Sexualidade na educação básica</b>	<b>43</b>
<b>2.1. Experiências no ensino fundamental II: “eu era lésbica até o acabar do ensino fundamental II”</b>	<b>44</b>
<b>2.2. Experiências e desafios de ser assumir como transexual masculino no ensino médio</b>	<b>47</b>
<b>2.3. Experiências no ensino médio: da (trans)formação de Oliver e de algumas práticas escolares</b>	<b>51</b>
<b>2.4. Sobre o significado de escola</b>	<b>55</b>
<b>Capítulo 3 – Histórias e memórias que se atravessam e se (des)conectam: a construção da identidade trans a partir do ensino de História</b>	<b>62</b>
<b>Capítulo 4: Sequências Didáticas em Gênero e Sexualidade</b>	<b>76</b>
<b>Considerações finais</b>	<b>85</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>86</b>
<b>Anexo 1</b>	<b>88</b>
<b>Anexo 2</b>	<b>89</b>

## **Introdução**

Para que serve o ensino de História? Qual/is os sentidos de ensinar história na contemporaneidade? No segundo semestre de 2016, deparei-me com estes questionamentos na disciplina “História do Ensino de História”, do curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, da Universidade Regional do Cariri (ProfHistória-URCA), a partir das discussões relacionadas a produção do conhecimento histórico e do ensino de história nos regimes de historicidades antigo, moderno e contemporâneo, em contextos ocidental e brasileiro (ALBUQUERQUE JR., 2012; CEZAR, 2014).

Diante de perguntas tão imprescindíveis, ao mesmo tempo abrangentes e complexas, aproveito a oportunidade para refletir inicialmente acerca dos sentidos do ensino de História tomando como base minha trajetória formativa, marcada por encontros e desencontros vivenciados na graduação e como professor de História na educação básica, sobretudo, na rede pública. Depois, enfatizo minhas relações com os temas gênero e sexualidade ao longo deste processo.

### **(Des)encontros no/com o ensino de História**

Rememorando meus desejos profissionais como aluno do ensino médio, raramente possa ter imaginado em seguir a carreira de professor, especialmente de História. Apesar de haver uma identificação e boas notas com tal disciplina, optar pelo curso de graduação em História foi uma escolha entre as opções que me restavam, diante da falta de cursos pretendida por mim, assim que terminei o ensino básico, no ano de 2005.

Enquanto filho de trabalhadores, estudei a vida inteira em escola pública, e não tinha recursos que me permitisse sair da cidade onde nasci e cresci, Juazeiro do Norte, interior do Ceará, para cursar graduação em Cinema ou Astronomia, como desejava. Na época, a Universidade Regional do Cariri (URCA), cujo campus principal



localiza-se em Crato, cidade vizinha, surgia como a única opção mais próxima de minha realidade, caso eu quisesse continuar os estudos “para ser alguém na vida”.

Diante de tal necessidade, me inscrevi no vestibular da URCA. Mas, não antes de ficar em dúvida entre os cursos de Biologia, Geografia e História, optando finalmente pelo último. Passei e fiquei muito feliz por isso, pelo menos, meu desejo de continuar os estudos e ser universitário iria ser realizado. Contudo, se me perguntassem, naquele momento, que profissional o curso de História iria me formar, sem dúvida, responderia algo do tipo como “Indiano Jones”, o arqueólogo aventureiro, personagem de um filme que assistia na “Sessão da Tarde”, programação de uma TV aberta. Licenciatura ou bacharelado, inclusive, era uma diferença que nem sequer conhecia.

Aos poucos, compreendi que a docência era o campo de atuação mais comum para quem se formava em Licenciatura. Comecei a imaginar que poderia ser uma boa ideia seguir a carreira, posto afinidades com a área ao longo de meu ensino médio. Adorava fazer seminários, expor minhas opiniões, cujos resultados positivos chegaram ao ponto da professora de História me confiar a dar revisões e orientar os/as colegas em aulas vagas. E, ainda na graduação, trabalhava dando reforço de forma autônoma.

Entretanto, existe uma grande diferença entre imaginar o “ser professor” ocupando ainda o lugar de aluno da graduação. Nesse sentido, as experiências, sobretudo, a partir das disciplinas de Estágio em Regência em sala de aula, foram às vezes empolgantes e, outras, desmotivadoras. No “chão da sala de aula”, em muitos momentos a realidade era bem diferente das discussões e críticas teóricas generalizadas que eu e colegas da graduação possuíamos em relação à educação e o saber histórico escolar. Nesse contexto, o ensino para mim deixou de ser teoria e passou a ser prático. Estar em sala de aula, atuando diretamente enquanto professor foi tão perturbador como me estranhar com questionamentos sobre a ideia de “verdade histórica”<sup>1</sup>, no primeiro semestre da graduação.

Depois disso, lembro-me de várias vezes em que questioneei seguir a profissão de professor. E, assim, em meio a empolgações e desafetos com a carreira, no último semestre de minha graduação fui contratado pela Secretaria de Educação do Ceará (SEDUC) para ministrar aulas numa escola de ensino médio, em Crato, mas a disciplina era Geografia.

---

1

Nesta nova fase, marcada pelo fim da graduação, ter que encarar o mercado de trabalho como temporário, os desafios desgastantes da sala de aula e a insatisfação com a prática numa disciplina diferente da minha formação, impulsionaram-me a fazer de tudo para passar numa seleção de mestrado em História com o intuito de conseguir opções profissionais melhores, talvez até seguir uma carreira na pesquisa e/ou me tornar professor universitário.

Em 2011, a oportunidade se concretizou no Programa de Pós-Graduação em História e Espaços, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Na ocasião, desenvolvia como pesquisa as representações da região do Cariri cearense na produção de documentários de um grupo de cineastas denominado Caravana Farkas. A falta de bolsa de estudo, a distância da família e dos/as amigos/as, as crises pessoais em relação a minha não aceitação da própria homossexualidade e, talvez por isso, a falta de sentido que o meu projeto de pesquisa trazia para mim mesmo, fizeram deste momento, o mais pessimista e frustrante com relação as minhas vivências na área da História. Abandonei o mestrado no segundo semestre daquele ano.

Minha intenção mesmo era encontrar coragem para me entregar a outra formação. Mas, qual? Em meio a tantas dúvidas, precisava trabalhar. Foi, então, quando consegui umas poucas horas-aulas na rede particular de ensino básico. Logo, conquistei também a oportunidade de ensinar em uma escola pública de ensino fundamental. Além do contraste entre uma realidade pública e privada, também esbarrei no fato de uma se localizar zona rural e outra da zona urbana e, ainda, em cidades diferentes. De modo geral, lecionei disciplinas como Sociologia, Filosofia, Geografia, Estudos Regionais, Artes, Ensino Religioso e, finalmente, História. Por variados motivos, ambas as experiências foram principalmente desgastantes e desmotivadoras.

Na escola particular precisei lidar com a obrigação de ensinar muito conteúdo em pouco tempo, pouca autonomia como professor, salas superlotadas, indisciplinas, e preocupação mais com resultados quantitativos do que a formação de um cidadão crítico. Na pública, a precariedade da escola e as dificuldades de aprendizagem dos/as alunos/as eram bem mais visíveis, assim como situações de prostituição, uso de drogas, violência, cheguei a ser ameaçado por um aluno do sétimo ano.

Senti-me totalmente despreparado profissional e psicologicamente para lidar com tantos desafios. Neste contexto, o sentido em ser professor foi prioritariamente pelo financeiro e não via a hora de me enveredar por outro rumo

profissional. Assumi meus compromissos, planejava as aulas, cumpria as tarefas burocráticas, mesmo considerando-as chatas, mas a frustração pela falta de “feedback” e apatia dos/das discentes para com as proposições em sala de aula, etc, foram mais determinantes que os momentos de empolgação e alegria.

Insatisfeito, participei de uma seleção para o ensino médio, numa escola estadual de ensino profissionalizante (EEEP), em Crato, Ceará. Na ocasião, foi minha “luz no final do túnel”. Assinando contrato de 200 horas-aula com dedicação exclusiva, abri mão das escolas anteriores. Nesta nova realidade educacional, deparei-me com uma boa estrutura e gestão escolar presente e mais preparada no tratamento das questões pedagógicas. Além disso, passei a lecionar praticamente só a disciplina História e atuar no ensino médio, perfil estudantil do ensino básico que mais me identifico ainda hoje. Fora nesta realidade que me (re)encantei como professor de História e (re)encontrei sentidos pessoais para lecionar, mesmo diante de problemas educacionais que acompanham o ensino básico escolar brasileiro, especialmente o público.

Não sei se nesse percurso eu tenha sido fraco para encarar a educação na sua complexidade, ou, quem sabe, estivesse procurando “facilidades”. Se fui exigente em buscar certa qualidade de vida no meu trabalho, ou se de fato mesmo, tornei-me professor mais por omissão a outros desejos profissionais. Todavia, prefiro acreditar que o fato de ser professor não necessariamente devo me conformar com todas as formas que a educação se apresenta na nossa atual realidade. Inclusive, exigindo competências para além daquilo que a profissão deveria dar conta. Busquei um mínimo de estrutura que pensava ser necessária para eu trabalhar e que me deu novas aspirações para continuar atuando na profissão.

Pelas experiências e amadurecimento ao longo de minha jornada, compreendi o quanto a vida de professor é cheia de altos e baixos, de alegrias e tristezas, desafios e superações. É um desafio, precisa de muita coragem, dedicação e vontade para atuar de cabeça erguida, diante de tantos problemas e desvalorização social da profissão. Mas, é preciso, indiscutivelmente, ser esperançoso e acreditar na potencialidade do ensino em transformar vidas. É, acima de tudo, um ato político cotidiano. Hoje, mesmo às vezes questionando se realmente é isso que quero por toda a vida, reconheço minha importância na formação de uma geração cheia de esperanças e realizações para buscar “vencer na vida” e ajudar a sua comunidade e o mundo no caminho do respeito, igualdade e justiça social.

Atualmente, reconhecer-me como professor é mais confortante que outrora. Participar de uma greve de professores/as, em 2016<sup>2</sup>, também me deu um pouco desta coragem para assumir a minha profissão. A história é um campo de luta, o que inclui também o ensino de História. Fazer história é lutar politicamente por aquilo que acredito em conformidade com os direitos humanos. Reconheço-me, acima de tudo, contribuindo para com o ensino público, na qual vivenciei ao longo de minha vida. Reconheço-me lutando pelo respeito das “minorias”. Reconheço-me estranhando os alunos sobre todas as formas de exclusões. Reconheço-me contribuindo junto com estes estudantes a fazer da escola um meio para lançar “voos pessoais mais altos”, e, ao mesmo tempo, não se esquecer da sua atuação como sujeito histórico que pensa sobre a coletividade.

Se entrei no curso de História por “faltas de opções”, por outro lado, continuei porque fui construindo uma forte identidade com o mesmo. Mas, é claro que a realidade prática em sala de aula e no espaço escolar, apesar de extremamente significativas, não foram às únicas determinantes para a construção desta identidade docente. Cito também as formações continuadas, institucionalizadas ou não, que contribuíram igualmente para meu reconhecimento com a docência no ensino de História, bem como para a minha compreensão social da aprendizagem histórica. Deste modo, merece ser destacada também a Especialização em Ensino de História: Suas Metodologias e Pesquisa, iniciada no segundo semestre de 2014, na URCA.

A experiência de quase dois anos, aproximou-me de discussões teóricas mais atuais sobre o ensino de história e a produção do conhecimento histórico. Levaram-me a repensar minhas compreensões sobre o ensino de história, passando agora a considerar suas potencialidades para além da prática da docência, percebendo também enquanto campo de estudo e objeto de pesquisa. Pois, como defende Cerri (2009) o ensino de história deve ser entendido como um fenômeno social, não se restringindo à educação formal. Ou seja, “um conjunto de muitas possibilidades, tantas quantas são as concepções e os usos sociais de História possíveis” (CERRI, 2009, p.150).

Permitiu-me compartilhar vivências com colegas professores/as da mesma área e de diversas realidades escolares. Trouxe-me questionamentos práticos das metodologias que praticava/pratico em sala de aula, dos conteúdos que eu

selecionava/seleciono, das problemáticas que lançava/lanço aos/as estudantes, das (des)construções que poderia/posso estar realizando, e, consideravelmente, a parar e refletir os sentidos da história para minha vida e minha contribuição para a sociedade, principalmente no que concerne a pesquisas sobre identidades e (des)igualdades de gênero e sexualidade.

### **Experiências em gênero e sexualidade: distanciamentos e aproximações pessoais e teórica**

Neste ponto, gostaria de enfatizar como ao longo de meu processo formativo, fui-me distanciando ou me aproximando dos temas de gênero e sexualidade. Lembro-me que quando decidi cursar a especialização, estava motivado menos pela temática do ensino de história, do que pelas necessidades pessoais e sociais de construir uma pesquisa acadêmica sobre a homossexualidade.

Durante boa parte da minha vida sofri na pele, devido meu comportamento “afeminado” e, por isso, inaceitável para meus familiares, colegas e vizinhos. Minha infância e adolescência fora marcada, quando não pelo silêncio, por práticas e discursos repressivos, seja na família, seja na rua ou nas escolas nas quais estudei. Expressões como “viadinho”, “bichina”, “baitola”, “toma jeito de homem”, “fala que nem homem”, desde cedo me acompanharam, somadas aos discursos religiosos que me faziam condenar a mim mesmo, meus desejos, meus sonhos e afetos homoafetivos, por ser considerado “pecado”. Imerso em um contexto cristão e de família católica, perco as contas de quantas vezes chorei desejando exorcizar meus sentimentos amorosos e desejos sexuais. Para sobreviver fui obrigado a negar minha homossexualidade e tentar me enquadrar no que era considerado “correto” e “natural”.

Dedicar-me aos estudos foi minha principal justificativa familiar para a falta de namoradas. Na escola, não foi diferente, o que deveria ser um “lugar de inclusão”, foi onde vivi, da mesma forma, momentos de tristeza e baixo autoestima, diante de brincadeiras e piadas homofóbicas. Por este motivo, no meu primeiro ano do ensino médio mudei de escola e, ao longo de toda educação básica me via obrigado a provar que era “homem” para os/as colegas. Além disso, não me recordo nenhuma ocasião em que as identidade e (des)igualdades de gênero fora posta em evidencia ou

que as variadas formas de preconceito e discriminações foram problematizadas. Vivia num ambiente que de fato não era para pessoas como eu. Mesmo assim, joguei-me nos estudos como uma forma de mudar minha realidade social, uma mudança que não incluía expor e vivenciar meus sentimentos homoafetivos.

Por tudo isso, não esperava ser diferente na universidade. De fato, minha formação no curso de Licenciatura Plena em História, pela URCA, entre o período de 2006 a 2010, fora dentro de um contexto de raras exceções em que professores/as tentaram historicizar as ideias de gênero e sexualidade. Nem havia ofertas de disciplinas que pudessem trazer tais categorias como objetos de análises. Além disso, passei todo este período fingindo ser hétero, com medo de não fazer ou perder amigos/amigas e ser negado pela minha família. Recusava publicamente quaisquer aproximações com temas e pessoas que não dissesse respeito à heteronormatividade, inclusive, como proposição de pesquisa acadêmica.

Por outro lado, a universidade, ainda que timidamente, trouxe-me certa aproximação com tais debates. Destaco uma disciplina, cuja professora incluiu em sua bibliografia, a história das mulheres e da sexualidade. Também, pela primeira vez, conheci professores/as que viviam relações homoafetivas publicamente. Ainda foi a partir da universidade que conheci a luta de alguns movimentos locais<sup>3</sup> que reivindicam e reivindicam até hoje os direitos das mulheres e dos LGBTTs.

Se outrora absorvia apenas discursos impetuosos que conferiam a homossexualidade caráter de doença, crime e/ou pecado, passei, aos poucos, no ensino superior, a lidar com novos olhares e perspectivas para esta realidade. Tal ampliação de visões foi importante até mesmo para minha própria aceitação sexual e a minha necessidade de realizar pesquisa sobre a homossexualidade no contexto brasileiro, com o intuito de evidenciar as desigualdades sexuais e contribuir por uma sociedade mais justa e igualitária, mesmo que estas reafirmações só viessem a ser encaradas por mim somente após o término da graduação.

Como toda formação cultural, este processo de desconstrução e construção requereu tempo. Da perspectiva pessoal, assumi minha homossexualidade abertamente a partir de 2011. Já a mudança acadêmica, o momento crucial foi meados de 2014, quando resolvi adentrar a especialização em “Ensino de história” com a proposição de pesquisar sobre a homossexualidade na região do Cariri cearense.

---

3

No contexto do referido curso as leituras e debates, especialmente envolvendo a ideia de consciência histórica, somadas às reflexões de minhas práticas enquanto professor de história no ensino médio, e os meus interesses iniciais de pesquisa, foram estímulos decisivos para eu construir uma problemática de pesquisa cujo tema da homossexualidade fosse atrelado ao ensino de história. Nesta etapa da minha formação o ensino de história ganhou ainda mais sentido na minha vida, como prática e como pesquisa ao relacionar com os debates de gênero e sexualidade.

Nesse sentido, desenvolvi como trabalho de conclusão da especialização um estudo explorando a construção da consciência histórica sobre a homossexualidade em estudantes de uma Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP), situada na cidade de Juazeiro do Norte-CE, no ano de 2015. A partir de narrativas escritas dos/as próprios/as estudantes, problematizei de que modo os/as mesmos/as experienciavam, interpretavam e criavam expectativas acerca da homossexualidade na contemporaneidade, situando suas relações com a escola, a família e as culturas juvenis atuais. E, foi com a intenção de aprofundar tal proposta, que ingressei no Mestrado Profissional de História (ProfHistoria), no segundo semestre de 2016.

No entanto, depois de uma situação vivenciada em sala de aula, neste mesmo período, a partir dos questionamentos e da reivindicação de um aluno transmasculino, do segundo ano do ensino médio, pelas memórias e identidades de transexuais na disciplina de história e na cultura escolar, fui movido por outros questionamentos: Até que ponto a escola e o ensino de história eram espaços de inclusão, de reconhecimento do multiculturalismo e da promoção de uma educação que respeitasse e incluísse as diferenças sexuais e de gênero? Em que medida problematizar as desigualdades entre homens e mulheres e trazer a cena a homossexualidade e homofobia eram suficientes? E o (não)lugar dos sujeitos trans na escrita histórica, na memória e no ensino?

### **Pesquisa no ensino de História e identidades trans**

Apesar de passar a se identificar enquanto homem trans, Oliver coloca que isto ainda não era bem definido consigo mesma, era uma “bagunça”, uma vez que, tinha momentos em que se via como “ela” e adorava seu corpo feminino.

E eu não me via encaixando naquele papel porque às vezes eu queria outras coisas, entendeu?! Expandir mais, assim. Como pôr uma roupa às vezes considerada como um padrão, né? Um padrão “feminino” né, entre aspas, ou então uma coisa mais masculinizada. E eu queria está fazendo essa mistura por algum motivo que eu não entendia. (p. 3)

Por conta dessa sua fluidez de gênero sofreu críticas de homens e mulheres trans binários nas rodas de conversa que participava, pois diziam que ela enfraquecia o movimento deles. Em casa, os pais passaram a coloca-la dentro de outra caixinha, agora vendo-a apenas enquanto um menino. “Aí meu pai começou a dar roupas, a trazer cuecas, a trazer as coisas pra mim e eu só aceitando. Teve um momento da minha vida que eu já estava meio assim: acho que eu não quero mais isso não!” (p. 6).

A sua satisfação pessoal se deu quando percebeu que poderia equilibrar o binarismo homem-mulher consigo mesma, nesse sentido,

Eu posso simplesmente usar uma saia, como também posso usar uma camisa comprida e posso adequar isso de uma maneira que me faça bem como usar uma regata e usar um calção super folgado. Fazer de um modo que me faça bem tranquila, eu posso tá com o cabelo (que eu estou deixando crescer), pode estar na cara, como às vezes na faculdade eu amarro. Ai, eu passo um batom mas, continuo com as vestes “masculinas”, entre aspas (p.7).

Neste processo ela nos conta que desde o ensino médio e agora na faculdade, faz terapia para se entender e se afirmar enquanto trans não binário. Esta nova compreensão de si também foi perceptível no seu nome por isso, quanto ao nome, não demonstra ter problema em ser chamado/a na forma masculina ou feminina como, por exemplo, July, July Oliver, Julya. Mas, ele/a não deixa de destacar sua preferência por apelidos do tipo Oli ou Jú que deixam indefinidos o binarismo homem ou mulher.

Sobre cirurgias como mastectomia e resigniação sexual e outras mudanças no corpo através de uso de hormônios demonstra não ter necessidade, pois “Hoje em dia eu já me sinto bem com o meu corpo, porque eu tentei me colocar enquanto é... duas, duas pessoas, não é duas pessoas. Como dois gêneros, que



necessitam de um corpo só pra se afirmar como alguma coisa” (p.8). Além disso, Oliver carrega consigo também a identificação como cantora e para ela o uso da testosterona causaria problemas na voz.

Eu não queria estragar a minha voz feminina, eu não queria cortar a minha voz feminina e acabar com ela porque os homens trans vão ficar com a voz um pouco mais grave. E ela não volta quando você pára a testosterona, ela fica com falhas, não é a mesma coisa.

Partindo disso, é que tomo como objeto de análise desta dissertação a identidade trans e o ensino de História. Desta forma, o objetivo geral é compreender a construção de identidade de sujeitos transexuais e sua relação com o ensino de História.

Especificamente, pretendemos problematizar como a escola interfere no processo de construção das identidades em estudantes transexuais; entender as influências das escolas e do ensino de História escolar para autorreconhecimento de transexuais; e, propor sequências didáticas para o ensino de História escolar, reconhecendo as necessidades contemporâneas dos temas Gênero e Sexualidade a partir de uma perspectiva multicultural.

As principais problemáticas são: Como se dá a relação entre a transexualidade e o processo de escolarização? Quais experiências os sujeitos que se reconhecem como transexuais vivenciam na escola? Como a cultura escolar e o ensino de história contribuem ou não para o reconhecimento dos/as estudantes não cisgêneros enquanto sujeitos históricos e para a construção de suas identidades?

Do ponto de vista acadêmico, o trabalho se justifica diante dos poucos estudos que vamos encontrar sobre a temática no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), bem como as ausências da relação entre transexualidade e ensino de história. Em 2009, a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) já nos alertava para

a importância de se promoverem ações que forneçam a profissionais da educação diretrizes, orientações pedagógicas e instrumentos para consolidarmos uma cultura de respeito à diversidade de orientação sexual e de identidade de gênero. Para isso, resulta igualmente indispensável estimular a produção e a difusão de estudos e pesquisas nestas áreas (SECAD, 2009, p.08).

Todos os debates envolvendo gênero, em especial, a transexualidade estão dentro da grande temática de diversidade que está posta na Constituição Federal de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). O tema da diversidade também atravessa a formação de professores, é uma exigência legal, e deve ser trabalhado em todos os níveis. Professores/as de história também tem que ter uma formação para discutir gênero e sexualidade, inclusive o próprio curso do ProfHistória possui no seu quadro a proposição da disciplina eletiva Ensino de História e Relações de Gênero<sup>4</sup>. Além disso, na área da História, incentivar e difundir estudos e pesquisas sobre tais temas significa também reivindicar o lugar das transexuais na história e memória, o que está intimamente ligada com o autorreconhecimento da população LGBTTs como sujeitos históricos.

Do ponto de vista social, tais reflexões estão diretamente articuladas com o enfrentamento da violência, do preconceito, discriminação e da prática do bullying e do cyberbullying<sup>5</sup>, especialmente contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.

No Brasil, a inclusão de transexuais na educação formal, de um modo geral, é extremamente problemática, especialmente para aqueles(as) que assumem sua identidade transexual desde muito cedo. Esta dificuldade está imersa pelo preconceito e a discriminação em relação aos sujeitos que não são enquadrados no padrão heteronormativo, enraizada na sociedade e institucionalizada, sobretudo, nos espaços formais de educação, promovendo a ausência significativa de estudantes transexuais nas escolas e nas universidades.

Além do que, vivemos em um país cujo número de transexuais e travestis assassinadas por transfobia é maior que o número das mesmas que têm acesso a universidade pública. O estado do Ceará se configura hoje como o segundo estado mais violento para transexuais e travestis. Todos estes assassinatos representam o quanto ainda os mesmos são sujeitos abjetos.

Consideramos que refletir a cultura escolar e as questões de gênero e sexualidade tornam-se extremamente importantes para que, enquanto educadores,

---

4

5 Lei nº 13.185/2015-Lei de combate ao bullying. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/13185.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/13185.htm). Acesso em: 31/10/2017.

(re)avaliemos nossas práticas e posturas na busca do reconhecimento do multiculturalismo e da promoção de uma educação que respeite as diferenças sexuais e de gênero.

## **Capítulo 1 – Meu lugar de fala: estranhamentos acerca de sujeitos transexuais no Ensino de História**

Em agosto de 2016, começava minhas aulas no Mestrado Profissional em Ensino de História, na Universidade Regional do Cariri (ProfHistoria-URCA), e tão quanto fui estranhado no primeiro encontro da disciplina “História do Ensino de História” sobre os sentidos da produção, do ensino e da aprendizagem históricas, no mesmo período, uma experiência, como professor da educação básica, surpreendia-me e me fazia refletir algo parecido: Qual(is) o(s) sentido(s) do ensino de História em estudantes, especialmente, transexuais?

O presente capítulo busca refletir uma de minhas experiências como docente, a partir da abordagem Gênero e Sexualidade, e os motivos que me levaram a estranhar o lugar dos sujeitos transexuais no ensino de História, no século XXI, por meio da vivência em sala de aula com um/a estudante que se reconhecia como transexual.

### **1.1. História do Brasil Colonial, a partir da abordagem Gênero e Sexualidade!?**

Era o terceiro bimestre do ano letivo de 2016, as discussões das turmas minhas quatro turmas do segundo ano do ensino médio giravam em torno do tema Brasil Colonial, especialmente, os subtemas Religião e Sociedade, na América portuguesa.

Posto um contexto histórico atual marcado pela intolerância religiosa e as desigualdades sociais, raciais, de gênero e sexualidade, inclusive nos espaços escolares, senti a necessidade de aprofundar um pouco mais os debates para além da proposta didática, tanto no sentido da hora-aula quanto em conteúdo. Nesse sentido resolvi trabalhar um mesmo capítulo em dois momentos diferentes. O primeiro, discutindo religião e religiosidade, e, o segundo, debatendo os aspectos sociais; ambos com aproximadamente duas horas/aula para cada discussão.

No primeiro momento, as questões Gênero e Sexualidade foram conectadas aos aspectos do Tribunal da Inquisição no Brasil, destacando, principalmente, a perseguição contra homossexuais, prostitutas e praticantes da bigamia. Também problematizei parte de um sermão, do século XVII, lido num auto de fé, cerimônia de penitência pública contra hereges, destacando o crime da sodomia praticado por homossexuais. Como se pode observar nos dois slides abaixo:

### Tribunal da Inquisição ou Tribunal do Santo Ofício no Brasil

- Entre os séculos XVI e XVIII;
- Cerca de 1.074 presos;
- Cerca de 29 para a fogueira.



**Perseguidos**

- Cristãos-novos (Maioria);
- Indígenas e africanos acusados de feitiçarias, blasfêmias;
- Homossexuais;
- Prostitutas;
- Acusados de bigamia.

**Eis o trecho de um discurso homofóbico lido num sermão de um Auto de Fé de Lisboa em 1645:**

*"O crime de sodomia é gravíssimo e tão contagioso, que em breve tempo infecciona não só as casas, lugares, vilas e cidades, mas ainda Reinos inteiros! (...) É tão contagiosa e perigosa a peste da sodomia, que haver nela compaixão é delito. Merece fogo e todo rigor, sem compaixão nem misericórdia!"*

Vários índios foram acusados de beber jurema e "descer demônios", enquanto o mestre tocava o maracá entoando a dança embalada pela cantoria indígena.

No segundo momento, além de marcadores sociais, raciais e geográficos, aproveitei para enfatizar ainda mais a temática a partir da perspectiva Gênero e

Sexualidade. Neste sentido, família, patriarcalismo e heteronormatividade foram conceitos chaves.

## Características gerais da sociedade colonial

- ▶ Patriarcal;
- ▶ Heteronormativa;
- ▶ Escravista;
- ▶ Pouca mobilidade social.



Pontuei que não existiu apenas um modelo de família, porém o modelo social e juridicamente aceito era o da família patriarcal e heterossexual. Ou seja, o homem, heterossexual era o provedor e chefe da família.

## Faces da família heterossexual colonial

- ▶ **Não houve um modelo único de família, destaque para:**

### I. Família extensa ou patriarcal

- Nordeste açucareiro;
- Centro de poder político e econômico local;
- Poder do patriarca;

- Parentes de sangue
- Parentes simbólicos: (padrinhos, afilhados...)
- Agregados ou protegidos
- Escravos;

### II. Família nuclear

- O patriarca sem tanto poder de mando;
- Descendentes constituíam família própria, em outro domicílio;

- Marido
- Esposa
- Filhos legítimos

### III. São Paulo (Em alguns casos):

- Liderança da mulher: na família e nos negócios;
- Maridos ausentes, devido as expedições;

- ▶ **Famílias ricas:** filhos estudavam desde cedo;
- ▶ **Famílias pobres:** filhos trabalhavam desde cedo;

Em relação ao sistema patriarcal, foquei no controle e na violência do homem sobre a mulher e no código legal das Ordenações Filipinas que

institucionalizava tal violência. Infelizmente, a resistência ao modelo de família heterossexual daquele contexto, bem como, a própria resistência feminina não foram questões exploradas nas aulas.

► **Violência à mulher:**

Na Colônia, no Império e até nos primórdios da República, a função jurídica da mulher era ser subserviente ao marido. Da mesma forma que era dono da fazenda e dos escravos, o homem era dono da mulher. Se ela não o obedecia, sofria as sanções.

[http://www12.senado.leg.br/jornal\\_e\\_dicoes/espectais/2018/07/04/na-epoca-do-brasil-colonial-lei-permitia-que-marido-assassinasse-a-propria-mulher](http://www12.senado.leg.br/jornal_e_dicoes/espectais/2018/07/04/na-epoca-do-brasil-colonial-lei-permitia-que-marido-assassinasse-a-propria-mulher)

A vida do Brasil colonial era regida pelas Ordenações Filipinas, um código legal que se aplicava a Portugal e seus territórios ultramarinos... as Ordenações Filipinas asseguravam ao marido o direito de matar a mulher caso a apanhasse em adultério. Também podia matá-la por meramente suspeitar de traição — bastava um boato. Previa-se um único caso de punição. Sendo o marido traído um "peão" e o amante de sua mulher uma "pessoa de maior qualidade", o assassino poderia ser condenado a três anos de desterro na África.

► Mas, muitas **mulheres também resistiram;**

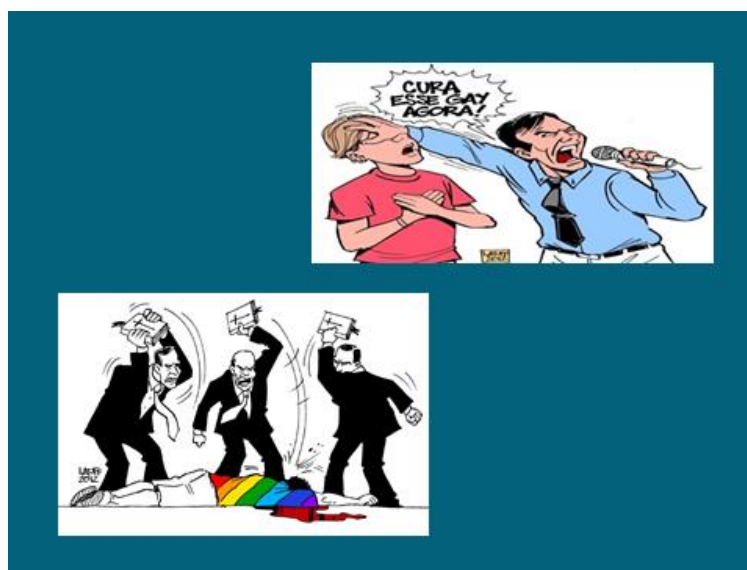
## 1.2. Diálogo passado/presente

Compreendendo que refletir as ações humanas do passado só tem sentido no diálogo com o presente, todos os aspectos da sociedade colonial trazido para sala de aula, foram no sentido de entendê-los como fenômenos constituídos historicamente, que influenciaram e influenciam profundamente o Brasil na contemporaneidade, evitando sempre a naturalização dos acontecimentos.

Deste modo, ao explorar os variados aspectos citados anteriormente procurei, junto com os/as estudantes, comparar com a atual sociedade brasileira. Esta prática torna-se fundamental, pois, permite-nos interpretar as *estratificações do tempo* (KOSSELECK). No caso, as mudanças e as permanências acerca de temas tão caros para construção de uma sociedade brasileira democrática, como o trabalho análogo à escravidão, o racismo e as exclusões e desigualdades sociais, e, não menos importante, o machismo, a persistência da violência contra à mulher, a homofobia, etc.

Na ocasião acerca da “Religião e religiosidade”, o dialogo com presente ficou bastante visível em duas situações envolvendo a relação entre religião e homossexualidade:

- 1) Apresentação de dois desenhos, sobre a chamada “cura gay” defendida por religiosos conservadores contemporâneos e a violência física praticada pelos/as mesmos/as e justificada por uma leitura determinista e naturalizada acerca da orientação sexual.



- 2) Exibição do vídeo “PALAVRA DO SENHOR (A BÍBLIA E OS GAYS)”<sup>6</sup>, produzido pelo canal do YouTube “Põe na Roda” – Promove uma reflexão sobre trechos da bíblia e suas interpretações por fundamentalistas que fazem uso do livro sagrado cristão para justificar a exclusão, o pecado e a intolerância contra a população LGBTT.

Já na ocasião sobre “Sociedade”, lancei a problemática das diversas faces da família na atual sociedade brasileira. Assim sendo, apresentei os seguintes vídeos para orientar a reflexão:

---

<sup>6</sup> Publicado em 09 de Dez. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cBXmUi-Vk8A&t=13s>. Acesso em 21 de Jan. 2019.



- 1) “A Nova Organização Familiar Brasileira” (00:05:08 min)<sup>7</sup>, matéria do jornal O Globo, de 2012 – O vídeo trata sobre transformações nos papéis de gênero e a multiplicação dos novos rearranjos familiares com base em censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), de 2010, na qual listou dezenove laços de parentescos familiares, a saber: famílias mosaicas, dinks, mães sozinhas com filhos, pais sozinhos com filhos, famílias homoafetivas, jovens sozinhos, idosos/as sozinhos/as, casados em casas separadas, amigos que moram juntos, etc., bem como as suas relações com os aspectos históricos, sociais, culturais, políticos e avanços da medicina.
  
- 2) “Vídeo em gráfico do perfil da família brasileira em cinco décadas” (00:07:12)<sup>8</sup>, produzido pelo jornal gaúcho Zero Hora, em 2012 – também, apresenta um histórico das transformações de famílias brasileiras heterossexuais, com base em dados do IBGE, de 2010, a partir das perspectivas do casamento civil e religioso, divórcio, união consensual, e, média de filhos/as.
  
- 3) Um dos vídeos (00:03:04)<sup>9</sup> do canal “YouTube Meu Bebê”, produção da empresa JOHNSON’S®, destaca a mudança dos papéis de gênero entre um casal heterossexual na criação de sua filha. O pai assume diretamente a criação da filha, juntamente com outro homem contratado para ser babá, enquanto isso, a mãe trabalha fora de casa.
  
- 4) “Daniela Mercury conta os segredos do seu relacionamento com Malu Verçosa”<sup>10</sup> (00:03:10), obra do canal do YouTube TV CARAS – Trata-se de uma entrevista da cantora Daniela Mercury e de sua companheira amorosa a jornalista Malu Verçosa, compartilhando questões como cotidiano, a paixão, intimidades do relacionamento e casamento.

---

<sup>7</sup> Compartilhado no site YouTube, em 14 de Out. de 2012. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ooaLSDF-R7M>. Acesso em 18 de Jul. 2018.

<sup>8</sup> Compartilhado no site YouTube, em 15 de Jul. 2011. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=k2cDDZ55kC4>. Acesso em: 18 de Jul. 2018.

<sup>10</sup> Publicado em 18 de Set. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ekYiH29VUP4>. Acesso em 21 de Jan. 2019.

- 5) “CASAMENTO GAY: QUER QUE DESENHE?”<sup>11</sup> (00:07:04), do canal do YouTube “Põe na Roda” – Versa sobre as dificuldades do entendimento da sociedade envolvendo as uniões homoafetivas, assim como, promove uma reflexão histórica da saga do casamento gay, no Brasil, desde da proposta do Projeto de Lei nº 1151, de 1995, da então deputada federal Marta Suplicy (PT), instituindo a parceria civil registrada, em 1997; até as resistências da bancada evangélica e parlamentares conservadores; o reconhecimento da União Estável Homoafetiva, em 2011, pelos ministros do Superior Tribunal Federal (STF); e, conversão da União Homoafetiva em Casamento, em 2013, pelo Conselho Nacional de Justiça, assim, os casais gays passaram a ter as mesmas garantias de casais heterossexuais, porém, ainda sem garantia de lei.
- 6) “Filhos revelam como é crescer em lar com pais gays Notícias Cotidiano”<sup>12</sup> (00:04:48), criação do UOL Notícias – Três jovens contam como é ser criado por um casal homossexual. Narram o cotidiano, o amor paterno ou materno, amizade familiar, as descobertas da orientação sexual dos/as responsáveis, o preconceito e a discriminação que enfrentaram na escola.
- 7) Por fim, finalizamos com o material sobre a campanha “CEDDS - A Sua Voz Na Luta Contra o Preconceito”<sup>13</sup> (00:01:01), produzido pela Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual, vinculada à Prefeitura do Rio de Janeiro, em 2015. Atores famosos como Thiago Martins, Betty Lago, Bruno Gagliasso, Antônio Pitanga, Glória Pires, Mateus Solano, Marcos Pasquim, Stênio Garcia, Alexandre Borges e Paolla Oliveira, leva ao público uma compreensão dolorosa da violência causada pela LGBTfobia.

### **1.3. “É fácil falar de homossexuais, eu quero ver é falar de trans!”**

---

<sup>11</sup> Publicado em 16 de Set. 2014. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=tOv8HOp4x8g>. Acesso em 18 de Jul. 2018.

<sup>12</sup> Compartilhado no site YouTube em 25 de Ago. 2014. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=n7eXRyGBE4k&t=19s>. Acesso em: 18 de Jul. 2018.

<sup>13</sup> Publicado em 02 de Jul. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ub16IHFLxB0>. Acesso em: 18 de Jul. 2018.

Apesar de meus avanços, enquanto professor, ao trabalhar com a diversidade sexual, um assunto ainda polêmico na educação, problematizando experiências de homossexuais femininos e masculinos, na História do Brasil, em nenhuma ocasião coloquei diretamente as realidades de pessoas transexuais e/ou travestis nas três turmas que usei o mesmo plano de aula. Só passei a fazer uma auto reflexão e a estranhar as invisibilidades e indizibilidades de tais sujeitos quando escutei ecoar, no final da minha argumentação sobre sociedade colonial, na turma do curso de Regência em Música, a seguinte frase: “É fácil falar de homossexuais, eu quero ver é falar de trans!”.

A afirmação e o desafio apresentado vieram como uma flecha, deixando-me sem palavras, pois de fato, nunca havia parado para pensar na existência de transexuais dentro da minha realidade escolar, nem mesmo, na relevância do tema para a construção de uma cultura de respeito à diversidade trans. O/a arqueiro/a em questão era Gabriel Oliver, transexual masculino cansado/a de não se identificar como sujeito histórico diante da negação das historicidades da transexualidade e dos transexuais na cultura escolar que estava inserida.

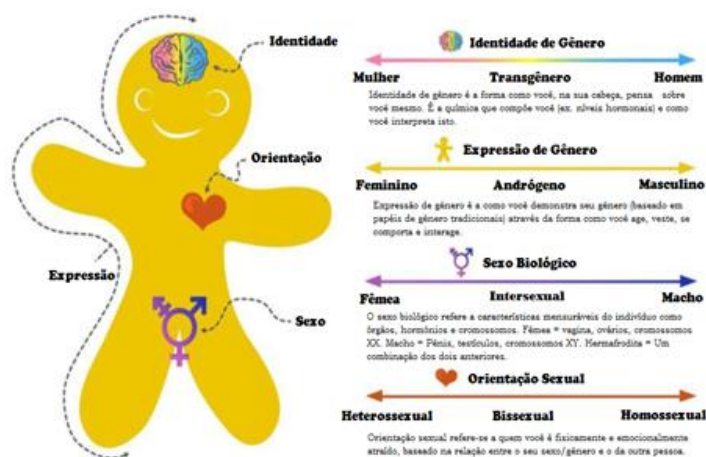
Com um sentimento de culpa, mas ao mesmo tempo, de se fazer justiça social, decidi preparar um plano de aula, especialmente, sobre transexualidade, utilizando como recurso slides, para ser executado na semana seguinte, sobretudo, em todas as turmas de segundo ano.

No primeiro momento desta referida aula destaquei as diferenças entre identidade de gênero, orientação sexual, sexo e expressão de gênero. Utilizei aquele esquema básico com a representação de um boneco com o símbolo do cérebro para identificar a identidade, o coração para orientação, e o símbolo da igualdade de gênero formado pelo masculino (seta para cima, que aponta a 45 graus), pelo símbolo feminino (cruz para baixo, que aponta a 180 graus) e pelo símbolo misto formado pela junção tanto do masculino como do feminino<sup>14</sup>, para identificar o sexo, como observamos abaixo.

---

<sup>14</sup> Disponível em: <https://stophomofobia.wordpress.com/2011/04/11/simbolos-e-seus-significados-na-cultura-lgbt/>. Acesso em 21 Jan. 2019.

## Os termos que expressam nossa sexualidade/afetividade:



Lembro-me que em todas as salas que abordei as diferenciações entre identidade, expressão de gêneros e orientação sexual houve uma grande dificuldade de entendimento por parte dos/as estudantes, pois, afirmavam que não entendiam nada, que era confuso demais, repeti minhas explicações tentando trazer o próprio caso do/a estudante da escola. Quando a dificuldade foi percebida na própria turma que o/a estudante trans estudava pedi para ele/a mesmo/a falar como se identificava do ponto de vista de identidade e orientação, e salientando que uma identificação não determinava a outra. Estas colocações foram bem significativas, uma vez que, colaboram ainda mais para confirmar as reclamações da estudante trans sobre a ausência da temática da transexualidade nas culturas escolares, e, por outro lado, da predominância dos debates a partir da perspectiva cisheteronormativo.

Outra imagem apresentada tratou-se da representação de um menino frente a um espelho se identificando com um salto alto, além da frase “Construindo IdentidadeS”, como percebemos a seguir.



Rememoro, igualmente, da situação em que ainda fiz uso da metáfora do espelho para destacar que a pessoa transexual não se reconhecia no corpo que nasceu, por isso, a necessidade de cirurgia de resignação sexual, mastectomia ou implantação de seios. A/o estudante, sujeito desta pesquisa, pediu uma fala e argumentou que não era bem assim, o fato dele/a se assumir até então como trans masculino, não significava, fundamentalmente, não se reconhecer no espelho, enxergar seu corpo com desprezo, nem querer fazer cirurgias.

Em seguida, apresentei exemplos de alguns/algumas transexuais que ganharam destaque na mídia. O primeiro citado foi o homem transexual AJ Kern, dos Estados Unidos da América (EUA)<sup>15</sup>, que nasceu “mulher” e até a sua identificação como transgênero, realizando a transição entre 2011 e 2012, passou por um processo conflituoso de aceitação enquanto gay, desde criança.

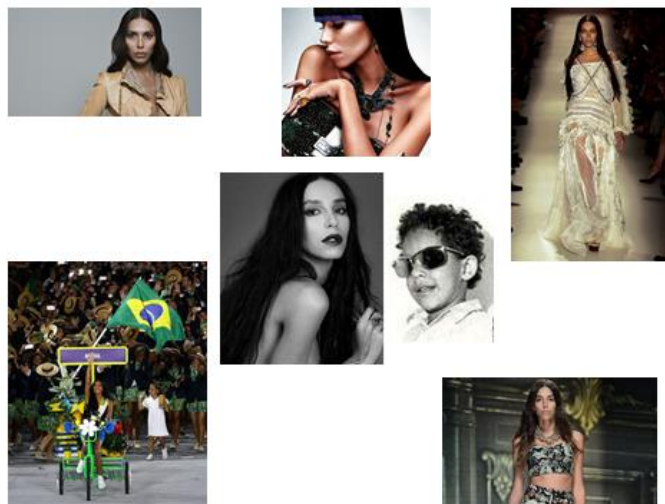
Sobre AJ Kern, foquei na transformação do corpo desde quando ainda se assemelhava como uma “mulher”, inclusive, no período que estava grávida, passando pela transição para o corpo “masculino”, através de cirurgias; e, na presença da família, agora como um homem transexual conforme identificamos nas imagens abaixo.



Depois, apresentei exemplos de dois/duas transexuais brasileiras que também, fizeram cirurgias. A primeira foi a transexual feminina Lea T, estilista e

<sup>15</sup> Ver matéria “Homem transgênero adiou sua transição para ter um bebê”. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Curiosidades/noticia/2015/08/pai-adiou-sua-transicao-de-genero-para-ter-um-bebe.html>. Acesso em: 21 de jul. 2019.

modelo famosa internacionalmente, considerada símbolo da luta contra o preconceito, que, em 2012, fez cirurgia de transgenitalização, na Tailândia.



De acordo com que percebemos acima, entre as imagens selecionadas, dei ênfase a sua vida como modelo fotográfica e nas passarelas; a sua notoriedade na qualidade de porta bandeira da equipe do Brasil, na cerimônia de abertura das Olimpíadas no Rio (RJ), em 2016, entrando para a história como a primeira transexual a ter um papel de destaque numa abertura olímpica desde que os Jogos foram criados, em 1896<sup>16</sup>; bem como, a comparação do antes e o depois de sua transição.

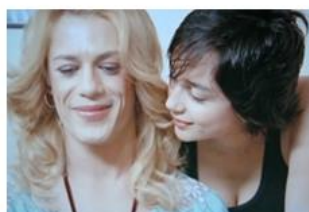
O outro transexual brasileiro elucidado foi o, então, Tammy Miranda, empresário, ator e ex-cantor-compositor-modelo. Tammy admitiu a homossexualidade, em 2006, e, depois, transexual masculino, em 2014. A proeminência dada, novamente, girou em torno da transição, a partir da retirada das mamas e o uso de hormônios masculinos, e comparações da sua imagem física anteriormente e posteriormente<sup>17</sup>.

<sup>16</sup> Ver matéria: “Lea T. brilha na abertura da Olimpíadas do Rio 2016”. Disponível em: <https://vogue.globo.com/moda/moda-news/noticia/2016/08/lea-t-brilha-na-abertura-da-olimpiadas-do-rio-2016.html>. Acesso em 21 de jul. 2019.

<sup>17</sup> Ver matéria: “Thammy Miranda mostra a transformação do corpo em revista”. Disponível em: <https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/celebridades/thammy-miranda-mostra-a-transformacao-do-corpo-em-revista>. Acesso em: 21 de jan. 2019.



Além disso, abordei um olhar sobre o universo das travestis. Primeiramente, através da indicação e uso de imagens do filme brasileiro *Elvis & Madona* (2011)<sup>18</sup>. Mescla de comédia/drama/ romance que versa sobre a história de amizade e amorosa entre as personagens Elvis, uma lésbica que trabalha como entregadora de pizza e que engravida de Madona, uma travesti que trabalha como cabeleireira. Indicado para faixa etária de quatorze anos acima, portanto, em acordo com a idade dos/as discentes de segundo ano do ensino médio, que compreende, geralmente, as fases entre os quinze aos dezesseis. As imagens citadas foram as seguintes:



<sup>18</sup> Direção: Marcelo Laffitte; Elenco: Simone Spoladore, Igor Cotrim, Sergio Bezerra, Maitê Proença, Buza Ferraz, José Wilker, Wendell Bendelack, Joana Seibel, Aramis Trindade, Pia Manfroni; Produção: Tuinho Schwartz, Marcelo Laffitte; Roteiro: Marcelo Laffitte, José Carvalho; Fotografia: Ulrich Burtin; Trilha Sonora: Victor Biglione; Duração: 105 min.; Distribuidora: Pipa Filmes; Estúdio Laffilmes. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-202462/criticas-adorocinema/>. Acesso em: 21 de Jan. de 2019.

Finalmente, trouxe um pouco das experiências de Wiarley Spears, atriz, dramaturga, professora, e, do mesmo modo, uma representação da travestilidade no contexto local, particularmente, devido ser a primeira travesti a concluir um curso superior, na Universidade Regional do Cariri (URCA), fato ocorrido, em 2016, quando se graduou em Licenciatura em Teatro. Compartilhei as seguintes imagens e informações que a mesma cedeu para uma matéria da Cariri Revista, no mesmo ano que colou grau<sup>19</sup>.

- CRÔNICA | A primeira delas
- **No final de junho, Wiarley Almeida (ou Wiarley Spears, ou só Wiarley, assim como é a Madonna) foi a primeira travesti a se formar na Universidade Regional do Cariri**
- por Pedro Philippe · em 11 de julho de 2016



---

<sup>19</sup> Ver matéria: “CRÔNICA | A primeira delas”, da Cariri Revista. 11 de Jul. 2016. Disponível em: <https://caririrevista.com.br/cronica-a-primeira-delas/>. Acesso em: 21 de Jan. 2019.



Preparei os slides com a matéria na íntegra, onde tratava de temas como a homofobia e transfobia sofrida por Wiarley nas ruas; as influências para sua descoberta enquanto travesti; sua compreensão “confusa” sobre as classificações de gênero e sua leitura de que “a diferença entre uma travesti e uma transexual é que as trans estão em processo de cirurgia para mudança de sexo”; a sua fase de sucesso no site do YouTube e em programas de TVs do Ceará, quando integrava o Bonecas do Crato, grupo que promovia covers de divas pops internacionais, mas também, a ridicularização pública promovida pelos apresentadores dos programas que o grupo participou e a conformação de que sem deboche não existiria audiência.

Porém, preocupado com o tempo da aula, fiz uma leitura coletiva apenas dos trechos abaixo que abordavam a transição de Wiarley; seu medo e insegurança provocados pela intolerância de gênero; seu processo de formação acadêmico e profissional, principalmente, como professora da rede estadual de ensino médio.

- Foi no Campus Pirajá, onde a Urca abriga o curso de Teatro, que Wiarley diz ter se sentido livre “para que eu pudesse mostrar quem eu realmente queria ser”. Na conversa que tive com ela, notei como ela é grata aos professores, colegas e, principalmente, à Universidade – não a instituição, mas o espaço: “lá você é livre para se expressar, você pode ser quem você é”. A Wiarley nasceu em 2012 e, até então, era o Wiarley que se vestia de mulher esporadicamente, para incorporar Britney Spears, mesmo sem nenhuma semelhança.
- Wiarley existe dentro de salas de aula do Ensino Médio há quatro anos, desde que passou a ser professora de Artes através de um projeto da faculdade. Ela passou pelo Estado da Bahia, no Crato, depois Adauto Bezerra e Maria Amélia, no Juazeiro. Alunos das três escolas seguiram seus passos e sob a liderança dela criaram a Cia. Mácara de Teatro, que já tem quatro espetáculos apresentados, três deles com roteiro escritos por Wiarley. Pergunto se o tempo como professora foi bom e ela responde sem pensar, fazendo crescer um sorriso: “Foi tão bom, que dali nasceu minha companhia de teatro”.

- “Ainda dói”, ela diz, quando pergunto o que o preconceito causa nela. “Não são olhares como quem assiste a um espetáculo meu, me admirando. São pessoas que olham pra mim como se eu fosse uma aberração, sei lá, como se eu nem devesse existir. Mas eu ignoro porque, se eu fosse dar importância...”, ela sorri em vez de terminar a frase e eu sorrio também porque eu sei que ela não anda de uma esquina a outra sem incomodar pelo menos uma pessoa, porque ela foi a primeira travesti que eu entrevistei na redação da CARIRI Revista, então espero que ela seja também a primeira professora travesti em mais escolas da região.
- “Não me sinto segura nem em casa, não que minha casa não seja um lugar acolhedor, porque é. Mas porque eu não estou segura nem por um minuto. Eu saio de casa sem saber se vou voltar porque a gente vive em um país que mata travestis e transexuais. Apesar da sociedade ser homofóbica, eu ainda tinha mais aceitação como gay. Aumentaram as piadas, os cochichos, os olhares”.
- Quem vê Wiarlley na rua pode suspeitar que ela sempre teve a voz fina e que a vida dela era difícil a partir do momento em que abrisse a boca na escola, e que, de tão difícil que foi se assumir gay, ela achou que nunca teria coragem de se assumir também travesti. Alguém esclarecido, que não vê problema em um homem usar saia, que não se importa com o que o outro faz da própria vida, que não se limita à sigla LGBTQI (que pode ter sido atualizada enquanto você lia esse texto), porque o que importa é ser o que acha que é. Alguém que enxerga pessoas além do que elas aparentam ser, que não perde tempo pensando “é homem ou é mulher?” e que vê Wiarlley na rua, irá sentir orgulho mesmo sem conhecê-la bem, irá sorrir para ela, sentir-se grato por ela ser a primeira de muitas que virão e vai seguir andando, desejando silenciosamente que ela tenha um futuro brilhante.

## **1.4. Materiais didáticos e a presença/ausência dos diálogos em Gênero e Sexualidade**

### **1.4.1 Livro Didático de História**

Um dos materiais didáticos utilizados para embasar a discussão sobre religião, religiosidade e sociedade no Brasil Colônia foi o livro didático “História - Das cavernas ao terceiro milênio: Da conquista da América ao século XX”, da editora Moderna, escrito pelas historiadoras Myrian Becho Mota e Patrícia Ramos Braick. O livro foi um dos materiais aprovados pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) para o triênio de 2015 a 2017, e escolhido na referida escola por outro professor, em 2014<sup>20</sup>, que, também, lecionava a mesma disciplina<sup>21</sup>.

O livro divide-se em dezesseis capítulos, entre eles, o “Capítulo 6: Religião e sociedade na América portuguesa”. Ao todo, o capítulo contém dezesseis páginas e, em oito destas, são partilhados os seguintes subtemas: Evangelização e Inquisição (As missões jesuíticas; O Tribunal da Inquisição); Religiosidade popular na colônia; As várias faces da família colonial (Casamento, privilégio de poucos); Arraias, vilas e cidades; Dos desclassificados aos “homens bons”; Os escravos africanos (Gritos para liberdade; A “brecha camponesa”).

As outras sete páginas são dedicadas para exercícios práticos subdivididos da seguinte forma: Texto complementar: Reis do Congo: faces do catolicismo no Brasil e no Congo; Atividades; Decifrando o Enem; Questões do Enem e de vestibulares; Técnicas de trabalho: Pesquisa (Barroco mineiro).

Em uma breve análise da visão de História presente no capítulo determinado, percebemos a sua importância ao evidenciar as abordagens da “História Cultural” e da “História vista de baixo”, trazendo problemáticas relacionadas ao patrimônio cultural, sincretismo religioso, família, práticas religiosas afro-indígenas e

---

<sup>20</sup> Neste período estava fora da escola, devido tomar posse como professor efetivo na rede municipal de ensino, no município de Iguatu, Ceará, fato que durou algumas horas quando pedi exoneração por não conseguir me adaptar a precariedade, a indisciplina e ter que lecionar disciplinas como exemplo as de Geografia e Artes, nas quais não tinha nenhuma formação. Um mês depois acabei voltando para a realidade de professor temporário na escola em questão.

<sup>21</sup> Até meados de 2014, eu ministrava aulas de História na EEEP nas turmas de primeiro e terceiro anos, o outro professor de História, efetivo, ficava responsável pelas turmas de segundo ano, conforme lotação da direção.

movimentos artísticos; bem como, sujeitos históricos negros, indígenas e mulheres; e fontes históricas como representações pictóricas, gravuras e trechos de textos científicos produzidos por historiadores/as, em diversos contextos históricos.

No que diz respeito às ideias de ensino-aprendizagem, as autoras demonstram uma influência de uma pedagogia sociocultural ao evidenciar em seus questionamentos e nas propostas de atividades contextualizadas, além de propostas de trabalho de pesquisa a preocupação na construção de uma consciência mais complexa (RÜSEN; CERRI), mais embasada nas pesquisas historiográficas.

Contudo, a mesma parte do livro didático apresenta uma séria limitação do ponto de vista de Gênero e Sexualidade. A grande ênfase é dada a história dos homens, sem intenção de diminuir a importância da mesma, mas há uma profunda desigualdade no que se refere ao espaço dado à história das mulheres.

Entre as precárias informações sobre a mulher, observei uma pequena citação acerca das benzedeadas, e um pouco de conhecimento a mais ao referenciar as mulheres heterossexuais no que concerne ao tema da família, com ênfase na ideia da submissão feminina diante do sistema patriarcal, e, ao informar, em quatro linhas, parte mais longa sobre as mulheres no capítulo específico, o “protagonismo” feminino em algumas partes da colônia, a exemplo de São Paulo, “onde desempenhavam um papel de liderança no núcleo familiar e na administração dos negócios, devido ao grande período de ausência dos homens na cidade, comprometidos com as bandeiras no sertão nordestino” (BRAICK; MOTA, 2013, p. 72).

Outras informações onde as mulheres são minimamente citadas são as seguintes: no reconhecimento do Estado perante as uniões afetivas heterossexuais entre portugueses e mulheres europeias e indígenas, porém, vista com maus olhos pela Igreja Católica, que considerava tais práticas um desrespeito ao sacramento do matrimônio, logo, pecaminosas; na comparação das formas de trabalhos entre homens e mulheres marginalizados/as; na referência das escravizadas africanas de aluguel, que trabalhavam como prostitutas, e “negras do tabuleiro”, que entre outras atividades, vendiam doces e quitutes; e, na relação com a resistência de negras cativas contra o sistema da escravidão, como os abortos e relacionamentos amorosos com seus senhores.

Nesse sentido, não é surpresa a gritante ausência em relação às identidades de gênero e orientações sexuais que fogem do padrão cisheteronormativo. Por isso, em nenhum momento vemos qualquer alusão às pessoas LGBTTs. A partir do

livro didático, tais sujeitos silenciados na escrita e no ensino de História, ao longo de quase quatro séculos, da história brasileira no contexto colonial.

É tanto que entre as referências bibliográficas do livro didático em questão, existem apenas duas obras que tratam diretamente sobre as mulheres na história: “História das mulheres: do Renascimento à Idade Moderna” (1991), do/as historiadores/as franceses/as Georges Duby e Michelle Perrot; e, “Mulheres no Brasil colonial” (2000), da historiadora Mary Del Priore. Além de uma produção envolvendo corpos masculinos e femininos e sua relação com os espaços urbanos: “*Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*” (1997), do historiador Richard Sennett. E, sobre a homossexualidade, observei somente a análise histórica do livro “Devassos no Paraíso” (1986), de autoria de João Silvério Trevisan.

#### **1.4.2. Outros materiais didáticos**

Sem muita base do livro didático para explorar discussões sobre LGBTTs na minha prática pedagógica, precisei realizar pesquisas em outras materiais. Assim sendo, supri parte da carência, na aula acerca aos aspectos religiosos no Brasil colônia, a partir da Revista de História da Biblioteca Nacional, do mês de outubro de 2011, que deu ênfase ao tema da “Inquisição à brasileira”. Um dos textos apresentados é do historiador Luiz Mott, que problematiza a seguinte questão: Por que os homossexuais eram perseguidos? Foi nesta parte específica que extrai o trecho de um discurso homofóbico lido num sermão de um Auto de Fé de Lisboa, em 1645, como foi elencada anteriormente.

Em relação aos aspectos sociais agreguei o conceito heteronormatividade para deixar claro que as uniões entre pessoas do mesmo sexo eram vistas como criminosas e pecaminosas. Além disso, utilizei um site do senado <sup>22</sup>para tratar sobre a função jurídica da mulher como subserviente ao marido e a legitimação da prática do feminicídio realizada pelos próprios maridos, através das Ordenações Filipinas, resultado da reforma feita por Felipe II da Espanha (Felipe I de Portugal), ao Código Manuelino, durante o período da União Ibérica (1580-1640). O mesmo código continuou vigente em Portugal ao final da União, por confirmação de D. João IV, e no

---

<sup>22</sup> Disponível em: <http://www12.senado.leg.br/jornal/edicoes/especiais/2013/07/04/na-epoca-do-brasil-colonial-lei-permitia-que-marido-assassinasse-a-propria-mulher>. Acesso em: 22 de Ago. 2016.

Brasil, até a promulgação do primeiro Código Civil brasileiro, em 1916, período republicano.

Na parte que realça conexão com o presente, as imagens acerca da “Cura Gay” e a violência física praticadas por conservadores religiosos que utilizam a Bíblia para justificar a intolerância, foram captadas, respectivamente, dos sites Gospel Mais<sup>23</sup> e Revista Lado A<sup>24</sup>.

Outro endereço eletrônico que me ajudou bastante foi o YouTube, através do canal politicamente engajado Põe na Roda, de onde utilizei os vídeos: “PALAVRA DO SENHOR (A BÍBLIA E OS GAYS)” e “CASAMENTO GAY: QUER QUE DESENHE?”; Do canal “YouTube Meu Bebê”, retirei um vídeo sobre papéis de gênero, e do canal TV CARAS, aproveitei o vídeo “Daniela Mercury conta os segredos do seu relacionamento com Malu Verçosa”. Ainda da plataforma do YouTube, extrai os vídeos “A Nova Organização Familiar Brasileira”, o “Vídeo em gráfico do perfil da família brasileira em cinco décadas”, “Filhos revelam como é crescer em lar com pais gays Notícias Cotidiano” e “CEDS - A Sua Voz Na Luta Contra o Preconceito”.

### **1.5. Metodologia e recursos didáticos dos planos de aulas**

Como recurso didático, optei fortemente pelos usos de slides e vídeos. A metodologia focou em considerar a consciência histórica dos/as estudantes, exposição dialógica, desenvolvimento de competências de leitura, análise, contextualização, interpretação, síntese de linguagens e fontes diversas como textos, imagens, audiovisuais, etc., desenvolvimento de pesquisas e debates, incentivo a produção de textos analíticos, interpretativos, críticos e comparativos sobre os processos históricos, a partir das categorias e procedimentos próprios do discurso historiográfico; incentivo a construção de novos discursos sobre as diferentes realidades sociais, a partir das observações e reflexões realizadas, e, resolução de atividades do livro didático, questões de vestibulares e Enem.

---

<sup>23</sup> Disponível em: <https://noticias.gospelmais.com.br/jornalista-homossexual-igreja-universal-atras-cura-gay-76790.html>. Acesso em: 21 de Jan. 2019.

<sup>24</sup> Disponível em: <https://revistaladoa.com.br/2013/06/noticias/maior-grupo-cura-gay-mundo-fecha-portas-pede-desculpas-comunidade-gay/3/?amp=1>. Acesso em: 21 de Jan. 2019.

## 1.6. Avaliação

Contínua, cumulativa e sistemática envolvendo os aspectos qualitativos e quantitativos, avaliação de atitudes e realização das atividades teóricas e práticas, participação em sala de aula e avaliações através com questões de vestibulares e Enem.

No que concerne a participação em sala e a realização de atividades práticas exemplificamos, um momento em que, após o debate sobre sociedade colonial apresentei duas gravuras do século XIX, como observamos abaixo: a obra “Uma família brasileira” (1822), do artista inglês Henry Chamberlain<sup>25</sup>, realizada quando o Brasil não era mais colônia, porém, caracterizando aspectos coloniais, e presente no livro didático; e, a obra “Um jantar brasileiro” (1827), do francês Jean-Baptiste Debret<sup>26</sup>, retratando, também, características coloniais. Os/as estudantes foram instigados a relatar quais aspectos da sociedade brasileira colonial estudada poderiam ser observados nas pinturas.

As cenas caracterizam quais aspectos da sociedade colonial brasileira?



“Uma Família Brasileira”. Gravura de Henry Chamberlain, 1822



“Um jantar brasileiro”. Gravura de Jean-Baptiste Debret, 1827

<sup>25</sup> “Uma Família Brasileira”. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra8517/uma-familia-brasileira>>. Acesso em: 17 de Jul. 2018. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

<sup>26</sup> “Um jantar brasileiro” Disponível em: <https://nacoesunidas.org/ha-40-anos-livro-de-abdias-nascimento-denunciava-violencia-contr-populacao-negra-do-brasil/debret-unic/>. Acesso em: 17 de Jul. 2018.

Sobre a avaliação com questões de vestibulares e Enem selecionei algumas, a exemplo:

01. (PITÁGORAS) “Ao transferir para a Colônia uma legislação civil e religiosa que só reconhecia o estatuto social da mulher casada e mãe, a Igreja apertava o cerco (promovia perseguição) em torno das formas não sacramentadas (sagradas) de convívio” (PRIORE, Mary del. Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia. Rio de Janeiro: José Olympo, 1993. p.50).

A partir da leitura do texto pode-se concluir que:

- a) as mulheres que não se enquadravam ao modelo de comportamento oficial que só admitia o sexo depois do casamento eram vítimas de preconceito.
- b) o modelo de família patriarcal não tinha nenhum papel reservado à mulher.
- c) as medidas adotadas pela Igreja serviam para manter forte o modelo de família matriarcal.
- d) o padrão de comportamento destinado á mulher na colônia fez com que houvesse muito respeito da sociedade pelas mulheres negras forras.<sup>27</sup>

02. (Enem/ 2010) “Pecado nefando” era expressão correntemente utilizada pelos inquisidores para a sodomia. Nefandus: o que não pode ser dito. A Assembleia de clérigos reunida em Salvador, em 1707, considerou a sodomia “tão péssimo e horrendo crime”, tao contrário à lei da natureza, que “era indigno de ser nomeado” e, por isso mesmo, nefando. NOVAIS, F.; MELLO E SOUZA L. História da vida privada no Brasil. V. 1. São Paulo: Companhia das Letras. 1997 (adaptado).

O número de homossexuais assassinados no Brasil bateu o recorde histórico em 2009. De acordo com o Relatório Anual de Assassinato de Homossexuais (LGBT – Lés - bicas, Gays, Bissexuais e Travestis), nesse ano foram registrados 195 mortos por motivação homofóbica no País.

---

<sup>27</sup> Disponível em: <http://mestresdahistoria.blogspot.com/2011/06/confira-o-simulado-notrevest-2-com-as.html>. Acesso em: 06 de Out. 2016.



Disponível em:  
www.alemdanoticia.com.br/utimas\_noticias.php?codnoticia=3871.Acesso em: 29 abr.  
2010 (adaptado).

A homofobia é a rejeição e menosprezo à orientação sexual do outro e, muitas vezes, expressa-se sob a forma de comportamentos violentos. Os textos indicam que as condenações públicas, perseguições e assassinatos de homossexuais no país estão associadas

- a) à baixa representatividade política de grupos organizados que defendem os direitos de cidadania dos homossexuais.
- b) à falência da democracia no país, que torna impeditiva a divulgação de estatísticas relacionadas à violência contra homossexuais.
- c) à Constituição de 1988, que exclui do tecido social os homossexuais, além de impedi-los de exercer seus direitos políticos.
- d) a um passado histórico marcado pela demonização do corpo e por formas recorrentes de tabus e intolerância.<sup>28</sup>

03. (Ufrn) O texto abaixo analisa as relações entre o homem e a mulher no Brasil, no período da Colônia e do Império.

Muitas mulheres foram enclausuradas, desprezadas, vigiadas, espancadas, perseguidas. Em contrapartida, várias reagiram às violências que sofriam. Parte da população feminina livre esteve sob o poder dos homens, outra parte rompeu uniões indesejáveis e tornou-se senhora do próprio destino. As práticas consideradas "mágicas" foram uma das maneiras pelas quais as mulheres enfrentaram as contrariedades do cotidiano. Chegaram até mesmo a causar temor entre os homens. Acreditava-se que as "feiticeiras" tinham o poder de "cura" ou o poder sobre o amor e a fertilidade masculina e feminina, através de "poções mágicas". (Adaptado de: MOTA, Myriam Becho; BRAICK, Patrícia Ramos. História: das cavernas ao terceiro milênio. São Paulo: Moderna, 1997. p. 239).

---

<sup>28</sup> Disponível em: <http://educacao.globo.com/provas/enem-2010/questoes/41.html>. Acesso em: 06 de Out. 2016.

A partir do texto, é possível concluir que, na sociedade brasileira colonial e imperial,

a) o modelo de família patriarcal, apesar de dominante, era subvertido (perturbado) por vários procedimentos adotados pelas mulheres.

b) as mulheres ocupavam o centro decisório das famílias, mesmo que homens praticassem atos violentos contra elas, ferindo o estabelecido pela lei.

c) o rompimento de uma relação matrimonial por parte do marido era passível de punição pela Inquisição católica.

d) as mulheres tinham poder de decisão quanto ao número de filhos, satisfazendo, assim, o modelo feminino característico da sociedade patriarcal<sup>29</sup>.

---

<sup>29</sup> Disponível em: <https://exercicios.brasilecola.uol.com.br/exercicios-historia-do-brasil/exercicios-sobre-feminismo-no-brasil.htm>. Acesso em: 11 de Out. 2016.

## Capítulo 2 – O lugar do outro: Memórias de trans sobre Gênero e Sexualidade na educação básica

Era manhã de 11 de julho de 2018, quando passei para buscar Oliver<sup>30</sup>, 17 anos, próximo a sua casa, na praça do Cruzeiro, bairro Pinto Madeira, cidade de Crato, Ceará, como havíamos combinado. Com aproximadamente um metro e meio de altura, short e camisas bem folgadas, adereços como colar e pulseiras “alternativos”, cabelos curto e bem cacheado lhe cobrindo a testa, ele/a caminhou com seu jeito “largadão” em minha direção logo que me avistou.

Ao longo do percurso, até a próxima parada, a casa do nosso segundo pesquisador, Cícero Joaquim, conversávamos dentro do carro. Com um pouco mais de intimidade comigo, após três anos e meio que nos conhecemos, ele/a contava sobre suas experiências musicais e a transfobia que sofreu no XV Festival de Música da Ibiapaba, que ele/a tinha acabado de voltar.<sup>31</sup>

Nosso destino final foi uma Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP)<sup>32</sup>, onde o/a nosso/a narrador/a cursou a última etapa da educação básica, entre 2015 e 2017, mesmo período em que fui seu professor de História. Com a intenção de criar um clima mais agradável e ajudar nas lembranças de suas vivências escolares, principalmente, durante o ensino médio, nos direcionamos a mesma sala de aula que ele/a cursou o terceiro ano.

Na sala, estávamos, eu, meu co-orientador, Cícero Joaquim, e Gabriel Oliver, sujeito de nossa pesquisa. Nosso roteiro estava dividido em três partes, dentre as quais as duas primeiras, orientam as discussões do presente capítulo, cujo objetivo é compreender, a partir da memória oral de Oliver, as questões de gênero e sexualidade

---

30

<sup>31</sup> Em contraposição as experiências musicais enriquecedoras ela apresentava um descontentamento em relação ao tratamento que tivera no evento, especialmente dentro do alojamento feminino e o usos do banheiro, cuja separação já era determinada por características biológicas e não por auto identificações. Segundo ela, no alojamento feminino houve uma tensão por conta de sua presença. Ela escutava murmurinhos das outras meninas pa deixar de usar o banheiro das meninas. Reunião geral, professores que acompanharam se posicionaram na ideia de que as pessoas trans deveriam se consciência e saber que elas era que eram diferentes. Professores se dividiram. Uma professora disse tem que perceber que este não e o local dela. Outros lhe orientaram. Ano passado teve constrangimento, falatórios, mas nada diretos. Ou ela se adaptava em estar ali ou deixava de ir ao festival,

32

nas culturas escolares que vivenciou e suas influências na construção de sua identidade enquanto transexual

Neste sentido, destacamos as seguintes problemáticas: Quando passou a se reconhecer como transexual? Como se deu ou está sendo seu processo de transexualização? Qual o período e como foi a sua trajetória escolar? Como era visto/a pelos/as colegas, professores/as, gestores/as? Sofreu preconceitos e discriminações? Ós/as professores/as discutiam os temas preconceito, discriminação, gênero e sexualidade? Existiu algum projeto sobre diversidade de gênero e sexual nas escolas que passou? Tais temas estavam presentes nos livros didáticos? Qual o seu significado sobre escola, de modo geral? Como pensa a relação escola e a sua identidade enquanto transexual?

### **2.1. Experiências no ensino fundamental II: “eu era lésbica até o acabar do ensino fundamental II”**

Oliver seria, talvez, mais uma pessoa a passar despercebida por seu comportamento um tanto tímido, se seu corpo e trejeitos não chamassem atenção por não fazerem parte do que seria “natural” para uma “menina”. Até o reconhecimento enquanto um transexual e, principalmente, não binário, como deixa claro na sua narrativa, tudo isto não se deu de uma hora para outra e nem de forma pacífica, pelo contrário, foi e ainda é marcada por tensões e conflitos consigo mesma e na sua relação com os/as “outros/as”, inclusive nas instituições que estudou.

De acordo com Oliver, suas primeiras lembranças acerca de seus questionamentos sobre sua sexualidade e identidade de gênero se deram ainda criança. A partir dos oito, nove anos de idade sua vestimenta “diferente” chamava atenção de seu pai e sua mãe que cobravam que ele/a usasse vestidos. Aproximadamente, aos dez, onze anos de idade, passou a se ver enquanto uma menina que gostava de meninas,

E foi bem assim o processo. Eu me assumi como lésbica, sendo que eu só não conhecia a palavra transexual, então a partir dali é, eu pensava que tudo era uma coisa só. Não separei orientação, nem identidade, tudo uma coisa só. Só que na verdade, desde que eu me assumi como lésbica, na verdade eu poderia, se eu tivesse o conhecimento, ter me assumido como outra coisa, que no caso seria o não binário, porque, esse foi o momento que, eu vendo agora, percebi enquanto, me percebi enquanto, não binário. Tinha essa dualidade de pensamentos

desde o princípio, mas fui me assumir como lésbica achando que influenciava na minha veste e no meu pensamento, mas, não influenciava nada. Depois do ensino médio né, passaram muitos tempos e eu era lésbica até o acabar do ensino fundamental II. (p. 4)

Nesta fase, período do ensino fundamental II, entre 2010 a 2014, estudou em escolas e cidades diferentes como Crato e Fortaleza, Ceará. Segundo ele/a, ser “diferente” nunca foi fácil nas escolas que passou.

Rememorando o sexto ano, em uma escola em Crato, suas memórias são carregadas pela rejeição que sofria dos/as professores/as. Sentia-se excluída de determinadas atividades, como nas aulas de Educação Física, onde nos narra uma ocasião em que seu pai a levou para a escola, e

(...) eu fiquei louca, desesperada, chorando horrores pra voltar pra casa, porque elas iam fazer aquilo de novo que era na aula de educação física. Chamar umas meninas pra irem brincar e essas coisas, fazer parte da aula e eu ficava no canto e elas não virem me chamar e nem nada disso, por saberem que eu não ia justamente por causa desse fato, porque eu ia ter que tá com uma roupa diferente, porque a roupa padrão da educação física, legging, essas coisas, e eu ficava no lugar lá. Então, sofri no ensino fundamental desde muito cedo assim de, dos professores rejeitarem... (p. 11)

Durante o sétimo ano, cursado em Fortaleza, Oliver também não traz boas lembranças. Na escola não se sentia acolhida por nenhuma das duas diretoras que dividiam a gestão e que ainda faziam questão de chamar sua atenção em público cobrando uma postura e vestimenta adequadas para uma “menina” ou “mulher”.

Nesse sentido, três episódios lhe marcaram profundamente. O primeiro foi em uma das atividades diárias de cantar o Hino Nacional e rezar o Pai Nosso,

Daí lembro que uma vez eu tava assim meia, tava com as mãos para trás, né?! Que a gente fica com as mãos para trás lá, né? Lá era a ordem, né? Assim, são várias filas, com vários anos, desde o terceiro até o sexto essas coisas. Todos lá com as mãozinhas pra trás, retos e pernas fechadas assim e eu como sou meio cambota tenho que ficar de perna aberta, porque não sei ficar, que dói ficar de perna fechada assim, né? Aí ficava com a perna aberta assim em pé. Aí quando ela chegou assim, né? Ela usava aqueles pauzinhos de cutucar, aí deu um “taaaa” na minha mão pra me ajeitar. ‘ Se ajeita, isso é postura decente?! Isso num é postura de mulher não’, ficava falando essas coisas (...) (p. 11)

O outro foi com relação ao fardamento escolar. Segundo ele/a,

Quando deram a farda, que eram calças da escola, muito, muito folgadas, todas as meninas tinham que apertar, eu deixei exatamente como tava que... Hoje eu uso calção folgado, mas, antigamente eu usava um balão, usava uma calça que ficava horrores lá embaixo com uns cinco palmos da minha cueca aparecendo porque não era obrigada, né?! E aí ela brigava comigo mesmo na frente de todo mundo pra eu ser o ridículo mesmo. Uma vez ela levantou a minha camisa assim, assim, até acima da cintura e disse: ‘Isso é coisa de vir pra escola, Júlia?! Tem que ajeitar isso já na costureira, a gente não tá aqui pra tá vendo aluno se vestindo desse jeito não!’. Ficava falando umas coisas que não pareciam ofensivas, mas que eram ofensivas, sabe?! ‘você tá parecendo um menino, sua mãe não lhe educa não?!’ E eu ficava sem saber o que dizer, só ia pra casa e não queria voltar no outro dia. (p.12)

E por fim, os momentos em que apanhava na rua de meninas que estudavam na mesma escola e, ainda por cima, era considerada culpada pela direção escolar, por conta da forma como ela se vestia.

(...) no meu ensino, nesse sétimo ano eu apanhei das meninas das séries mais avançadas, porque eu me vestia assim e a diretora me repreendia na frente de todo mundo e todo mundo pegava aquilo e levava pra casa. Nesse dia eu estava passando nas ruas de Fortaleza muito esquisitas, né?! E as menininhas ficaram me segurando e as outras meninas batendo e tudo. Cheguei em casa chorando muito, fui falar pra minha mãe isso. A minha mãe não tinha muita cabeça pra lidar com a situação e só dizia que eu evitasse confusão se não eu ia apanhar mais por ter entrado numa confusão, sendo que eu nem entrei, não tinha como agir na confusão, né? E aí, esses foram dias ruins, até que minha mãe resolveu ligar quando aconteceu de novo pra lá. ‘O que tá acontecendo com ela?’ Aí minha mãe foi na escola e diziam: ‘não, foi a sua filha que criou confusão pelo jeito dela, olha como ela se veste?! Dá pra perceber o que ela faz pelo jeito que ela se veste!’. (p. 12)

Já acerca de suas lembranças no último ano do ensino fundamental, sentimentos opostos são destacados pelo/a narrador/a. Com o intuito de morar com a mãe, foi para Fortaleza, mas, novamente por motivos de vestimenta inadequada para as “meninas” é impossibilitada de estudar em uma instituição de cunho religioso.

As vestes das meninas era aquela coisa, moda bem. Saias, elas usavam saias, eram um negócio bem diferente. E aí eu pensei: não, não vai ser um problema. Era só me dar a roupa dos meninos aí que era só uma calça, não era aquela coisa e eu vou seguir na escola normal. E aí a gente foi na secretaria, eu fui com uma tia minha, quando chegou lá a diretora falou em bom tom, primeiro ela pediu pra mim sair da sala porque queria conversar com a minha tia, especificamente e aí falou

para minha tia: sua sobrinha não pode estudar aqui, porque...aí falou: olha como ela se veste? Olha pro padrão de vestimenta de meus alunos? Eles todos vão ficar... Aí usou uma desculpinha, né?! De que eles iam mexer comigo e que não daria conta de uma pessoa assim como eu na escola delas por vários fatores. Depois ela... aí minha tia disse que ela falou que era por uma questão mesmo de influenciar os alunos dela, falou com essas palavras. Sei que a minha tia subiu o sangue a cabeça e disse um monte de coisas com ela lá, mas, que no fim das contas não adianta, porque quem ficou sem escola fui eu (p.10).

A dificuldade de encontrar vagas no meio de um período letivo e a frustração de ser impedida de se matricular obrigou Oliver a voltar com tristeza para a cidade de Crato, “voltei, voltei bem triste. Esse momento foi bem triste. Voltei por ver que eles não se adequaram ao meu jeito, assim. Não conseguiram me respeitar e eram diretoras, sabe?!” (p. 10).

Por outro lado, narra também uma mudança positiva no que concerne a sua experiência escolar, no segundo semestre do nono ano, após seu retorno para Crato, que apaziguou um pouco as frustrações e contribuiu significativamente para o seu processo de construção de identidade, pois, a diretora “(...) era mais amiga, foi ali onde eu entrei, onde eu comecei a entrar em grupos de dança, ver meninas que também se vestiam igual a mim, que também falavam coisas parecidas com as minhas vivências, que tinham passado (...)” (p.12).

Porém, nunca ter escutado falar de transexuais, bem como sua falta de compreensão acerca das diferenças entre orientação sexual e identidade de gênero, foram fatores que dificultaram a compreensão de si. Neste sentido, se auto identificou como lésbica até a nona série da educação básica, ou seja, aos até os catorze anos de idade.

## **2.2. Experiências e desafios de ser assumir como transexual masculino no ensino médio.**

Em se tratando de suas vivências no contexto do ensino médio, que ocorreu entre 2015 a 2017, em uma mesma escola, na rede pública de ensino, em Crato, também observamos as permanências do preconceito e da discriminação que sofria por

não estar no padrão da identidade de gênero e orientação sexual imposto nas escolas que frequentou ou intencionava frequentar.

Inicialmente, um dos grandes incômodos foi permanência do silêncio por parte dos/as gestores/as e professores/as, “(...) porque nem nas aulas de PV, que era Projeto de Vida, falar como é a sua vida, num sei o quê! Eles não falavam sobre isso, de jeito nenhum. Não diziam: ‘olha isso aqui tá acontecendo’ (...)” (p. 15).

Em relação, aos/as seus/suas colegas de sala as mágoas não foram diferentes,

Eu tinha, tive alguns colegas de classe que eram pessoas muito, muito. O pensamento deles eram pensamentos muito ruins que me afetavam mesmo diretamente, que eram não só enquanto, me afirmando enquanto mulher e lésbica e não atingia só um específico, eram os dois. Enquanto, ser misógino mesmo, dizer que menina, lugar de mulher é num sei a onde e essas coisas me afetavam. E quando falava que, ‘ah tudo bem! Eu respeito, mas, homossexual é um negócio estranho, né?!’. Falavam coisas assim: ‘É uma coisa difícil de entender, de aceitar’. Eu ficava como assim, você, então você não me respeita! Você tá tentando fazer essa visão, mas, não tá funcionando. Pessoas que também eram religiosas, que eram os coroinhas, eram isso e aquilo, falavam muita besteira o tempo todo e isso me magoava, então tinha muito (p. 19).

Quando passou a se reafirmar como trans masculino, entre o primeiro e o segundo ano do ensino médio, um dos grandes desafios foi ser aceita com seu nome social, Gabriel Oliver, no qual passou a se apresentar e assinar na sala de aula e nas atividades escolares.

E aí pensei, vou pensar também em coisas específicas que possam me colocar nessa identidade, que eu possa me encontrar aqui realmente como, onde eu estou. E aí eu precisava me afirmar que dentro da escola é complicado se você não tem uma força e você tentar ganhar força se você já não tiver uma ideia de como conseguir ela. Daí eu pensei: vamos colocar Gabriel, que é um nome que me identifica, minha irmã se chama Gabriela, Gabriel é um nome que enfim... de minha mãe que perdeu um rapaz que tinha o nome de Gabriel, então eu pensei: vamos remeter toda essa ideia e colocar para uma coisa que me identifica, que eu gosto do significado do nome e pôr. (p. 02)

A aflição acontecia na hora da chamada, mas o estopim foi quando num determinado dia, no segundo ano, se deparou com seu nome civil na cadeira, que servia



para destacar o mapa de sala<sup>33</sup>. Segundo ele/a piadas afloraram ainda mais e musiquinhas com trocadilhos eram cantaroladas por colegas debochando, especialmente, de um dos seus nomes civis, que já não tinha afeição.

“(...) hoje a gente tá vendo nas cadeiras da escola (...) fotos lindas, de pessoas com nomes completos. Eu já me sentia mal por ter só um nome (civil, complemento meu) que era só um significativo (...) Aí quando veio a questão de tá na cadeira de todo mundo, que eu entrei na sala, que todo mundo começa a olhar e começa a rir e começaram a fazer piada com o segundo nome (...) então tava me incomodando por ser o nome que não achava legal, num momento que eu ainda tava me afirmando como Gabriel, que eu tava tentando descobrir se era Gabriel mesmo, ou poderia ser Júlia mesmo, ou de ser chamado de Oliver. (p. 21)

Como a instituição era de tempo integral, ou seja, eram nove aulas em um lugar cujo nome civil não reconhecia mais. Mesmo quando alguns/algumas professores/as passaram a chamar de modo informal pelo seu nome social, os colegas encontravam motivos para lhe desrespeitar.

Como eles me viam era como já disseram: tu é uma pessoa muito estranha que a gente não sabe muito bem se chama disso ou daquilo, mas vamos preferir chamar só disso aqui mesmo, que eu já estou acostumada de chamar só de Júlia e você nasceu assim, então vamos chamar assim. Alguns tentavam justificar de maneira torta porque estavam chamando daquele jeito. E outros como já chegaram pra mim e disseram, quando (...) fazia a chamada, que chamava é... Gabriel?! E todo mundo olhava um pro outro assim e aí não falava nada, mas uns diziam: Gabriel, quem é Gabriel?! Sabiam quem era Gabriel! Porque eu me afirmei pra toda sala. E em outro momento eu vi a pessoa falar, depois que a aula acabou, que não ia chamar de Gabriel porque não era o meu nome, não tinha na minha certidão, não tinha em nenhum lugar, então não ia me chamar (p. 22)

Sobretudo, no primeiro ano do ensino médio, Oliver teve um número significativo de faltas. Ao indagar sobre os motivos, ele/a afirma que a falta era uma forma de se esconder e de fraqueza física e mental diante dos desafios que enfrentava com relação ao preconceito e a discriminação nas culturas escolares que frequentou,

---

<sup>33</sup> Maneira como cada estudante é disposto em fileira em sala de aula e, em muitos casos, cada cadeira tem a identificação do nome do(a) aluno(a).

Pra mim, faltar, que nem eu fazia no meu ensino fundamental durante toda uma vida, que eu era obrigado à ir para a escola, era... se esconder. Porque eu nunca fui muito de dá a tapa assim (...) eu tenho, tive esse problema de questão de aceitação das pessoas e coisas assim. E eu simplesmente ficava em casa, não vou para escola. Meu pai perguntava: o que tem? Eu dizia que tava doente, tava doente nada, mentira! Aí ficava deitado. No outro dia, o professor perguntava o que tava acontecendo e eu dizia: tô doente. Mentira! Chegava na escola, achava que tinha amenizado, passava três dias sem vir e acontecia de novo, um acontecimento, uma conversa desagradável e eu voltava pra casa, voltei pra casa, aí ia embora. E dormia, ficava lá, não saía da cama. Aí como as pessoas não entendem, aí na minha casa diziam: 'que é preguiça, você, você é preguiçosa, você não gosta de fazer nada, por isso que você não vai pra aula, por isso que você não levanta da cama'. O nome disso não é preguiça, o nome disso é depressão. Esse é o problema. E aí eu não levantava de jeito nenhum, aí quando eu achei que tinha amenizado na escola, um pouco mais essa questão, veio à questão principal, isso desde o primeiro ano, que foi mais ou menos no meio do ano assim, né?! Aí veio a questão Isabela com ascendência, que era o problema com a mãe dela, que era um problema no geral com a escola. Aí eu não queria de jeito nenhum tá vindo, porque eu queria deixar a menina forte, sendo que eu tava muito mal, aí eu nem vinha pra escola, quando vinha tentava ser durão, mas na verdade não tava dando certo. Aí eu ficava em casa, ficava pensando em como resolver a situação. E, tudo que... tudo ao longo da minha vida teve a ver com a sexualidade, tudo, a orientação e a identidade, tudo realmente foi relacionada a... desde o início, assim. (p. 20)

A situação só piorou quando resolveu assumir publicamente uma relação amorosa com uma colega de sala, como dito acima, esta que, dentre os variados problemas que enfrentava, destacava-se a dificuldade da sua própria aceitação e a da família no que diz respeito à orientação sexual. De acordo com Oliver, a mãe da garota fez de tudo para que a filha não tivesse contato com a sua pessoa, pois, acusava-o de ter influenciado a sua filha a ser lésbica, chegando até mesmo queimar as roupas da filha para ela não sair de casa para lhe ver.

Não deixava mais ela sair, estava prendendo ela. Tinha receio que ela viesse me ver. Quando vinha pra escola, às vezes a mãe dela vinha buscar ela na porta para ela não ter tempo de ficar conversando comigo ou coisa assim, e (...) ela disse pra mãe dela que ela era lésbica, daí a mãe dela ficou louca. Ficou louca, ficou louca mesmo, achando que era influência minha, que era eu que tava fazendo ela dizer aquilo, que a filha dela não era aquilo. E aí houve esse pensamento da Isabela, ela mesma quis ir embora, porque ela não aguentava mais o Virgílio, não aguentava mais as pessoas olhando pra ela, não aguentava mais a mãe dela (p. 17)

### **2.3. Experiências no ensino médio: da (trans)formação de Oliver e de algumas práticas escolares**

No entanto, se sujeitos com identidade de gênero fora dos padrões instituídos socialmente, por um lado, muitas vezes são calados pela violência simbólica e física, por outro dão a cara a bater e lutam para superar uma cultura escolar excludente e construir a possibilidade de outras formas de vida para além do “destino” da prostituição, lugar socialmente aceito para transexuais e travestis.

Neste sentido, é válido também pensar como os sujeitos trans se apropriam e incomodam a cultura escolar em que estão inseridos/as. Como destaca Julia (2001), existe uma cultura dos jovens que resiste às imposições e esta forma de apropriação é tão importante de ser estudada como o trabalho de imposição.

Assim sendo, compreendemos que Oliver já não era mais o mesmo sujeito histórico que “no ensino fundamental não tinha forças, força pra ficar medindo com as pessoas dizendo que eu sou assim, eu me vejo assim, porque eu não sabia o que era ser assim. Eu só sabia que era e tava ali, então, me submetendo ao que falavam” (p. 14).

A partir do conjunto de sua fala, observamos que a fase do ensino médio foi o principal marco da mudança de sua postura. Segundo ele/a, ter contato com pessoas transexuais fora da escola, além de “conhecer pessoas mais semelhantes a mim, que no ensino médio, teve mais” (p. 13), e ainda a sua necessidade de afirmação dentro da escola, foram fatores importantes no seu processo de afirmação da sua identidade de gênero.

Notadamente, quando passou a sofrer com o desrespeito dos/as colegas na escola, começou a cobrar uma tomada de atitude ética dos/as docentes, pois, para Oliver,

Tinham professores que eles poderiam ter perguntado em algum momento como eu estava me sentindo com relação a toda aquela coisa e em nenhum chegava pra mim. Eu tinha que chegar e falar pra [uma professora] (...) Eu chegava pra ela e dizia assim: Olha (...), tá acontecendo isso e isso. E daí (...) [a professora] muito da paz e amor dizia que tudo passava logo porque eles também estavam

desacostumados. Toda uma coisa, e eu dizia: não! Eles vão levar isso durante todo o ensino médio e até faculdade, assim.(p.15)

Diante disso, passou a se impor na sala, a pedir o direito de voz e a se colocar publicamente junto aos/as seus/suas colegas e professores/as para demonstrar sua insatisfação.

Até que eu realmente por si só, decidi conversar com todos eles na aula de PV. Eu pedi na aula pra falar e comecei a falar: tem aluno que fica olhando pra mim no meio da aula, que fica dando rizinho, que fica rindo quando eu tô passeando pela escola. Que eu não posso conversar com uma menina que eles fazem piada, que tava acontecendo isso, sabe?! De uma maneira bem discreta assim que eles tentavam fazer, bem descarada, eu percebia! Não só eu como as meninas da qual, também que conversavam comigo. (p. 15-16)

E eu até sofri um certo preconceito no, acho que foi no segundo ou foi no primeiro ano, não sei. E eu fiz toda uma confusão, eu disse: dessa vez eu não vou ficar calada porque eu vou ficar três anos com essas pessoas nesse lugar, então não vai funcionar. E aí eu disse numa dessas aulas de PV, que era o lugar para se debater isso, né? Que você fala sobre, como está sua vida, quem são os seus familiares? O que você faz? O que você gosta? Como você se sente? e não perguntavam em nem um momento como era a sua identidade, como era a sua orientação? Então eu me vi no direito de falar coisas assim, então, eu dizia sempre: minha orientação é assim, eu faço isso, eu gosto disso! E na hora que o preconceito veio com essas pessoas eu só joguei assim tudo que eu tinha para jogar: Olha, vocês vão me aguentar por três anos. Ou vocês me respeitam ou, então, o problema é de vocês. Comecei a falar um monte de coisa (p.15)

Pode-se dizer que Oliver não se contentava mais com a invisibilidade que sofria e entre as reivindicações feitas, foi também, a inclusão de seu nome social no mapa da sala e nas frequências dos/as professores/as. Com relação ao nome na cadeira, na falta de ação da escola ele/a mesmo/a rasga o nome civil e joga no lixo, como observamos a seguir,

E aí eu simplesmente fui na coordenação tentar reverter a situação. Eles enrolaram, enrolaram pra me dá um papel, que era só um papel assim, com um nome apregado na cadeira. Era só dá o papel com o meu nome que eu me identifico e colocar na cadeira, era só isso! E pegar e mudar a listinha, sabe?! Passar lá, okay. Poderia não ser no sistema, porque, daí tudo bem, já é um processo a mais, mas se já fosse na chamada e no papel da cadeira já era significativo. Porque os

alunos em si não tem acesso ao sistema ali, o nome exatamente, eles não iam ver. Então, eu saberia que a escola estaria fazendo alguma coisa por mim e na verdade eles não fizeram. Quando deram o nome já tava meio que tarde assim, o pessoal já não tinham aceitado a questão do nome, já estavam tirando, já rasgaram. Então, eu só fiz o processo natural, tirei mesmo, rasguei e joguei no lixo. (p. 21-22)

Já no que diz respeito ao seu nome social na lista de frequência, a mudança aconteceu, mesmo que informal e timidamente, por conta de alguns/algumas professores/as que demonstraram mais sensibilidade e incluíram à mão, a sua identificação nominal social na folha da chamada.

Na ausência de um projeto escolar envolvendo diversidade de gênero e sexualidade, ele/a destaca que foi também não se calou e foi até a conversar com coordenação para programar palestras de pessoas LGBTTs para falar sobre suas experiências de preconceito e discriminação sofridos por conta da sua identidade de gênero e/ou sua orientação sexual.

Eu até tentei conversar com a coordenação para talvez trazer pessoas, aquelas pessoas que falam, que fazem palestras e tudo. Pra trazerem pra cá, porque o professor falando às vezes é tão troncho assim, né? Às vezes alguns professores que não tem a vivência daquilo tentando falar o que é orientação sexual. Aí você é uma pessoa hetero, uma pessoa que nunca viveu nada daquilo tentar dizer o que é e qual o preconceito, não funciona. Como é que você é branco, um exemplo e quer dizer o que é que um negro passa, você não sabe! Como é que você sabe?! Não sabe!!! Não tem condição, não tem como dizer, você pode dizer que viu, mas dizer o que você sentiu não tem como, você não era ele. Aí o professor ficava aqui na frente, alguns professores tentando dizer: 'olhe, isso aqui é orientação sexual, aqui é identidade'. Quando a pessoa perguntava alguma coisa, o aluno, aí o professor ficava... 'então, mas eu acho que é assim que funciona'. Não tem firmeza no que tá falando e as pessoas não têm firmeza no que estão ouvindo, entendeu?! Daí incomodava assim. Não teve nenhum projeto, não no meu ensino médio, nem no meu ensino fundamental também. Eu acho que, principalmente no fundamental não houve de jeito nenhum. Eles não se importavam com a presença, em mostrar a presença de alguém como eu, nem tentavam dizer como funcionava. Ou mesmo que tivesse pouca informação, buscasse as poucas outras informações pra passar pros alunos, em nenhum momento. (p. 23-24)

Sobre conversas com professores/as acerca da paquera ou namoro no ambiente escolar Oliver destaca que, pelo menos, havia uma docente que ela procurou e lhe escutou ao longo dos dois anos que teve manteve a sua primeira relação lésbica na escola.

Foram dois anos de caso, de conversas, de coisas. Que eu conversava com essa professora Simone e ela dizia: ah é assim! Você tem que pensar bem, tem que ter cuidado porque a mãe dela disso, a mãe dela aquilo. Eu cheguei a conversar com a pessoa que era o nosso DT de Turma, né?! E ele era... infelizmente, não tomava nenhuma atitude, ele dizia que a gente que deveria talvez dá uma distanciada para amenizar a situação e quem sabe depois, futuramente. Isso não é coisa para se dizer! Não é coisa para se dizer! Ele dizia coisas como, isso não é tão comum de se ver, então seria bom se vocês dessem (p. 18)

Para Oliver estas reivindicações levadas aos/as docentes, diante do preconceito e da discriminação e da sua necessidade de afirmar a sua identidade de gênero contribuíram de forma significativa para transformações da própria cultura escolar que estava inserido/a.

Teve uma aula que eu acho que foi, depois que tudo isso aconteceu, que eu fiz a chamativa. Teve na aula de PV e outras aulas, os professores botando bem bonitinho os quadros: aqui é orientação sexual, aqui é identidade de gênero, isso aqui é isso aqui! Teve essas mudanças depois que eu fiz todo esse alvoroço com essas coisas, porque precisava. Mas, em principal sem que eu pedisse, sem que eu falasse nada só tinha Cláudio na aula de História falando sobre todo um processo de como é a orientação sexual, de como é que funciona e as pessoas perguntavam: mas, e como é isso você nasce assim? Você... E aí eu gostava porque tinha uns debates de perguntas, de como é que funciona isso? Como é que funciona aquilo? Mas antes ninguém perguntava, ninguém questionava nada. (p. 16)

Em 2016, pela primeira vez, pude conhecer um pouco dos dramas daquele sujeito, entre, aproximadamente outros 40 estudantes. No final de aula de História, conversamos de maneira informal e individual ainda na sala de aula. Foi quando desabafou sobre seu processo de afirmação enquanto transexual masculino e as dificuldades que encontrava na sua própria turma e escola. A partir deste diálogo, os meus olhares em relação a ele/a, enquanto sujeito trans, e minha compreensão de qual o sentido da educação nunca foram os mesmos. Assim como seu questionamento acerca da invisibilidade trans nas minhas aulas de História, fizeram-me repensar minhas práticas e meu entendimento sobre ensino de tal disciplina.

De fato, Oliver abalou as estruturas culturais que mantinham a escola. Falo com olhar de um professor que estava inserido neste contexto. As suas reivindicações foram parar em uma das nossas reuniões pedagógicas, quando o

coordenador colocou para termos compreensão em relação ao nome social da mesma, e que tivesse atenção quando ela pedisse para ir ao banheiro, pois, ela poderia estar evitando em horários dos intervalos, quando eram mais movimentados.

## 2.4. Sobre o significado de escola

Ao ser questionado sobre o significado da escola para si, Oliver afirma que, ao longo de sua formação, a escola “(...) ajudou a... sede de conhecimento assim, de que eu queria saber como funcionava muitas coisas” (p.13). Bem como definir que, “Então, a escola significa acolher, ensinamento, passar todas as suas, todas as suas, todas as suas, como se diz...? Todo o conhecimento possível através dos professores, que são os professores que cativam os alunos a quererem estar ali ...” (p. 13).

Contudo, entendendo a sua narrativa como um todo, percebemos que a escola para ele/a, durante quase todo o ensino fundamental, não foi um espaço de inclusão, de compreensão do multiculturalismo e da diversidade sexual e de gênero, pelo contrário, o/a mesmo/a sofreu na pele a violência por não se enquadrar no padrão heteronormativo e cisgênero.

Arrisco a afirmar que esteve mais para um não lugar(?), um espaço de não pertencimento, como explicitou em diversos momentos de sua narrativa ao afirmar que sua vontade era de ir para cada e de não querer mais voltar, e assim, acabava faltando bastante.

De acordo com Oliver, ela não se lembra de nenhum momento em que uma determinada escola ou professores/as discutiram temas como gênero, sexualidade, preconceito, discriminação, seja no contexto escolar ou na sociedade de um modo geral.

Quando raramente o silêncio não dominava, o assunto era tratado como problema, no campo privado e a partir de um olhar religioso e naturalizado como o que aconteceu quando uma professora chamou-lhe para conversar individualmente,

Eu lembro de uma professora uma vez falando, ela chegou bem discretamente assim, perguntou alguma coisa sobre do que eu, eu...não sei! Do que eu gostava, uma coisa que se remetia a isso, sabe?! Mas, ela me chamou no individual e quis conversar, eu não disse o que eu não sabia. Eu não sabia o que dizer pra ela na verdade. Mas, eu sabia o que era, mas não sabia como dizer para ela. E aí ela disse coisas como:

‘Deus, vai entrar na sua vida e vai mudar sua história’. Umas coisas bem loucas lá e eu fiquei... Tá bom, tudo bem! (risos) Eu espero que aconteça porque, se acontecer talvez seja muito bom. É muito bom você viver, uma pessoa transexual amada pelos seres humanos, porque você não é um pecador segundo algumas igrejas. Aí ela disse isso e chegou pra mim e falou: ‘Deus vai tocar a sua vida, esse mal todo vai passar’. Aí eu fiquei hunrum, estamos no mal até hoje! E, isso aconteceu no fundamental. (p. 14)

Diante disso, compreendo o porquê era impossível demonstrar afeto amoroso por algum colega, pois como destaca Oliver “o medo era o principal” (p. 18), era o principal protagonista de uma peça onde tudo estava pré-determinado: o cenário, as vestes, as falas, os gestos, e qualquer performance fora do script deveria ser domada com cutucadas de “pauzinhos” ou literalmente arrancadas de cena, sem direito a nem estar na plateia.

Nesse contexto, se no interior da escola, como a sala de aula, o pátio, o ambiente esportivo e a sala da direção, eram cenários de piadas, de ofensas, de agressões físicas, por isso, carregados de sensações de aversão, medo, receio, de imobilidade corporal, ir ao banheiro não era menos aterrorizante, mesmo que fosse para evacuar a náusea provocada pelo bullying e a discriminação, então, fazer xixi nas calças, infelizmente, era realidade como destaca Oliver.

No ensino fundamental eu evitei entrar nos banheiros, mas como tinha necessidades eu sempre esperei esvaziar pra poder entrar (...) Houve um momento na minha vida que eu não lembro qual foi a série, mas eu fiz xixi nas calças na sala de aula porque eu não fui no banheiro. E minha professora: ‘oxe tu não foi ao banheiro por quê? Você não perguntou: posso ir no banheiro em nenhum momento, por que?’ Eu dizia que não queria ir, porque eu não queria ir, só isso! Mas, na verdade eu não queria entrar no banheiro feminino, ver as meninas porque eu já tinha escutado piadas antes é... eram xingamentos muitos pesados assim (...) (p.22)

Diziam: ‘ah é sapatão! Menina macho! Num sei o que!’. E por ser muito pequena doía muito e eu não sabia o que estava acontecendo comigo, sabe?! E aí eu não queria entrar e nesse dia na sala de aula, exatamente a professora falou uma coisa que do nada eu comecei a fazer xixi, eu lembro que eu era muito, muito nova. Comecei a fazer xixi, ninguém entendia a situação, o porquê. (p. 23)

Assim como no ensino fundamental, o problema com o uso do banheiro não foi superado, segundo ele/a, a sensação era de estar num lugar sendo vigiada pelos olhares.



Aí no ensino médio foi mais ou menos isso também, eu passei todo o ensino médio tentando não tá indo muito no banheiro, tentando. Poucas vezes eu ia e quando eu dizia que ia, na verdade eu não ia no banheiro, eu ia só beber água, porque era para o professor deixar. Aí eu não ia muito no banheiro porque tem sempre as meninas que se incomodam com a sua entrada lá ou tão fazendo alguma coisa que...Aqui não, né?! Não tem muito de tá trocando de roupa, até porque não dá tempo, é uma coisa muito rápida. Mas, os olhares de a gente estar no mesmo lugar e aí ficar se perguntando: ‘por que ela não vai para outro banheiro? Por que, que ela tá aqui? Entendeu?! Mais ou menos isso. (p. 23)

Da mesma forma, outras adversidades surgiram na medida em que foi se identificando como transexual, que, assim como a travestilidade, são identidades de gênero, mais marginalizadas que as sexualidades não heteronormativas. Posto isto, um dos principais obstáculos enfrentados foi no que diz respeito ao seu nome social, que esbarrou no preconceito e na falta de apoio dos próprios familiares, na burocracia escolar, por isso, a mudança não aconteceu no Sistema Integrado de Gestão Escolar (SIGE).

Não á toa, na mesma época, ocorriam disputas de poder na produção de políticas públicas voltadas para pessoas LGBTs, no Brasil, e que reverberaram fortemente na educação, como podemos perceber nos embates em torno da produção de um dos mais importantes documentos educacionais do país, o Plano Nacional de Educação (PNE), no qual “uma das temáticas que mais geraram controvérsias durante o processo de aprovação do PNE 2014-2024 foram aquelas relacionadas a igualdade de gênero e diversidade sexual” (SOUZA, 2016, p. 2).

No Ceará, o desenvolvimento do Plano Estadual de Educação (PEE) não foi diferente. Segundo Souza (2016),

Após meses tramitando na Assembleia Legislativa (AL) do Estado do Ceará e tendo recebido aproximadamente 150 emendas entre aditivas, modificativas e supressivas, o PEE do Ceará foi finalmente votado no dia 05 de maio de 2016. Cento e vinte uma (121) emendas foram incorporadas ao texto original. Itens que tratavam de educação de gênero e sexualidade e do combate à discriminação por orientação sexual foram os mais discutidos. Parlamentares conservadores e fundamentalistas ligados a grupos religiosos e seus aliados articularam a retirada de todos os termos que faziam referência às populações de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) e as temáticas das diversidades sexuais (SOUZA, 2016, p. 4).

Dentre estas emendas, pontua-se a retirada da própria garantia de travestis e transexuais usarem o seu nome social no registo escolar, indo até mesmo de encontro a Resolução nº 12, de 16 de Janeiro de 2015, do Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoções dos Direitos de Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais (CNCD/LGBT), que aprovou o nome social em instituições e redes de ensino em todos os níveis e modalidades (CNCD/LGBT, 2015).

Segundo Oliver, o silenciamento, bem como o preconceito e a discriminação foram motivos para pensar seriamente em abandonar a escola no ensino fundamental, mas os conselhos da mãe foram essenciais para não fazer isso.

Eu queria ir pra outro lugar, na verdade, eu não queria estudar. Na verdade, eu não queria estudar de jeito nenhum. Porque eu sabia que em qualquer escola que eu fosse ia ter, então, passou pela minha cabeça em algum momento não estudar mais, largar tudo. E tudo seria talvez mais fácil, até que eu ouvia coisas. Como minha mãe falando que não valia a pena. Isso ela lá em Fortaleza, ela não tava morando aqui ainda no Crato. Dizia que não valia a pena, porque as pessoas iam fazer isso sempre e era melhor fazerem isso com você subindo do que com você descendo, que aí você vai cada vez mais vai ficar pra baixo e quando você tá subido ninguém derruba mais. Você tá subindo só, você não tá subindo com elas. Elas vão dizer coisas, vão tentar lhe xingar e tudo e você tem que ser forte. (p. 27)

No ensino médio os mesmos motivos anteriores também influenciaram reacender o pensamento de desistência, porém agravado com a possibilidade de estagiar fora da escola com os/as colegas que outrora praticam bullying. Outra vez, a interferência do pai, agora somada com de um coordenador da escola impediram sua saída.

Pensei, eu pensei no primeiro ano assim que eu entrei, quando começaram as coisinhas. E quando entrou no segundo eu ainda tava pensando em desistir, daí vieram pessoas e tudo, já tinha amizade mais com alguns professores e diziam: ‘não, não faz isso!’. E no terceiro que eu vim na escola para desistir e (...) [o coordenador] não deixou e meu pai também não queria me deixar sair porque eles sabiam que é uma coisa que eu faço e eu faço muito bem e que eu amo fazer é a música, né?! Queria muito terminar e queria muito ir pro estágio, então antes de ir para o estágio, pouco tempo antes eu tava querendo sair do terceiro ano também. Querendo muito sair, porque eu também estava com medo de ficar no estágio com as pessoas que fizeram as coisas no primeiro ano. (p. 26)

Em contrapartida, sem a intenção de diminuir os impactos negativos sofridos, especialmente no ambiente escolar, a fase do ensino médio, é narrado/a por Oliver, dentre várias permanências de silêncios, preconceitos e discriminações de gênero e sexualidade, com alguns tons de superação e diferenças em relação aos/as gestores/as, coordenadores/as, docentes e colegas.

O que cativava a minha pessoa a ficar sempre era um professor que tinha, que uma matéria era interessante, que conversava e quando falava sobre sexualidade e coisas assim eu queria tá no lugar para entender o que ninguém nunca disse isso, que em casa também ninguém nunca disse! Então a escola teve esse papel principal, [pausa] mesmo não sendo o dever de ter essa conversa e tudo, mas, eles [os pais] não têm muito conhecimento. (p. 13)

Já em relação a discussões de sexualidade e gênero em livros didáticos, por exemplo, firma que se deparou na matéria de,

História, com certeza. Tentei pensar em Literatura, né?! Porque (...) [a professora] trazia muitos livros de histórias diferentes, mas a única coisa que eu lembro de ter levantado na aula de Literatura, foi só sobre ter falado sobre, de Florbela Espanca, que foi assim: acho que Florbela Espanca ela tinha uma coisinha na sexualidade dela um pouco bagunçada. Que é o que dá a entender em muitas coisas. E aí a Simone disse: ‘é, talvez... não sabemos, porém talvez ela se relacionasse com mulheres também, uma coisa que a gente não sabe bem’. E aí eu levantei isso na aula e o pessoal silencioso assim, né? Só ficou nisso mesmo. Eu queria em algum momento enfiar essas coisinhas pra ver as reações das pessoas (...). (p.25)

Numa aula de Informática foi citado Alan Turing, homossexual fundamental na história da computação.

(...) ele era homoafetivo que todo mundo fazia as coisas, usava daquilo mas não sabia. E xingava e criticava os homossexuais e tudo mais não tinha a noção de que era ele que tinha criado a coisa toda. Então eu pensei: aquele cara deve ser muito massa! Criou um negócio que todo mundo usa, mas as pessoas acham que não tem, não tem, não pensam por esse lado que estão usando uma coisa. Na verdade, tão xingando as pessoas que eram exatamente como eles são.

Talvez por apresentar uma “luz no fim do túnel”, a escola, no contexto do ensino médio, é vista de forma mais otimista por Oliver. Para ele/a

Então, a escola veio... principalmente, no ensino médio, a me trazer mais conforto, lugar onde eu conheci pessoas mais semelhantes a mim, que no ensino médio, teve bem mais. E as pessoas falarem comigo de uma maneira, me respeitavam. Então, a escola teve esse papel importante de me fazer se reafirmar no universo, assim. (p. 13)

Porém, a escola, como um lugar de produção de uma cultura própria, é delimitada pelas interferências de um conjunto de elementos internos e externos, como a organização escolar, o sistema educativo, as práticas, os discursos, as linguagens, os familiares, os/as professores/as, os/as gestores/as e os/as alunos/as. Há, aí, uma complexidade de agentes que coexistem a partir de relações de poder.

Assim, “(...) a escola é não apenas um espaço de encontro, aceitação e contemplação das diferenças, antes de exploração e negociação de tensões (...)”, e não menos impactante, quando envolve identidades de gêneros e orientações sexuais historicamente marginalizadas e/ou excluídas, à semelhança de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais (SILVA, 2006, p. 214).

Por fim, compreendemos que não é difícil perceber que o espaço escolar, ambiente de entrecruzamentos da diversidade cultural, possui muita dificuldade em trabalhar com a pluralidade, sobretudo em relação à temática de gênero e sexualidade. Prevalece-se, muitas vezes, silêncios e homogeneizações das diferenças através de discursos hegemônicos e de negação do “outro”, provocando um distanciamento da escola para com as necessidades e inquietudes dos/as jovens, e indo de encontro a todos os objetivos da educação no que diz respeito à formação para a cidadania juvenil, o pensamento crítico e o auto reconhecimento.

Como afirma Louro (2014),

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar sujeitos – tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que estavam lá, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou meninos de meninas (LOURO, 2014, p. 61).

Com os/as estudantes transexuais e travestis não são diferentes. São sujeitos que foram/estão invisíveis no currículo, nas práticas e falas pedagógicas, na burocracia institucional. Uma ausência que reflete profundamente o preconceito e discriminação sexual e de gênero de uma cultura escolar dominante. Como destaca Andrade (2012),

A escola para a maioria das travestis permanece como um sonho, enquanto a esquina (a margem) é ainda a realidade, local de espera dos “fregueses” para se prostituírem. Apesar de as travestis terem conquistado a possibilidade de sobreviver no centro, e não apenas à margem da sociedade, elas ainda sofrem com os estereótipos do passado, pois ainda são vistas como sinônimo de marginal e atentado ao pudor, uma espécie de afronta à moral e aos bons costumes (ANDRADE, 2012, p. 15).

### **Capítulo 3 – Histórias e memórias que se atravessam e se (des)conectam: a construção da identidade trans a partir do ensino de História**

Em relação ao ensino de História, é consenso em muitos/as docentes-pesquisadores/as que um dos seus principais objetivos trata-se da sua contribuição na constituição de identidades (BITTENCOURT, 2011; SILVA, 2003; ORIÁ, 2009). Mas, na prática qual/quais identidade/s o ensino de História traz a cena na contemporaneidade? Sujeitos transexuais se sentem representados no ensino de História? Por que a identidade a partir de ponto de vista do multiculturalismo é necessária?

Ao pensar na problemática da relação entre ensino de História e identidades, Circe Bittencourt (2011) nos coloca que aquele cenário do ensino de história que propagava exclusivamente a identidade nacional, tão cara a História escolar no século XIX e boa parte do XX, permanecem dentro do contexto do ensino de História, mas não é mais a única, por isso, ela prefere falar em identidades, no plural.

Outra questão pertinente apontada pela historiadora trata-se da relação íntima entre tal conceito e a ideia de cidadania, pois, para ela “a constituição de identidades associa-se à formação da cidadania, problema essencial na atualidade, ao se levar em conta as finalidades educacionais mais amplas e o papel da escola em particular” (BITTENCOURT, 2011, p. 121).

Ricardo Oriá (2009) nos traz a discussão da construção das identidades no ensino de História a partir da relação estreita com a memória, esta considerada como elemento essencial da identidade seja individual ou coletiva. Justificando, então, a importância da memória na produção de identidades o autor aponta, entre outros valores, a participação no processo de compreensão da nossa própria história de vida e no reconhecimento enquanto sujeito histórico e cidadão.

Marcos Silva (2003) também lança as ideias de memória e identidade para destacar como esta ligação pode englobar as multiplicidades e simultaneidades de identidades que marcam as experiências históricas, pois, “os seres humanos abrigam (...) inúmeras outras identidades em suas existências, que, além disso, sofrem transformações através de suas trajetórias” e que quase nunca é harmônica, pelo contrário, expõe tensões e disputas (SILVA, 2003, p. 77).

Nesse sentido, impedir “que a memória seja reduzida à unidimensionalidade de um poder com lugar fixo” é abrir espaço para que as multiplicidade de histórias e identidades possam ser contemplada, manifestadas e acessíveis à todos/as (Idem, p. 77).

Portanto, podemos apontar que a negação de experiências que ultrapassam a heteronormatividade e o binarismo homem-mulher na construção de uma história oficial e no ensino de História trazem intensos prejuízos na formação para a cidadania dos/das jovens estudantes e na própria construção das identidades das pessoas LGBTQTs enquanto sujeitos históricos (SILVA, 2012).

Esse cenário se contrapõe a uma educação multicultural, na qual o ensino de História incorpore as demandas da atualidade brasileira ocasionada por conta das desigualdades sociais presentes na sociedade capitalista. O ensino de História multicultural significa, sobretudo, assumir um enfrentamento dos problemas sociais do nosso tempo a fim de contribuir com a formação de sujeitos críticos e atuantes na construção da justiça social (FONSECA, SILVA, 2007). Como destaca Fonseca e Silva (2007),

Trata-se, pois, de uma postura, de um discurso que traz consigo a crítica ao sistema de ensino brasileiro, à sua concepção e organização histórica, atrelada aos interesses dos setores dominantes da sociedade. Rejeita a escola excludente. Defende uma escola para todos. Compreende que os saberes institucionalizados ou socialmente aceitos sempre permearam nossos currículos e também a dinâmica em que se insere o processo de globalização, de derrubada de fronteiras. A escola se apresenta como um espaço de acolhimento, inclusão, respeito, de “resgate” (palavra bastante utilizada) de identidades e culturas múltiplas (FONSECA, SILVA, 2007, p. 45).

Partindo do pressuposto da defesa da escola enquanto um espaço para todos/as, *de acolhimento, inclusão, respeito, de “resgate” de identidades e culturas múltiplas*, como bem destacou Fonseca e Silva na citação acima, deve, pois, na sua dinâmica cotidiana incentivar o exercício de tais atribuições. Embora, a ideia de uma educação escolar excludente ande em contramão ao politicamente correto da maioria das legislações educacionais, inclusive, em relação a seguimentos como a comunidade LGBTQTs, infelizmente, se torna evidente que em muitas culturas escolares se faz presentes desafios para LGBTQTs conseguirem permanecer e concluir seus estudos mais

básicos. Desafios estes motivados por variadas questões, em especial, as permanências de um contexto histórico de preconceitos, discriminações e intolerância, e o despreparo de gestões/as, docentes e entre outros profissionais da educação no que diz respeito às distintas demandas do século XXI.

Sendo assim, o presente capítulo intenciona continuar problematizando a narrativa de Gabriel Oliver, agora, com o objetivo de perceber, como o ensino de História, especificamente tem contribuído (ou não) para consolidação ou, mesmo, construção de uma visão e prática de ensinamentos que busque colaborar para formação de cidadãos/ãs que respeitem às diferenças da diversidade de gênero e sexual e se reconheçam no contexto escolar e na disciplina de História, independentemente, de sua identidade de gênero e orientação sexual.

Ademais, as seguintes problemáticas orientam nosso debate: Como era as aulas de História? Como você era visto/a pelo/a professor/a de tal disciplina? Qual era o livro didático? Havia discussões sobre Gênero e Sexualidade? Você teve conhecimento de algum sujeito histórico LGBTTT? Em sua opinião, para que serve o ensino de História? O que você pensa sobre a relação do ensino de História e a sua identidade enquanto transexual? Suas identidades eram reconhecidas pelos/as estudantes cisgêneros, pela escola?

Ao todo, foram três anos de convivência com Oliver no espaço escolar e como seu professor de História no ensino médio. Nossas histórias se cruzaram fortemente, pude conhecer um pouco de suas experiências de vida, principalmente, no que se trata de seu processo de reconhecimento enquanto sujeito transmasculino. Agora são nossas memórias que se atravessam, inclusive ao lembrar nossas realidades escolares.

Eu, homossexual não assumindo na família, na escola, entre amigos e, o pior, nem comigo mesmo, em pleno século XXI, uma vez que entre 2001 a 2005 cursava o fundamental e o ensino médio. Situação que se manteve, mesmo depois de adulto, ao longo de minha graduação. As muitas marcas que carrego deste contexto, hoje sei o quanto está relacionada ao silenciamento e a proibição diante de qualquer tentativa de ser feliz e viver plenamente a homossexualidade.

Oliver, no mesmo contexto do século XXI, mas, parte de outra geração de jovens que frequentou a escola na década de 10, nos relata as permanências destes dilemas, sofrimentos e desgosto ao ter que lutar para defender um de nossos direitos mais básicos, a educação democrática, inclusiva e libertadora.



E, nesta conexão, entrecruzamento, atravessamento de histórias e lembranças de assuntos tão caros pra gente, permanecemos firmes e fortes para continuar defendendo aquilo que muitos como a gente defendeu e/ou ainda defende na esperança que no futuro próximo outras gerações não carreguem tantas mágoas na vida e possa relatar sentimentos mais positivos das suas realidades, notadamente, escolares.

Oliver cedeu seu tempo, suas experiências, que marcaram e marcarão minha vida pessoa e profissional tão quanto me fez enxergar as realidades trans. Encarei a entrevista como pesquisador, porém, como docente parte daquelas memórias, na medida em que, as suas lembranças diz respeito, também, as minhas práticas, então, trata-se de uma oportunidade para repensar a minha formação pedagógica e, melhorar, cada vez mais, para que haja aulas de História em que todas as diversidades possam se sentir representadas. Considero esta a minha maior contribuição social, na educação, o sentimento de justiça social.

Ao ser indagado/a sobre o impacto do ensino de História, para o reconhecimento enquanto sujeito histórico trans, bem como a utilidade de tal ensino na sua vida, comparando o ensino fundamental e o ensino médio, mais uma vez percebemos na sua narrativa que a fase do fundamental II, não foi prazerosa, quando relembra novamente, a vertente religiosa das escolas que estudou como obstáculos para construção de sua identidade de gênero e orientação sexual.

No ensino fundamental, o ensino de História não ajudava muito porque no ensino fundamental é uma coisa que às vezes é mais religiosa, as escolas, a maioria. Lá em fortaleza, pelo menos, que eu estudei, as professoras de História falavam muito sobre coisas que não tinha nada a ver. Tudo que faziam eram relacionadas a uma religiosidade e tudo. E não que eu tenha um problema com a religiosidade, eu sou uma pessoa que tem religiosidade, mas não tem religião. (p. 36-37)

Em outra situação Oliver coloca no ensino fundamental o ensino de História não teve nenhum papel na sua experiência de vida, “(...) não teve nenhum mesmo. Nenhum, porque História era uma coisa muito tosca pra mim no fundamental, muito tosca. Nada era profundo, nada era uma coisa uau, sabe?! Tudo era uma coisa muito rasa, muito sem graça, muito!” (p. 28)

Por outro lado, acerca do ensino médio, a fala de Oliver destaca a importância que o ensino de História contribuiu para sua cidadania, colaborando para o conhecimento de seus direitos, mediante reflexões de artigos da Constituição Federal de 1988. Estes conhecimentos jurídicos o/a empoderou para o reconhecimento como sujeito histórico que não se conforma com as injustiças sociais e busca transformar sua realidade, lutando por seus direitos garantidos pela Constituição, inclusive, o direito de existir de acordo a identidade de gênero que se reconhece.

Então, é diferente, e a História ela já no ensino médio, ela já vai ver outros pontos, muitos outros pontos. Quando fala do iluminismo, quando fala de ter religião ou ter religiosidade ou não ter nenhuma, ou ser várias coisas, e aí, vai falar sobre o que é ser enquanto um cidadão, e aí, vai falar sobre o papel, vai falar sobre toda uma questão da Constituição no Brasil, como é que funciona, e tudo isso é muito importante para que eu enquanto indivíduo, principalmente um indivíduo trans não binário, me identifique e saiba ali qual é o meu direito, que é de não ficar calado quando eu vejo uma lei que diz que as pessoas não podem me agredir e que não podem fazer isso, não pode deixar acontecer. Porque muitas pessoas deixam acontecer porque acham que não tem nenhum direito para ser tomado, então, pra mostrar pras pessoas. Aí simplesmente apanham porque acham que ninguém vai levar a sério. Então, você pode cobrar, porque é uma coisa séria e tá na Constituição. Se você é um ser humano, como qualquer outro, você tem o direito de viver, é o direito, o mais básico direito, e depende muito também quando as pessoas dizem que falam alguma coisa porque é livre arbítrio, livre arbítrio pra quem, né?! Por que eles começam a falar coisas, mas não é assim que não funcionam, quando eles usam o cunho religioso pra justificar coisas, às vezes é preconceituoso, aí você diz: mas não tem muito problema porque vai acontecer isso sempre. Na verdade, se você for atrás do seu direito não vai acontecer mais, não é para acontecer, entendeu?!. E História mostra tudo isso, vai lhe mostrar toda a questão da Constituição, principalmente, porque a gente tá no Brasil. Não vai mostrar tudo, a gente ver partes, a gente ver artigos, a gente ver coisinhas específicas que são muito, muito importantes, e quando eles mostram isso, a principal parte em História que me ajuda é quando diz, olha: se você tratar essa pessoa assim porque ela é homossexual, porque ela é uma pessoa negra, índio, é isso e aquilo, e diz, a consequência é isso daqui, porque na história, há muito tempo atrás, aconteceu isso, e agora tá acontecendo parecido, porém antes não tinham essas leis, e aí, e agora, você vai fazer com essas pessoas?! Porque agora tem outra coisa. Então, História serviu pra mim pra perceber isso, que não dá pra deixar as pessoas passarem por cima, já que agora eu tenho alguma coisa que me segure. E não só me sustentar com essas coisas, né?! Eu aprendi nas aulas de História com Cláudio que essas coisas não são o bastante, que são muito poucas, é tipo o zero vírgula cinco dos cem por cento, sabe?! Então, falta muito coisa pra você botar aqui e ver direito em relação ao nome, ambulatório, a questão de poder ter uma

lei que faça de maneira mais firme, que quando alguém xingar você, falar alguma coisa de maneira preconceituosa você possa recorrer diretamente, e ser um crime tão grave quanto os outros. Não só de a pessoa ir lá, pagar uma multa e ir embora, e fazer de novo, mas de fazer perceber que é grave mesmo, que é uma coisa que atinge a saúde mental da outra pessoa. Então, História serve para isso, é para aprender que o raso, que o que você ver, que é a pontinha do iceberg, na verdade, tá escondendo um super e profundo oceano com todo o resto, né?! É toda a informação. (p. 37-38)

Como percebido na comparação das suas experiências entre o fundamental e médio, realizada no segundo capítulo, no contexto da escola, de modo geral, quando Oliver não se lembrou de vivências significativas, ao contrário do ensino médio, que, mesmo diante de certos dramas apresentou mudanças importantes. Novamente em se tratando da mesma comparação, porém, agora focando o ensino de História, compreendemos na narrativa de Oliver, que o ensino médio foi mais expressivo.

Outro conteúdo trabalhado por mim em sala, onde, também, pensei através da abordagem da Sexualidade, e foi significado por Oliver, tratou-se do Holocausto e as vítimas homossexuais, realizado, no terceiro ano, em 2017. Segundo ele/a,

A parte que eu mais me interessava no livro de História era a parte dos nazistas, né?! Que eu queria entender porque toda essa coisa aconteceu. Como aconteceu. E quando falou dos homossexuais também incluídos lá, eu queria saber qual... todo o processo de como aconteceu. Por que, que tudo caminhou daquele jeito. Quais são as chances de acontecer hoje em dia. E nas aulas de História a gente é, era falado mais a questão política da coisa, que interferia nessa questão de ser um LGBT. Como você colocar o Bolsonaro (muito falado isso também) no poder. E aí seria uma coisa bacana? Tem uns estúpidos que dizem: ‘sim! Sim, né?!’. É uma coisa bacana’. Uma pessoa, uma pessoa negra falou assim: ‘sim, sim é bacana porque ele não gosta de homossexual’. Mas, aí Bolsonaro nem gosta de homossexual e não gosta do negro, daí quem é quem nesse lugar? E aí eu tentava colocar o que tem a ver uma coisa com a outra. O que tem a ver a ditadura militar lá dentro dessa situação? onde é que tá esse golpe aí de 64 com a gente homossexuais? Tá em todo lugar, entendeu?! É correndo o risco de entrar de novo em uma coisa assim que as pessoas acham que nunca aconteceu e tem gente que pensa que nunca pode acontecer de novo, quando já aconteceu, entendeu?! Então, o livro de História me fez abrir um pouco a mente. Quando eu lia sozinha, mas quando eu vinha pra sala que tinha o professor com o embasamento no livro de História, uma coisa mais firme. Não só abriu como também, dava um direcionamento do que eu posso fazer agora

para reverter à situação do país, enquanto isso de tá me colocando pra trás ou tirando os direitos dos homossexuais. E ele falava sobre direitos, ele trazia muito as leis e trazia também o artigo tal tá falando isso e isso, portanto vocês não façam isso porque tá acontecendo e não pode! Então, ajudou a abrir assim a cabeça, não era uma coisa assim, agora vamos falar sobre é... sobre os espanhóis e toda uma revolução e todo num sei o que e acabou a aula, não era assim! [pausa] então, funcionou muito bem pra mim a aula de História. (p. 28)

A partir da citação acima percebemos também questionamentos coerentes com o pensar histórico promovendo uma interessante conexão entre passado/presente e comparações críticas de acontecimentos históricos entre sociedade e contextos históricos distintos. Além disso, de novo, faz referência as leis, artigos constitucionais que versam acerca de direitos LGBTTs.

Na sua fala, foi nas aulas de História no ensino médio que mais se deparou com discussões sobre Gênero e Sexualidade, a ponto de lembrar que outros/as estudantes reclamavam da chatice da aula, devido ser trazido tais temas:

Que ele era o que mais trazia. Ele sim, que era o que mais trazia. Trazia muita coisa, muito slide, muita coisa. O pessoal dizia: ‘que chato esse aula!’. Às vezes: ‘Só fala disso, só fala disso’. E na verdade ele queria ascender esse pensamento chato das pessoas que era pra uma coisa melhor. (p. 26)

Contudo, ao ser questionado/a se teve algum sujeito LGBT que ele/a conseguiu a partir do ensino de História e se tornou referência na sua vida. Em duas falas demonstrou uma dificuldade de lembrar exemplificações de sujeitos, apesar de dizer que teve.

Teve algum sim. Em algum momento, eu acho que foi citado algum sujeito LGBT, mas eu não sei se foi na aula de História exatamente. Mas, foram citados alguns, né?! Eu lembro que foram citados algumas pessoas específicas, alguns personagens da História que eram LGBTs, mas eu não lembro os nomes. Eu lembro que, em algum momento em outra aula, na Informática foi citado que o cara que criou alguma coisa, ele era né... (p. 29)

A pessoa que estava tentando lembrar era o matemático Alan Turing, porém, depois de certa confusão lembrou que havia sido na disciplina de Informática.

Ele era o que... ele era homoafetivo que todo mundo fazia as coisas, usava daquilo mas não sabia. E xingava e criticava os homossexuais e tudo mais não tinha a noção de que era ele que tinha criado a coisa toda. Então eu pensei: aquele cara deve ser muito massa! Criou um negócio que todo mundo usa, mas as pessoas acham que não tem, não tem, não pensam por esse lado que estão usando uma coisa. Na verdade, tão xingando as pessoas que eram exatamente como eles são. Nas aulas de história tiveram muitos, muitas pessoas citadas, mas eu não lembro os nomes. (p.29)

Em um terminado momento da entrevista resolvi relembrar a Oliver sobre o dia em que ele/a me surpreendeu com uma afirmação tratando sobre a invisibilidade trans no ensino de História, como narrei no primeiro capítulo. A situação que me marcou, talvez, para Oliver não tenha sido significativo. Por isso, trouxe várias elementos como o contexto do Brasil colônia, a temática relacionada a sociedade, família, religiosidade, o vídeo sobre Daniela Mercury, e a sua afirmação de que ainda era fácil falar sobre homossexuais queria ver era falar sobre trans. Estes exemplificações ajudaram o/a nosso/a narrador/a a ativar a memória e comentar sobre o que sentiu e o significado daquele momento.

Porque é... as imagens que estavam sendo mostradas bem no início da aula eram as famílias tradicionais, né?! Do tempo colonial, o homem senta na ponta da mesa e a mulher, e tem aquela questão da escrava que tá ali, toda uma coisa, e aí, na outra, do lado. Tem basicamente a mesma coisa só que atualmente, né?! Isso, a mulher que senta ali, que tá fazendo alguma coisa que é submissa ou que tá enfim, lavando a louça, aquela coisa toda. E não tem ali nada exatamente falando como é que o homoafetivo se sente no meio daquela coisa toda. E aí ele entra com a Daniella Mercury e começa a falar que tem toda a questão, que ela foi uma pessoa ativista nesse meio, que ela foi uma que... deu uma ascendência, né?! Quando você, por exemplo, tá na escola aí não tem ninguém que é homoafetivo, de repente você tá lá aí você chega e diz: não, agora eu quero chutar o balde pra dizer o que eu realmente sou porque não tá dando pra aguardar mais. Ou, então, você se descobre naquele momento. De repente, começa a ascender vários gatos pingados que já eram, que já se descobriram, mas não tiveram coragem ou estão se descobrindo agora. E aí quando a Daniella Mercury ela se ascende assim, porque ela sofre muitos preconceitos por ser cantora, por todo um processo assim, aí todo mundo vai também com ela naquela coisa, no ativismo dela, de ter

força, de ser mulher, guerreira e tudo. E eu via aquilo dali, como também em outros homens, quando são citados nas rodas de conversas LGBTs, Fred Mercury, não sei quem das quantas, tudo que é cantor, que é do meio dos cantores, como eu curso música, aí eu dizia: cara, pô, bacana, mas não tem nenhum homem trans, mulher trans, nenhum trans não binário. E aí não tem ninguém, aí, e aí onde eu me encaixo, eu não me encaixei em lugar nenhum, em lugar nenhum. Tá fazendo, tá ascendendo, tá é... a questão da mulher homoafetiva, a mulher lésbica ou bissexual tá chamando, tá dizendo: olha aqui é a força! Tô subindo, vamos comigo todo mundo que a gente está num barco só. Quando é os homens também, homens gays, olha eu tô subindo, a gente tá fazendo o nosso nome. Todo um processo que ajuda na reafirmação deles e tudo, quando você é um cantor e é famoso é mais fácil as pessoas se ajudarem ali, dando um incentivo, é isso. E aí, que nem aqueles livros de autoestima que você está lendo dão incentivo, é essas pessoas. Daí eu não via nenhum homem trans, quando eu me identifiquei como homem trans, em nenhum lugar, nenhum. O homem trans que me dizia: agora eu tô assim, como alguma coisa era o João Nery, que é o cara que escreveu, escreveu um livro, né?! Ele fala sobre a história dele, toda uma história. E esse é um livro muito interessante que dizia [pausa] (p. 30-31)

De acordo com Oliver, a representação de homossexuais é importante para o autoreconhecimento de sujeitos homossexuais, pois, sem pessoas representativas é difícil se aceitarem ou tem coragem de assumir sua orientação sexual. Mas, o que podemos de fato perceber é que seu argumento não foi no sentido de desmerecer a representatividade homossexual, mas sim, a carência de figuras suas inquietações acerca do lugar de representação de sujeitos trans, de como estudantes transexuais, assim como Oliver, não se vê representado nos mais diversos seguimentos que compõem a tessitura social, inclusive na educação.

Não! Eu não conheci na escola, eu achava essencial, achei que se alguém chegasse pra mim na escola e dissesse assim, eu pensando agora, eu estando na universidade, acho que se os alunos conhecessem esse livro ou ele tivesse na biblioteca seria um negócio de outro mundo assim, de que eles iriam entender afundo como funciona aquela esteticazinha bonitinha de orientação quando você vê. Porque, às vezes, o que sua mente... passou ali você olhou, mas na verdade apagou no segundo depois, não significa nada. Agora quando você tá lendo afundo uma história, aí é outra coisa. Então, esse foi o único homem trans que me fez ascender, agora, não binário que me fez ascender foi Triz (...) Então, essas duas pessoas marcaram foi João Nery e Triz, mas nenhum deles foram apresentados na escola em nenhum momento, nem um momento. Só a Daniela Mercury como um símbolo do lesbianismo, né, que foi colocado ali (p.31).

Pessoa trans ainda carece de visibilidade e representatividade que os possibilite ascender enquanto sujeitos sociais fazendo emergir questões relativas à consolidação da cidadania do sujeito transexual, que possa dar corpo e voz a sua luta, sua causa, como demonstra ao trazer o exemplo do transmasculino João Nery, pessoa cuja história narrada em livro é significativa no seu processo de construção da identidade trans de Oliver, mas que nunca escutou falar nos espaços escolares que estudou.

Aproveitando ainda a oportunidade busquei saber lembranças mais detalhadas dele/a sobre a aula relacionada a/aos transexuais e as travestis que apresentei na semana seguinte após sua argumentação do silenciamento sobre os trans, como ele/a já havia citado na entrevista em um momento anterior, ao afirmar que “Tinha na aula de História, falava que acontecia isso, uma vez falou sobre a diferença entre travestis e os transexuais” (p.26).

Nesse sentido, também utilizei algumas frases para ajudar a lembrar como o debate em torno do significado de trans, diferenciação entre identidade de gênero e orientação sexual. E, recordei também uma colocação dele/a contra o com o fato de eu ter falado sobre Tammy Miranda enquanto um representante do universo transmasculino. Segundo Oliver,

A maioria dos trans querem sua certidão, querem mudar. Então, eles precisam entrar no banheiro, eles precisam disso ou daquilo e quando você tem toda uma mudança é mais fácil, porque se você entra num banheiro masculino com a aparência “feminina”, entre aspas é uma crítica danada porque mulher não entra no banheiro masculino. É mais ou menos assim que funciona, e aí o que eu faço, as críticas que eu fiz foi com relação ao nome e com relação ao Thammy. Assim, os trans eles passam todo o tempo se descobrindo, toda uma coisa e demoram um absurdo assim pra se encontrar, porque é difícil, e essa pessoa do nada chega, eu sou Thammy e isso. Faz uma cirurgia de redesignação, faz a retirada das mamas e isso e aquilo. E os trans se sentem como? Como se fosse uma obrigação agora fazer isso. Todo trans agora tem que automaticamente fazer uma. Então, porque em nenhum momento e, também fiz a colocação por ele ser uma pessoa machista. Thammy é uma pessoa muito machista e se colocar enquanto aquele homem que... é como se fosse um homem cis, sabe?! É totalmente machista ali, misógino e ele faz isso. Então, me coloquei que ele não me representa em nenhum momento, porque assim é... por ter se construído uma pessoa assim e por ter aparecido do nada só porque é

uma pessoa midiática com uma mastectomia feita e querendo[pausa] testosterona e fazendo aquilo tudo sem nem dizer: olha é assim que funciona! Nem todo trans é assim. E como figura midiática ele deveria explicar como funciona todo o processo e dizer: não é todo trans que toma T, que ingere T, não é todo trans que vai ter barba, não é todo trans que vai fazer mastectomia. Então, ele não me identificou juntamente com a Tereza Brant também, porque os homens querem uma afirmação do nome, que era justamente onde tava tentando me colocar como Gabriel e Tereza veio com aquilo e todo mundo perguntou: 'então, dá pra tu ficar com teu nome mesmo? Não precisa mudar! Num tá vendo Tereza Brant? Só fala mesmo como é que tu quer se vestir e fazer o que tu quer fazer, mas pode se chamar Júlia!'. Aí todo mundo começou a ter base em Tereza Brant. Eu fiquei, não, gente não é assim que funciona! Então, é por isso que não dá certo e eu falei que eles não me representavam de jeito nenhum.(p.32-33)

Observamos que Oliver, em nenhum momento, se considerada representado/a pelo trans Tammy Miranda, uma vez que compreende como uma figura midiática que contribuiu para uma leitura generalizada sobre ser trans, notadamente, transmasculino, ou seja, que precisa fazer cirurgias, tomar hormônios, ter barba e adotar uma postura machista e misógina típica de homens cisgêneros preconceituosos. Do mesmo modo, não se reconhece na figura do ator Tereza Brant, pois, a mesma ao permanecer como nome feminino, mesmo se assumindo como homem transexual e por ser, também, uma figura midiática, as pessoas próximas a Oliver passou a desconsiderar a sua necessidade de mudança de nome, pois, tomavam como parâmetro o exemplo de Tereza Brant, que não mudou seu nome civil.

Nesse sentido, ficou evidente, de modo geral, que aula que propus sobre transexualidade Oliver não se sentiu representado, na medida em que, apresentei exemplos somente de pessoas trans que fizeram a transição, principalmente, com processos cirúrgicos.

Pensando nestas questões da trajetória de vida, no ensino de História que bem como na nova geração que está entrando nos ambientes escolares, Oliver foi indagando a pensar nos sentidos do ensino de História.

Eu acho que História é mais do que a questão dos patrimônios, de lembrança e de memória. É uma coisa que faz com que o indivíduo perceba que ele não tá sozinho no meio da sociedade, que teve em algum momento alguém que representou ele, mesmo que tenha sido há décadas ou milênios antes, sabe?! Às vezes, você acha não, que isso começou agora, essa história de não binário começou agora. Às vezes, não! Às vezes, tinha um ser há uns trilhões de anos atrás,



querendo ser exagerado mesmo, pra dizer que era muito distante e que é igual. Era exatamente assim que ele se sentia, porém, se você pensar como não existindo História, como seria se não existisse História, você talvez, a gente, não tivesse o conhecimento sobre as siglas, que elas só se formaram através da História, porque existiram mulheres, existia casal, há muito tempo atrás, uma delas se chamava Charlotte, não sei, na década de 30 ou era 20 uma coisa assim, lembro que eu trouxe em alguma aula assim, pra falar que não existe isso agora, não foi século XX, não foi século XIX, foi há muito tempo atrás. É uma coisa de centenas de anos, centenas há mais atrás, que sempre existiu desde os gregos, né?! Desde toda aquela relação homoafetiva que eles tinham pra satisfazer o prazer deles com outros homens né?! Aconteciam sempre e as pessoas acham que não, que é hoje! Então, História serve pra você reformular o seu pensamento pra poder ter uma ideia hoje sobre o que tá acontecendo. Como, como qualquer outra ciência, né?! Você precisa de todo um embasamento anterior pra formular tudo que temos hoje como Bhaskara, isso e aquilo. Você tem História pra poder fazer isso, trazer o conhecimento pro pessoal de como é que é você ser um homoafetivo hoje, sendo que alguém há muitos anos atrás também pensou parecido. A diferença é que hoje as coisas são mais versáteis, assim né?! Várias coisas e você também pode mostrar por causa da comunicação e antes não! (p.34)

A pertinência do ensino de História na problematização do pensamento é, segundo Oliver, algo importante para a compreensão do sujeitos históricos e seus modelos de representação. Para perceber os processos de mudanças e permanências, onde sujeitos e práticas característicos da contemporaneidade encontram reminiscências nos mais diversos períodos históricos. Que práticas, costumes e manifestações do passado permanecem vivos. Nesse sentido, as experiências históricas do passado ajudam Oliver se compreender no presente e a reafirmar a sua identidade.

Ainda tratando da utilidade do ensino de História para debate sobre transexualidade na educação básica Oliver destaca uma das grandes contribuições é ajudar esclarecer conceitos básicos para o entendimento de tal temática

Sabe, a grande importância que eu acho no ensino de História com relação a falar sobre os transexuais é que, os transexuais as vezes aparece quando uma pessoa fala sobre. Mas, eles não aparecem porque eles estão ouvindo aquilo e eles agora querem ser aquilo. Eles aparecem porque houve uma identificação de algo que eles já eram e eles passam. Então, quando o professor de História fala sobre transexualidade e divide tudo direitinho falando: olha, o gênero ele tá aqui, ele é a sua identidade, é como você se sente, é como exatamente você é. Não o que você cria, não tem nada a ver uma coisa que você é, não tem como mudar! Porque se tivesse como mudar eu não escolheria ser, ter esse gênero talvez ou talvez você não escolheria

ser...ou um homem ou mulher, você não escolheria ser não binário pra não ter que ficar nos dois, ter uma coisa ali, que é dita como certa, certo?! Então, a importância de dividir a orientação e colocar no lugar, dizer que não é uma opção que você, que isso é uma coisa muito importante que eu esperava chegar no ensino médio e ouvir isso. Não é uma opção, você não olha pro lado e diz assim: olha eu adorei beijar uma moça e eu sou lésbica porque eu opnei por isso, mas eu posso deixar de opnar e ser agora, todo momento, ser uma pessoa heterossexual. Não funciona desse jeito. Então, quando o professor de História fala na sua aula e explica tudo, tópico por tópico e diz, olha: não binário ele vai funcionar assim. Mesmo que seja uma coisa por cima, diga: o trans binário é assim e tem essas ramificaçõezinhas e é diferente a questão de você querer ser homem, de você querer ser mulher, de como você se identifica, não é uma coisa que vira, não é uma coisa que você nasce assim, mas fica uma coisa no seu próprio inconsciente, você desenvolve depois o que você já era, às vezes, até com a questão do seu DNA, então são muitos fatores, muitas coisas que você nem sabe de onde vem, mas que você tem que respeitar. Então, é muito importante o professor de História falar sobre todas essas coisas e principalmente como Cláudio fazia. Vou usar aqui uma pessoa do tempo do nazismo Hitler e vou colocar os homoafetivos lá, como eles eram tratados e o que acontecia e por que isso acontecia. Quem vocês acham que foram os primeiros na História, que eram os importantes no meio tecnológico, no meio da música, entendeu?! Ajuda muito. (p.33-34)

Além disso, em sua opinião, é preciso que nas variadas discursões os sujeitos transexuais devam ser trazidos à cena, e não, necessariamente, separar um apenas momento para tratar sobre.

É, né?! Porque sempre tem. Você tá ali aí tem uma história de alguém que construiu uma torre num sei dá onde, dentre aquelas pessoas, eu tenho certeza que não foi só uma. Então, se foram várias, alguém, em algum momento, era homossexual, talvez, e alguém contribuiu, então, qual o papel daquela pra aquilo. (p.35)

Por fim, diante de possibilidade de mandar um recado para os/as professores/as de História, Oliver apresenta a seguinte orientação,

Eu diria aos professores de História, como um todo que a lição de saber, que eles tenham o interesse, de que eles tenham essa coisa de cativar os alunos, através da pesquisa e saber a fundo não só o que é a bandeira que você diz gay, que você quer definir a mulher lésbica, que

você quer definir o homem. Que eles saibam a fundo o que significa cada coisa, assim como eles sabem a fundo o que significa cada guerra, cada revolução, como eles se dedicam à saber cada data. Se eles soubessem cada coisa especificamente para poder passar em cada momento que eles forem falar sobre uma catástrofe, uma guerra, uma... coisas que, possivelmente, estão por vir, eles colocarem esses temas assim no meio disso seria importante e associar qual a diferença de antes para o agora. O que pode acontecer agora com essas pessoas, porque as pessoas não pensam mais. Com o governo que a gente tem hoje poderia acontecer uma coisa como, por exemplo, aconteceu na Ditadura e talvez com mais ascendência por causa do homossexualismo, da homossexualidade, desculpe!, que subiu assim, né, como um todo, porque as pessoas agora se veem e se deixam mostrar mais. Não é que virou moda, é que elas se descobriram, elas conseguem se mostrar. E aí, os professores de História como um todo deveriam dizer: olha, aconteceu isso na década de 64 e pode acontecer hoje com mais ascendência. Você pode ser uma pessoa que não gosta, não respeita isso e aquilo, mas às vezes a pessoa que tá do seu lado, sua irmã, seu tio, é uma pessoa que pode sofrer com isso, porque ela pode ser também, então, é a importância do professor, mostrar que todas as pessoas, elas não são iguais, nem no físico, nem no pensar, nada! Mas, a questão da sexualidade, da identidade é o mesmo termo se aplicando de diversas formas. Então, se eles falam de uma coisa só quando falam de identidade eles já aplicam pra todas as pessoas que se encaixam ali.(p.36)

Oliver faz um apelo para que o/a professor/a de História possa romper o véu que impossibilita ir além da superficialidade do conhecimento de assuntos pertinentes a comunidade LGBTQTT. Que assim como acontece com a análise e construção do conhecimento o histórico, seja lançado um olhar mais aprofundado acerca desse assunto, onde as individualidades de cada seguimento possam ser compreendidas e respeitadas. Entendendo, ainda, o diferente não como algo danoso, assustador, como um corpo estranho, pelo contrário, como múltiplas formas de manifestação e configuração da dinâmica social e das identidades humanas.

## Capítulo 4: Sequências Didáticas em Gênero e Sexualidade

### Apresentação Geral

Atividades relacionadas às questões Gênero e Sexualidade no ensino de História do século XXI são necessárias e urgentes. As raízes culturais do patriarcalismo e do machismo, continuam profundas e alimentadas por velhos discursos, sob novas roupagens, para justificar práticas de intolerância, inclusive, contra homossexuais no Brasil do tempo presente.

Mas só levar as temáticas para sala de aula não é suficiente. Quando não se têm um olhar mais histórico, multicultural, democrático e pautado no respeito aos direitos humanos, corremos um sério risco de perpetuarmos uma consciência histórica baseada na violência e na exclusão sexual e de gênero. Além disso, precisamos estar cientes de conceituações básicas que perpassam tais debates, notadamente as diferenças entre identidade de gênero, orientação sexual, expressões de gênero e sexo.

As sequências didáticas aqui apresentadas tem o objetivo de auxiliar os/as professores/as, principalmente, de História, que nunca tiveram seja formação institucional ou não, ou ainda não sabem lidar com os desafios da educação e do ensino de História do século XXI, frente à diversidade de Gênero e Sexualidade.

A justificativa da falta de informação, muita demanda e pouco tempo para formações continuadas são justificáveis, a ausência em livros didáticos são entendidas por mim, também professor de História. Por isso, resolvi colaborar através destas atividades propostas para suprir estas carências e caminharmos no sentido de nossa obrigação ética em contribuir para a cidadania, a justiça e o bem estar social dos nossos/educandos e da sociedade que fazemos parte.

As atividades são voltadas para os/as estudantes do ensino médio de escolas públicas ou privadas, cujas, faixa etária, geralmente, corresponde as idades entre 14 a 18 anos de idade.

## 4.1. “Trajetórias Históricas da Homossexualidade no Brasil”

### 4.1.1. Apresentação:



<http://portalctb.org.br/site/noticias/brasil/historia-da-operacao-limpeza-a-cura-gay-os-40-anos-de-luta-do-movimento-lgbt-no-brasil>

A partir desta atividade, nós, professores/as de História, tornaremos possível conhecer melhor sobre preconceitos, discriminações e resistências envolvendo homossexuais, ao longo da História do Brasil.

Pensar a homossexualidade do ponto de vista histórico é problematizar como as relações sociais e de poder na sociedade brasileira, em contextos temporais distintos, impactaram nas experiências e na busca da cidadania dos/as homossexuais e, como as/os mesmos/as atuaram(am) na sociedade.

### 4.1.2. Justificativa

Enquanto prática histórica, a homossexualidade é revestida de influências ideológicas, culturais, sociais, políticas, religiosas, científicas, etc. Entre eles, muitos significados pejorativos como crime, pecado, doença, opção, em comparação da heterossexualidade vista como norma, inerente ao ser humano, natural. Por outro lado,

temos as intensas lutas travadas, nas últimas décadas pelos movimentos LGBTTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) que vêm conquistando antigas reivindicações relacionadas aos reconhecimentos valorativos e direitos homoafeitos, como o da união civil.

Embora da permanência no que diz respeito à polêmica do na educação, consideramos que a provocação deve ser assumida e enfrentada diante da necessidade urgente de combate a homofobia.

#### **4.1.3. Objetivo**

- Compreender as mudanças e permanências que tem caracterizado a trajetória da homossexualidade no Brasil.

#### **4.1.3. Habilidades**

- Comparar documentos escritos.
- Situar historicamente os conceitos, preconceitos e discriminações causadores de práticas homofóbicas.
- Reconhecer os homossexuais enquanto sujeitos históricos.
- Compreender lutas e conquistas promovidas pelos homossexuais em busca do reconhecimento da sua cidadania.
- Relacionar presente-passado-presente.

#### **4.1.4. Desenvolvimento**

É fundamental que nós, inicialmente, compreendamos as consciências históricas que os/as estudantes possuem sobre a homossexualidade. Sugerimos que depois os/as professores/as proponham a divisão da turma em cinco grupos. Cada grupo ficará responsável para análise de um documento histórico escrito escolhido previamente pelo/a docente. Cada documento problematiza a temática da relação entre

pessoas do mesmo sexo em diferentes contextos temporais do Brasil. Segue abaixo os tópicos:

- 1) Homossexualidade e religião nos tempos coloniais.
- 2) Homossexualismo entre os séculos XIX e XX.
- 3) Homossexualidade e movimento LGBTTT no século XX .
- 4) A despatologização da homossexualidade no século XX.
- 5) Homossexualidade e movimento LGBTTT no século XXI.

Devemos orientar cada grupo a ler e debater entre si sobre o documento que ficou responsável. Em seguida, construir uma ficha destacando questões como: quando e quem o produziu? Contexto histórico retratado? Discursos sobre o tema?

Posteriormente cada grupo irá socializar de forma oral suas informações com o restante da turma. Na medida em que cada equipe for apresentando, os/as estudantes serão provocados/as a perceberem as mudanças e continuidades em relação à homossexualidade observadas a partir dos documentos analisados.

#### **4.1.5. Avaliação**

Sobre a avaliação de aprendizagem, esta se constituirá de forma dialógica e contínua. Além disso, devemos propor a produção de um estandarte por parte de cada grupo, a partir de recortes trazidos pelos/as próprios/as estudantes e que nos ajudem a refletir acerca da homossexualidade na sociedade brasileira atual, entrecruzando com outras temáticas como: bullying, homofobia, cidadania, família, afetividade, cotidiano, lazer.

#### **4.1.6. Bibliografia**

AMANTINO, Márcia; DEL PRIORI, Mary (Org.). História dos homens no Brasil. São Paulo: UNESP, 2013.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In. CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Antônio Flávio (orgs.); *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. 10. Ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2013.

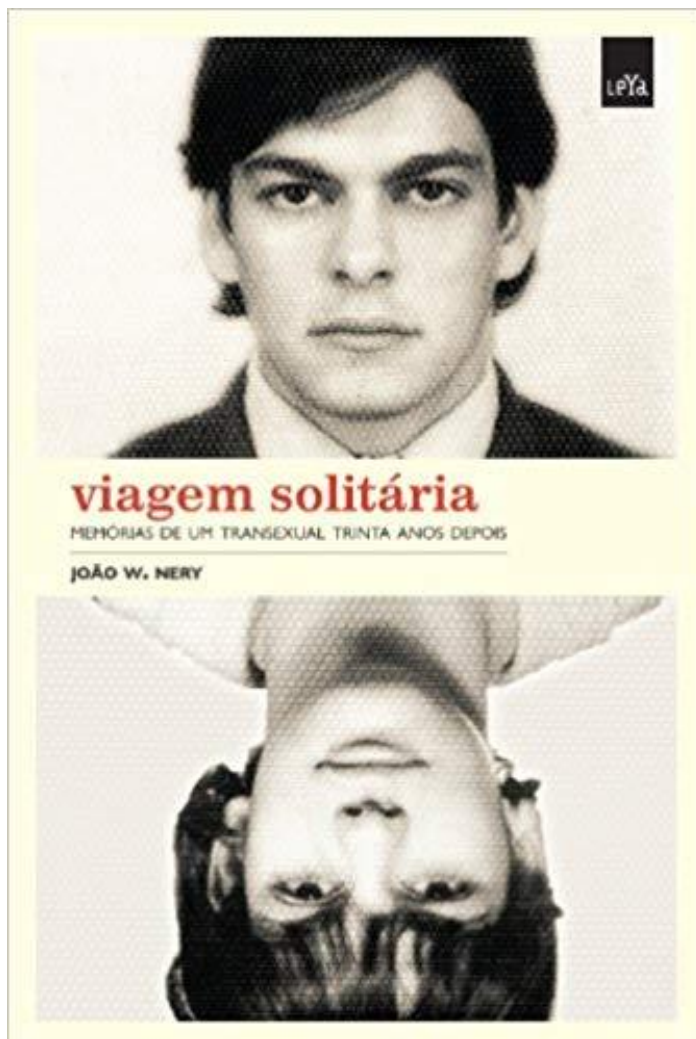
LOPES, Luiz Paulo Moita. Sexualidades em sala de aula: discurso, desejo e teoria *queer*. In. CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Antônio Flávio (orgs.); *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. 10. Ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2013.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende. *Jörn Rösen e o ensino de história*. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.



## 4.2. Transexualidade e Travestilidade na Ditadura-Civil militar no Brasil (1964-1985): Repressão e Resistência

### 4.2.1. Apresentação:



[https://www.amazon.com.br/Viagem-Solit%C3%A1ria-Jo%C3%A3o-W-Nery/dp/8580443245?tag=goog0ef-20&smid=A1ZZFT5FULY4LN&ascsubtag=go\\_726685122\\_51601401518\\_242574450465\\_pla-422923818890\\_c\\_](https://www.amazon.com.br/Viagem-Solit%C3%A1ria-Jo%C3%A3o-W-Nery/dp/8580443245?tag=goog0ef-20&smid=A1ZZFT5FULY4LN&ascsubtag=go_726685122_51601401518_242574450465_pla-422923818890_c_)

Com este trabalho, nós, professores/as de História, teremos a oportunidade de refletir acerca das experiências de opressão e resistência de transexuais e travestis no contexto da Ditadura-Civil Militar no Brasil (1964-1985).

Compreendemos que a coerção do regime militar brasileiro foi dirigida á todos/os aqueles/as considerados/as inimigos da “Revolução”. Neste sentido, houve perseguição contra “comunistas”, “subversivos”, etc. Porém, a limpeza social também

incluía os/as “desviantes”, os/as “perversos/as”, os/as “anormais” como eram considerados os homossexuais, bissexuais, bem como, os transexuais e travestis. Tais grupos sofreram perseguições prisões e demissões de cargos públicos arbitrárias, censura e assassinatos.

#### **4.2.2. Justificativa**

As mudanças no fazer historiográfico do século XX, nos permitiu trazer a cena sujeitos silenciados na História, repercutindo mais tarde no ensino. Porém, a invisibilidade, especialmente, de transexuais e travestis no ensino de História permanece em pleno século XXI como pontuamos nesta dissertação.

Além disso, o Brasil é o país onde se mais mata transgêneros no mundo, assim, mais do que nunca, o ensino de História carece de educadores/as que visibilizem tais sujeitos a favor de um ensino democrático que compreenda a importância do ensino história no autoreconhecimento dos sujeitos trans e travestis, e no combate a transfobia.

#### **4.2.3. Objetivo**

- Problematizar a opressão e a resistência de transexuais e travestis no contexto da Ditadura-Civil Militar no Brasil (1964-1985).

#### **4.2.4. Habilidades**

- Analisar documentos históricos escritos e orais.
- Identificar os/as transexuais e travestis como sujeitos históricos.
- Entender formas de opressão do regime militar contra os/as mesmos/as.

#### **4.2.5. Desenvolvimento**

Indicamos que o/a professor/a inicie com a sua leitura da matéria “Como eram tratados os homossexuais na Ditadura”. Sugerimos que depois, o/a professor/a peça para um/a aluno/a continuar com a leitura, agora, do capítulo 7 – Tempos de ditadura, do livro “Viagens Solitárias” (2011), escrito pelo primeiro homem trans a realizar cirurgia para transição no Brasil, João W. Nery. Finalmente, outro/a aluno/a é escolhido para concluir a leitura com a matéria “Aos 62 anos, travesti Martinha relembra as atrocidades da ditadura militar” (2018). Finalizadas as leituras, o/a docente passará um vídeo onde a/o próprio/a travesti Martinha relembra violências que sofreu pelos militares.

No intervalo de cada material lido ou exibido é interesse que o/a professor/a provocar os/as estudantes com questões como: ideia central? Os nomes dos sujeitos citados nos textos escritos e audiovisuais? Ideia central? Contexto histórico? Como o trans e a travesti relembra as vivências no regime militar?

#### **4.2.6. Avaliação**

Avaliação de aprendizagem histórica se constituirá de forma dialógica e contínua. Como proposta extra escolar os/as estudantes a turma deverá ser dividida em seis grupos, três deles ficarão responsáveis para trazer, cada qual, as histórias e memórias de três sujeitos transexuais que resistiram a ditadura, enquanto os outros três grupos, trarão exemplos de travestis. Por fim, as pesquisas deverão ser socializadas em sala de aula.

#### **4.2.7. Sites:**

Aos 62 anos, travesti Martinha relembra as atrocidades da ditadura militar. Disponível em: <https://revistaladoa.com.br/2018/10/noticias/aos-62-anos-travesti-martinha-relembra-as-atrocidades-da-ditadura-militar/>. Acesso em 21 de Jan. 2019.

Como eram tratados os homossexuais na Ditadura. Disponível em: <https://www.nossoamorexiste.com/2016/10/como-eram-tratados-os-homossexuais-na-ditadura/>. Acesso em: 24 Jan. 2019.

Martinha - LGBT+60: Corpos que Resistem | Episódio 2. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zM9ATZUsOZg>. Acesso em: 24 de Jan. 2019.

#### **4.2.8. Bibliografia**

AZEVEDO, Rafaela Costa de. João W. Nery: (Trans)Passando a Ditadura Civil-Militar Brasileira. Disponível em: [http://www.editorarealize.com.br/revistas/conages/trabalhos/TRABALHO\\_EV112\\_MD1\\_SA12\\_ID164\\_11052018161437.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/conages/trabalhos/TRABALHO_EV112_MD1_SA12_ID164_11052018161437.pdf). Acesso em: 24 de Jan. 2019.

NERY, João W. Viagem Solitária – Memórias de um transexual trinta anos depois. São Paulo: Editora Leya, 2011.

## **Considerações finais**

Compreendemos a necessidade de um ensino de História que inclua e discuta questões Gênero e Sexualidade, e, a partir de uma abordagem que leve em consideração à historicidade do conhecimento, portanto, também de conceitos por meio das análises e questionamentos das fontes, da compreensão dos contextos históricos específicos que os construíram, bem como, dialogando com a realidade histórica local, regional e global do tempo presente. Nesse caminho, poderemos significativamente “abrir espaço para a diversidade, a diferença e para o cruzamento de culturas” um dos imensos desafios que a escola precisa enfrentar (MOREIRA; CANDAU *apud* CANDAU, 2013, p.16).

## Bibliografia

ALBUQUERQUE, Durval Muniz. Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história? In: Gonçalves, Marcia de Almeida et all (org.). *Qual o valor da história hoje?* Rio de Janeiro: FGV, 2012.

ANDRADE, Luma Nogueira de. *Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 2012. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/131976/tese%20Luma%20Andrade.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 15/07/2017

AZEVEDO, C; ALMEIDA, M. R. C. de. Identidades plurais. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel. (Org.). *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

CERRI, L. F. Ensino de História e concepções historiográficas. *Espaço Plural* (Unioeste)., v.X, p.149 - 154, 2009.

CEZAR, Temístocles. O sentido de ensinar história nos regimes antigo e moderno de historicidade. In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; RIBEIRO, Jaime; CIAMBARELLA, Alessandra (Org.) *Ensino de História: usos do passado, memória e mídia*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2014.

FONSECA, Selva Guimarães; SILVA, Marcos. *Ensinar história no século XXI: Em busca do tempo entendido*. Campinas: Papirus, 2007.

GONÇALVES, José Cláudio Leôncio. Visibilidades e dizibilidades sobre a homossexualidade: A construção histórica em estudantes de ensino médio na cidade de Juazeiro do Norte-CE. URCA, 2015.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto historiográfico. Tradução: Gizele de Souza. *Revista Brasileira de História da Educação*, São Paulo, n. 1, 2001, p. 9-44.

LOURO Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma abordagem pós-estruturalista*. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ORÍA, Ricardo. Memória e ensino de história. In: BITTENCOURT, Circe. (Org.). *O Saber Histórico na Sala de Aula*. São Paulo: Contexto, 2009.

PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. Tradução: Ricardo Santiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SILVA, Alessandro Soares. Por um lugar ao sol: construindo a memória política da homossexualidade. *Revista Bagoas*, Rio Grande do Norte, nº 8, 2012. págs. 77-102. Disponível em < <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/3353/2711>> Acesso em: 18/06/2017.

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. Cultura Escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. *Educar*. Curitiba, n. 28, p. 201-216, 2006.

SILVA, Marcos A. da. *História: o prazer em ensino e pesquisa*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

**Anexo 1****Roteiro de perguntas:****1. Informações pessoais:**

- 1.1. Como você se chama?
- 1.2. Qual sua idade?
- 1.3. Quando você passou a se reconhecer enquanto transexual?
- 1.4. Como foi ou está sendo seu processo de transformação?

**2. Informações sobre a cultura escolar:**

- 2.1. Qual escola você estudou?
- 2.2. Quando você cursou o ensino fundamental II e o ensino médio?
- 2.3. Qual o significado que a escola tinha pra você?
- 2.4. Como você era vista na escola: pelos colegas, professores, gestores?
- 2.5. Você sofreu com preconceitos e discriminação na escola?
- 2.6. Os professores discutiam gênero, sexualidade, preconceito, discriminação?
- 2.7. Existia algum projeto sobre diversidades sexual e de gênero na escola?
- 2.8. Lembra de alguma discussão sobre gênero e sexualidade no livro didático?
- 2.9. Você acredita que a escola influenciou na sua identidade enquanto transexual? Explique.

**3. Informações sobre ensino de história:**

- 3.1. Como eram as aulas de história?
- 3.2. Como você era vista pelo professor/a de história?
- 3.3. Lembra qual era o livro didático de história? Havia discussões sobre gênero e sexualidade?
- 3.4. Você teve conhecimento de algum sujeito histórico LGBTTT?
- 3.5. Na sua opinião para que serve o ensino de história?
- 3.6. Você acredita que o ensino de história influenciou na sua identidade enquanto transexual? Explique.



## Anexo 2

### Transcrição da Entrevista

Dissertação: “Eu quero ver é falar de trans”: Ensino de História e construção de identidades transexual no Cariri cearense do século XXI

Tipo de entrevista: temática

Pesquisador 1: José Cláudio Leôncio Gonçalves ([claudioleonciojg@gmail.com](mailto:claudioleonciojg@gmail.com))

Pesquisador 2: Cícero Joaquim dos Santos

Local: Crato - CE - Brasil

Data: 11/06/2018

Duração: 01:51:46

CD, armazenamento em MP3/MP4

([https://drive.google.com/accounts?authuser=1&continueUrl=https://drive.google.com/file/u/1/d/1WAlejJknc7bfDnSQcJbJNYNjR\\_28F3kV/view?usp%3Dsharing\\_eip%26ts%3D5b4ab02d](https://drive.google.com/accounts?authuser=1&continueUrl=https://drive.google.com/file/u/1/d/1WAlejJknc7bfDnSQcJbJNYNjR_28F3kV/view?usp%3Dsharing_eip%26ts%3D5b4ab02d))

Páginas: 37

[A entrevista foi realizada na EEEP Governador Virgílio Távora, no bairro Seminário, em Crato-Ce, especialmente em uma sala de aula. Nesse momento há três pessoas na sala: o/a entrevistado/a, o pesquisador 1 e o pesquisador 2. A/o entrevistado/a estava sentado/a numa cadeira entre os dois pesquisadores. A entrevista foi marcada com antecedência. Antes de dar início as perguntas, realizou-se uma conversa informal sobre o propósito da entrevista. (00:00:00—00:04:00) ]

Pesquisador 1- Como você se reconhece?

July Oliver - Eu me reconheço como July, July Oliver, porém, se chamar de Julya não haverá nenhum problema. Por muitas questões, né?! Questões de ter um binarismo no nome, mas de poder ser reconhecido como um só ou como nenhum, sabe?! Poder ser chamado de Julia ou July, que no finalzinho pode remeter tanto ele como ela ou ser chamada de outra coisa. Eu prefiro geralmente que me chamem de muitos apelidos, como eu ganhei Oli, que também remete a qualquer um dos dois. Me chamam só de Jú. Essas duas coisas que vão remeter, esses nomezinhos que vão remeter a coisas sem direcionamento na pronúncia do nome, sabe?!

Pesquisador- Que não seja definido.

July Oliver- Que não seja definido, isso! É importante.

Pesquisador- Que não seja um nome masculino nem um nome feminino.

July Oliver- É. É importante que não tenha essa definição. Porque tudo bem se você me chamar algumas vezes de Jhulia, mas é como quando você diz: o meu nome é Cláudio. Aí as pessoas dizem: ah, chama Cláudio! Agora eu vou chamar de Cláudio e vai eternamente, se em algum momento ele se reconhecer com outro nome a pessoa vai ter dificuldade e quando você apresenta com o nome no qual você já tem a identidade, de não ter uma identidade específica, as pessoas vão pensar nisso também.

Pesquisador- Em relação a...Uma questão que eu ia colocar era justamente... Ah! Seu nome!! Teve um momento que você estava assinando como Gabriel, trabalhos da escola.

July Oliver- sim!

Pesquisador 1- Essa mudança aconteceu a partir dessa mudança de pensamento seu também?

July Oliver- É porque durante o período da escola no ensino médio eu pensava muito com relação como me chamam agora, como eu realmente me chamo agora. E aí eu pensei em ser um homem trans binário, que seria apenas o homem ou apenas uma mulher e aí me coloquei, me reconheci como sendo um homem. E aí pensei, vou pensar também em coisas específicas que possam me colocar nessa identidade, que eu possa me encontrar aqui realmente como, onde eu estou. E aí eu precisava me afirmar que dentro da escola é complicado se você não tem uma força e você tentar ganhar força se

você já não tiver uma ideia de como conseguir ela. Daí eu pensei: vamos colocar Gabriel, que é um nome que me identifica, minha irmã se chama Gabriela, Gabriel é um nome que enfim... de minha mãe que perdeu um rapaz que tinha o nome de Gabriel, então eu pensei: vamos remeter toda essa ideia e colocar para uma coisa que me identifica, que eu gosto do significado do nome e pôr. Daí muitas pessoas me chamavam de Gabriel, Gabriel, mas também chamavam de July e também chamavam de Oliver. E eu percebi que não era diferente, que era diferente no caso dos homens trans que se chateiam quando você chama de Júlia, de Gabriela e de outras coisas que era o nome de certidão mesmo. E eu não me chateava, em nenhum momento. Eu ficava tranquila em toda situação, eu pensava só: é tudo bem! Eu comecei a confundir as pessoas sem ter uma direção. Como se diz, sem ter uma intenção certa de deixá-las assim. Quando eu falava muito eu me chamo ela e depois eu falava eu me chamo ele, na mesma frase eu dizia: eu estou tranquila e depois eu falaria, eu estou tranquilo. E aí comecei a confundir e não entender onde eu estava me encaixando nessa coisa toda. E nas rodas que eu frequentava só tinham homens trans binários, que era aquele todo um padrão, porque querendo ou não você tem um padrão de homens binários ali e de mulheres binárias ali, que remetem sempre a uma figura de homem que está passando por uma transição com a testosterona. Geralmente, geralmente, mas tem muitos casos que eles não passam pela transição, mas, no Cariri eu só tenho visto desses que remetem a um determinado tipo de roupa e essas coisas. E eu não me via encaixando naquele papel porque às vezes eu queria outras coisas, entendeu?! Expandir mais, assim. Como pôr uma roupa às vezes considerada como um padrão, né? Um padrão “feminino” né, entre aspas, ou então uma coisa mais masculinizada. E eu queria está fazendo essa mistura por algum motivo que eu não entendia. E aí os homens trans estavam... ouvi uma piada uma vez de um homem trans, na roda de conversa com um deles, que eu tava enfraquecendo o movimento deles, por não ser exatamente o que eles estavam... aquele estereótipo de homem trans. Ai eu disse então: não tá funcionando, não é bem assim. É aquela coisa, de dia eu sou Maria, de noite eu sou João. Então, eu sou João a hora que eu quiser e Maria também, sem enfraquecer o movimento deles. E como eu não conheço nenhuma pessoa trans, não binária, que o não binarismo significa você ser, você ser nenhum dos dois. Você não é nenhum dos dois no sentido de homem e mulher, gênero. E também você pode ser um dos dois, dependendo da ramificação de que o não binarismo leva, como você ser o gênero neutro, você vai passar, vai caminhar entre os dois gêneros é... só que equilibrando os dois em um só. E o fluído, gênero fluído, você

vai fluir em momentos diferentes, às vezes só ele, às vezes só ela, às vezes os dois. E é muito complicado ainda me colocar em qualquer uma dessas ramificações, porque eu me visto sempre de um jeito específico mas, esse sempre às vezes abrevia um pouquinho para uma mudança que eu gosto. De repente eu estou fazendo outras coisas, estou vivendo de outro jeito. E meu comportamento sempre foi diferente, não era aquele, não era aquela coisa totalmente masculinizada que nem os homens trans costumam buscar para reafirmar o que eles são realmente. Era aquela coisa bem solta. Às vezes, eu falo ela, às vezes, eu falo ele, às vezes, eu corto o cabelo, agora eu quero meu cabelo comprido. Às vezes eu tenho um chego mais feminino de batom, de querer pintar a unha e, às vezes, não. Daí, disseram que eu estava enfraquecendo o movimento por esse motivo, como se o homem... como se eles tivessem... como se os homens trans estivessem com aquele pensamento machista que o homem não pode pintar a unha, e eles não percebem isso quando estão se reafirmando como alguma coisa e começam a entrar nesse meio e aí eu saí de todo esse processo. [Pausa 11:20—11:25).

Pesquisador 1- Qual sua idade?

July Oliver- Eu tenho dezessete anos e faço dezoito dias dezessete desse mês que será julho.

Pesquisador 1- dezessete de julho?

July Oliver- É. Farei dezoito.

Pesquisador 1- É... quando você passou a se reconhecer enquanto transexual, se lembra?

July Oliver- Quando eu tinha... desde muito cedo, desde que eu tinha oito, nove anos eu gostava de me vestir de maneira diferente, né?! Não era diferente, como assim agora, mais solto, no sentido mais masculino, essas coisas, mas, é... com roupas femininas que eram confortáveis até demais, daí minha família não entendia, meu pai não entendia, queria que eu usasse vestidos e tudo. Minha mãe também não entendia e, tampouco, eu, por ser muito nova! E aí eu tive que em algum momento quando eu me descobri aos dez, onze anos enquanto uma menina que talvez gostasse de outras meninas, certo?! Aí eu pensei: então, essa é a parte que, eu pensando agora, atualmente sobre como era no tempo, era a parte mais fácil, se assumir enquanto alguma coisa primeiro para depois quem sabe descobrir outras coisas. E foi bem assim o processo. Eu me assumi como lésbica, sendo que eu só não conhecia a palavra transexual, então a partir dali é, eu

pensava que tudo era uma coisa só. Não separei orientação, nem identidade, tudo uma coisa só. Só que na verdade, desde que eu me assumi como lésbica, na verdade eu poderia, se eu tivesse o conhecimento, ter me assumido como outra coisa, que no caso seria o não binário, porque, esse foi o momento que, eu vendo agora, percebi enquanto, me percebi enquanto, não binário. Tinha essa dualidade de pensamentos desde o princípio, mas fui me assumir como lésbica achando que influenciava na minha veste e no meu pensamento, mas, não influenciava nada. Depois do ensino médio né, passaram muitos tempos e eu era lésbica até o acabar do ensino fundamental II. Quando terminou isso aí eu vim pra o ensino médio e aí comecei a ter mais contato com os homens trans, comecei a ver as pessoas. No Virgílio tem muita gente diversificada assim e muitos não escondem, né?! É uma coisa assim que você olha e você consegue se conhecer um pouquinho também.

Pesquisador 1- No Virgílio que você fala, a escola do Virgílio?

July Oliver- É a escola Virgílio Távora, tem muitas pessoas. Tem muitas meninas do segundo, tem muitas meninas. E eu vi as meninas que se vestiam de outro modo, assim, que não era o padrão feminino, e aí eu dizia, então: eu tô me reconhecendo como alguma coisa, só não sei o que! A partir desse momento, eu realmente me reconheci enquanto homem trans, mas foi um reconhecimento que eu precisava passar por isso para chegar no não binário que somos hoje. Ninguém acorda com a informação bagunçada, que é tanta informação que você não sabe mais qual a informação que você se encaixa. E o não binarismo é um negócio novo, é uma coisa nova que tá bagunçando a cabeça das pessoas, assim. E aí, eu me coloquei enquanto homem trans, mas na verdade, sou trans não binário. E aí essa descoberta do trans não binário eu vim sim ter agora, já entrando na faculdade, já. Quando eu saí do terceiro ano eu já estava conversando com Cláudio sobre... eu acho que não é mais trans homem, é uma coisa bagunçada. Eu acho que não é aí, mas pode me chamar de Júlia. A partir do momento que eu disse isso, inconscientemente, sem saber o que era trans não binário, eu já estava dizendo, me afirmando enquanto um, assim. Então, foi mais ou menos na saída do ensino médio para faculdade.

Pesquisador 1- E já tocando assim...uma pergunta que não está aí. Mas, em relação a sua orientação sexual, como é que você se reconhece hoje?

July Oliver- Esse é um problemão. Porque assim, quando perguntam minha orientação sexual eu gosto de falar que, que eu sou do universo, sabe?! Pra não falar pan, pra não falar bi, pra não falar nada disso. Porque se você é binário é mais fácil, porque se você é homem você gosta de mulher, você automaticamente você é hetero, mesmo que você seja um homem trans. Se você é um homem que você gosta de outro homem, mesmo que você seja um homem trans, você é gay. É uma coisa muito fácil, quando tem o binarismo. Quando você não tem isso, você não sabe exatamente como se colocar, porque se eu sou “Maria” e eu sou “João”, entre aspas, o que eu sou quando se trata de orientação?! Esse é o problema. Então, acho que ainda não foi encontrada uma palavra que especifique as duas coisas, a não ser o bissexual, se eu quiser! Mas, não de bissexual porque eu fico com homem e com mulher, não é bem assim, mas de que eu vou tá numa hora homem e vou tá com mulher, e numa hora como mulher eu vou tá com mulher também. Vai ser tipo lésbica?! Vai ser tipo o quê?! Não dá para explicar, então, é bagunça ainda.

Pesquisador 1- E seu processo... que a gente chamaria aqui de processo transexual, transsexualizador. Então, como é que foi ou como está sendo esse processo pra você?

July Oliver- Quando eu entrei no ensino médio desde o primeiro ano eu já tinha o conhecimento sobre mastectomia e tudo, né? Eu até falava com algumas pessoas, com alguns professores sobre como talvez seria caso eu fizesse, essa, não só a transição da testosterona, como me reconhecia enquanto homem trans, como também a questão da mastectomia por ter problemas com o meu corpo. Mas eu não sabia se o problema era um problema específico de homem trans ou se era um problema de, pode ser de qualquer outra coisa. Porque tem mulher que apenas não se sente bem e nem, por isso, é um homem trans, certo?! Então, depois eu descobri que a bagunça desse processo de mudança acontecia quando eu estava enquanto rapaz me vendo naquela forma mas, quando passava a me ver enquanto ela, que era a parte do não binarismo confusa, como se você fosse bipolar, mas não é bem assim. Você vê o lado de quando você está como ela você adora seu corpo, adora seu feminino, você adora ter o seu seio. Quando você se vê enquanto ele, é como se precisasse de uma transição, mas não dá pra ficar metade com uma coisa e metade com outra coisa. Tudo vai influenciar como um todo no corpo, então eu pensei: o único jeito é: eu vou ter que me adequar ao que eu sou! Todo o meu pensamento interno é aqui, que fica escondido bem nas profundezas mesmo do meu universo, vai ter que sair de algum modo pra poder eu não me martirizar como eu fiz

durante um tempo, um tempo da minha vida bem extenso, assim. E aí, como é isso? A minha família também tem que me ajudar, porque meu pai quando eu. Eu sempre me vesti assim, mas eu tive uma ascendência maior no ensino médio. Aí meu pai começou a dar roupas, a trazer cuecas, a trazer as coisas pra mim e eu só aceitando. Teve um momento da minha vida que eu já estava meio assim: acho que eu não quero mais isso não! Acho que eu quero outra coisa. Ai, comecei a usar outra coisa por um tempinho. Todo mundo achou estranho e eu também não tive uma aceitação muito legal comigo mesma, porque as pessoas achavam estranho e eu sempre fui muito de me importar com que os outros dizem. Hoje já está mudando essa imagem de ver as coisas assim e eu comecei a ver que não era apenas só ficar de um jeito ou de outro. Sempre só “menina”, entre aspas ou só “menino”, né?! Não sei bem como se referir a isso, mas no padrão de vestes, eu descobri que poderia dá uma equilibrada. Eu posso simplesmente usar uma saia, como também posso usar uma camisa comprida e posso adequar isso de uma maneira que me faça bem como usar uma regata e usar um calção super folgado. Fazer de um modo que me faça bem tranquila, eu posso tá com o cabelo ( que eu estou deixando crescer), pode estar na cara, como às vezes na faculdade eu amarro. Ai, eu passo um batom mas, continuo com as vestes “masculinas”, entre aspas. Então, dá uma bagunçada no cérebro das pessoas que estão a ver o que não é comum né?! Que o comum é padrão, mas pra mim causa conforto. Então, na terapia que eu fazia, e ele perguntou se eu fazia terapia. Eu fiz um (quando eu estudava no Virgílio, aqui na escola) eu fui para Leão Sampaio tentar de graça e passei um tempo lá. E aí eu falava sobre outras coisas que eram acarretadas também por esse motivo, como: depressão, ansiedade (que ainda tenho), crise do pânico (que ainda tenho). E aí eu tentei tratar, passaram só uns dois meses assim, depois eu tive que acabar por causa do tempo e eu fui para outra psicóloga, que foi agora na universidade, que também acabou por causa do tempo que elas têm. E... ela dizia pra mim que o maior problema em me encontrar, que depois que eu me encontrei, meu maior problema no caso foi me afirmar (o meu problema) era se importar com o que os outros diziam. Porque o meu gênero não era um gênero tão... não é que seja mais difícil ou mais fácil de lidar, mas não era o gênero que seria aquela coisa que as pessoas olham e já sabem o que é. Não é aquela coisa de você olhar e dizer: ‘é um homem trans’. Então, agora eu acho que é assim e assim. É um não binário e agora eu não sei mais como é. É assim que funciona. Então, ela disse que eu teria que me importar um pouco mais comigo, me colocar acima porque as pessoas que vinham a minha volta ficavam a pedestais, longe, bem longe, eu colocava elas longe e

eu ficava muito embaixo. E hoje não! Hoje se alguém me criticar, teve um festival agora, um festival da Ibiapaba, quando umas meninas falaram que tinham essa coisa de não querer a minha presença nos banheiros e tudo eu me senti mal porque também não estava conseguindo me afirmar sobre o que eu vou dizer pra elas. E as pessoas diziam só assim: é um trans, é um trans! Mas, homem trans, falavam assim. Mas, não um trans não binário que pode permear entre esse lugar, outro lugar ou algo assim. Porque é confuso, você é um não binário e onde que você entra?! Em qual banheiro você entra?! Não existe um banheiro não binário, você entra no feminino ou você entra no masculino. Homem trans ele tem que entrar no banheiro masculino, certo? É uma coisa óbvia, mas, quando você é um não binário você entra a onde?! E aí o único lugar que eu tinha que entrar era nesse banheiro mesmo, porque se eu sou não binário, tem não binários que fazem exigências, como a questão do nome, de usar o “e” ou o “x” no final pra definir o pronome. E eu não faço essa exigência, assim, eu não...eu até gosto quando você vai, quando você chama de Júlia ou Oliver ou qualquer outra coisa. Mas, a questão principal é quando você entra no banheiro, não tenho muito que escolher já que eu sou não binário. Eu posso entrar assim tranquilamente no feminino. A questão é as pessoas me verem como, como alguém não binário e respeitarem aquilo, sabe?! Porque a dualidade do não binário não está só nas vestes, tem não binário que não muda as vestes, que é uma veste só, tipo a cantora Triz, não sei se vocês já ouviram falar, Triz. Ela é, ela gosta de ser chamada de ela também, não tem muito problema, mas a preferência é que chame não de ela ou de ele, só que é muito complicado, e sim falar “a Triz”. Mas, aí ao mesmo tempo que você tenta falar “a Triz” o “a” que vem do pronome tá remetendo a alguma coisa e como fala só “Triz” fica uma coisa muito incompleta. Triz fez isso, Triz fez aquilo e tem dificuldade, tipo o pessoal do Crato tem um sotaque forte, né?! Fala muito “disso” e “daquilo”, né? E lá em Fortaleza não! A gente fala muito “da” e “do”, do Jorge, da Fernanda e aqui fala de Jorge, de tal pessoa. O certo seria justamente isso, que as pessoas... mas, elas falam inconscientemente, se elas tivessem consciência elas falavam. É complicado essa questão do pronome. Então, a identificação enquanto não binário é um processo que ainda vai durar muitos anos porque ainda têm muitas coisas pra ver. E os não binários não estão incluídos enquanto trans dentro da sigluzinha dos LGBTQI, não estão incluídos de uma maneira específica, eles estão jogados lá no meio dos trans, só que quando você olha o “T” de trans, você só vê o binário, homem ou mulher. Ela tá escondida entre eles. Então, é essa complicação aí.



Pesquisador 1- Nesse caso, tu não entende que por ser trans precisaria fazer uma cirurgia?

July Oliver- Não, não precisa.

Pesquisador- Redesignação sexual, mastectomia?

July Oliver- Então, eu não me reconheço enquanto... Hoje em dia eu já me sinto bem com o meu corpo, porque eu tentei me colocar enquanto é... duas, duas pessoas, não é duas pessoas. Como dois gêneros, que necessitam de um corpo só pra se afirmar como alguma coisa. E eu precisava conciliar isso, então eu pensei: se eu faço mastectomia, um lado meu fica feliz, ele fica contente porque ele remete a alguma coisa, que é uma identidade minha. E, se eu não tiro, outra parte também fica feliz porque precisa dessa afirmação enquanto mulher. O ser feminino que tem como, como se fosse uma coisa muito sagrada, a mulher, o corpo da mulher. Então, me vendo desses dois lados eu precisava conciliar, então, cheguei a um ponto que eu penso, quando eu não quiser eu posso arrumar jeitos, eu posso usar um body, eu posso diminuir, eu posso quando eu quiser posso pôr um sutiã pra ser feliz por aí. Porque são mudanças que influenciam o resto da sua vida, se você começar uma testosterona, por exemplo. Eu falava muito nisso e eu não entendia o que eu estava falando, né. Eu canto e eu não quero estragar a minha voz, na verdade não era bem isso! Eu não queria estragar a minha voz feminina, eu não queria cortar a minha voz feminina e acabar com ela porque os homens trans vão ficar com a voz um pouco mais grave. E ela não volta quando você pára a testosterona, ela fica com falhas, não é a mesma coisa. Então, eu não quis e acho que não tem necessidade dos trans não binários fazerem cirurgias, ou coisas assim, a não ser que eles queiram. Mas, é diferente do pensamento de um trans binário, que realmente remete a essas condições, eles precisam. [pausa].

Pesquisador 1- Bom, acho que a gente pode agora conversar um pouco sobre experiências na escola, desde o fundamental ao ensino médio. Qual o período que você cursou o ensino fundamental, ensino médio?

July Oliver - Ensino fundamental foi no meu, acho que eu entrei em 2015, 2015 eu estava no ensino médio, e 2014, de 2013 até 14 eu acho estava no fundamental II.

Pesquisador 1- Você entrou em 2015, né? No ensino médio, 2016. 15, 16 e 17, né? Você saiu o ano passado. E aí o ensino fundamental... no caso.

July Oliver- Hunrum

Pesquisador 1- Você não teve nenhum período ininterrupto né, que foi interrompido, né?!

July Oliver- Não, em nenhum momento.

Pesquisador- Você cursou normalmente.

July Oliver- É, eu cursei direto, eu não parei em nenhum momento. Mesmo que no fundamental II, quando eu estava vindo para o nono ano, eu em Fortaleza, que eu morava em Fortaleza. Eu fui, na verdade eu estava no Crato, passeando e tudo, aí eu vinha morar aqui. Aí fui para Fortaleza que a minha mãe estava lá, daí eu fui. Quando eu cheguei lá eu queria estudar em alguma escola para continuar, nada mais, certo?! E aí não tinham escolas vagas porque era meio de ano, só tinha uma escola e essa escola era uma escola que infelizmente de cunho religioso, e quando você entrava lá, você via isso nitidamente nas pessoas. As vestes das meninas era aquela coisa, moda bem. Saias, elas usavam saias, eram um negócio bem diferente. E aí eu pensei: não, não vai ser um problema. Era só me dar a roupa dos meninos aí que era só uma calça, não era aquela coisa e eu vou seguir na escola normal. E aí a gente foi na secretaria, eu fui com uma tia minha, quando chegou lá a diretora falou em bom tom, primeiro ela pediu pra mim sair da sala porque queria conversar com a minha tia, especificamente e aí falou para minha tia: sua sobrinha não pode estudar aqui, porque...aí falou: olha como ela se veste? Olha pro padrão de vestimenta de meus alunos? Eles todos vão ficar... Aí usou uma desculpinha, né?! De que eles iam mexer comigo e que não daria conta de uma pessoa assim como eu na escola delas por vários fatores. Depois ela... aí minha tia disse que ela falou que era por uma questão mesmo de influenciar os alunos dela, falou com essas palavras. Sei que a minha tia subiu o sangue a cabeça e disse um monte de coisas com ela lá, mas, que no fim das contas não adianta, porque quem ficou sem escola fui eu. Aí foi no momento que eu vim pro Crato, voltei, voltei bem triste. Esse momento foi bem triste. Voltei por ver que eles não se adequaram ao meu jeito, assim. Não conseguiram me respeitar e eram diretoras, sabe?! Aí eu fui para o Dom Quintino e aí cursei o nono ano lá, aí de lá eu já vim direto para cá, para o Virgílio, cursar o primeiro ano, segundo e terceiro, até terminar.

Pesquisador 1- Pelos cálculos você cursou em 2010 o quinto ano, né? E aí no caso né, o sexto em 2011, o sétimo e foi até 2014 com o nono ano.

July Oliver- É, no nono ano, isso mesmo! Acertei nas contas, graças a Deus!

Pesquisador- Porque 2015 e 2017 você começou aqui no Vigílio távora no ensino médio, né?

July Oliver- Foi isso mesmo.

Pesquisador- Você poderia contar um pouco sobre essa sua trajetória na escola, assim, desde o fundamental?

July Oliver- Eu sempre tive dificuldade na escola com relação a isso que eu falei, sobre não ser aceito nas escolas. Tinha essa dificuldade mesmo quando eu era aceito, porque parecia que eu tava sendo aceito mas na verdade dentro mesmo na prática eu não estava sendo aceito. Quando... quando vinham alunos, quando eu fazia acho que era o meu sexto ano, meu sexto ano, em uma escola aqui do Crato, num lugar. Porque eu sempre morei em Fortaleza-Crato, Fortaleza-Crato, metade de um ano lá, metade do ano em Crato. Tinha umas professoras que elas não me colocavam nas coisas, elas me tiravam das coisas. Até que teve um momento que meu pai foi me levar na escola, que ele sempre me levava na escola, eu sempre fui muito ligado a presença do meu pai. Eu não sei fazer as coisas sozinho justamente por esse medo das críticas das pessoas e eu sou muito diferente das minhas irmãs, que elas não podem ouvir nada que elas são muito agressivas. Por isso que ninguém fala nada com elas, porque elas sabem o que dizer na hora certa e eu não sei. Eu sei ficar calado, sei do meu lugar, sei chorar e sei ir para casa, é tudo que eu sei fazer! Daí ele me levou nesse dia e eu fiquei louca, desesperada, chorando horrores pra voltar pra casa, porque elas iam fazer aquilo de novo que era na aula de educação física. Chamar umas meninas pra irem brincar e essas coisas, fazer parte da aula e eu ficava no canto e elas não virem me chamar e nem nada disso, por saberem que eu não ia justamente por causa desse fato, porque eu ia ter que tá com uma roupa diferente, porque a roupa padrão da educação física, legging, essas coisas, e eu ficava no lugar lá. Então, sofri no ensino fundamental desde muito cedo assim de, dos professores rejeitarem, como... Eu estudei em uma escola, foi no sétimo ano, depois desse sexto ano, lá em Fortaleza que ela, que tinham duas diretoras, nenhuma das duas diretoras eram aquela coisa comigo, de gostar, de ter um cuidado, sabe?! E aí elas, todos

os dias, elas cantavam o Hino Nacional e faziam uma reza lá, que era o Pai Nosso. E eu sempre me recusava porque não sou obrigada a cantar, não porque eu não sabia cantar o Hino, mas não me sentia obrigada a cantar o Hino, também não me sentia obrigada a fazer o Pai Nosso. Não sabia é... Não gostava de tá ali sob pressão na frente das pessoas fazendo uma coisa que é muito pessoal minha. Daí lembro que uma vez eu tava assim meia, tava com as mãos para trás, né?! Que a gente fica com as mãos para trás lá, né? Lá era a ordem, né? Assim, são várias filas, com vários anos, desde o terceiro até o sexto essas coisas. Todos lá com as mãozinhas pra trás, retos e pernas fechadas assim e eu como sou meio cambota tenho que ficar de perna aberta, porque não sei ficar, que dói ficar de perna fechada assim, né? Aí ficava com a perna aberta assim em pé. Aí quando ela chegou assim, né? Ela usava aqueles pauzinhos de cutucar, aí deu um “taaaaá” na minha mão pra me ajeitar. ‘ Se ajeita, isso é postura decente?! Isso num é postura de mulher não’, ficava falando essas coisas aí eu não quis mais voltar para aquele lugar, sabe? Eu não queria mais voltar porque ela estava sempre em cima de mim o tempo todo. Quando deram a farda, que eram calças da escola, muito, muito folgadas, todas as meninas tinham que apertar, eu deixei exatamente como tava que... Hoje eu uso calção folgado, mas, antigamente eu usava um balão, usava uma calça que ficava horrores lá embaixo com uns cinco palmos da minha cueca aparecendo porque não era obrigada, né?! E aí ela brigava comigo mesmo na frente de todo mundo pra eu ser o ridículo mesmo. Uma vez ela levantou a minha camisa assim, assim, até acima da cintura e disse: ‘Isso é coisa de vir pra escola, Júlia?! Tem que ajeitar isso já na costureira, a gente não tá aqui pra tá vendo aluno se vestindo desse jeito não!’ Ficava falando umas coisas que não pareciam ofensivas, mas que eram ofensivas, sabe?! ‘ você tá parecendo um menino, sua mãe não lhe educa não?!’ E eu ficava sem saber o que dizer, só ia pra casa e não queria voltar no outro dia. No outro dia eu voltava e... teve isso durante todo o ensino fundamental até chegar no nono ano, deu acalmada mais, porque Otília que era a diretora do Dom Quintino, ela era mais amiga, foi ali onde eu entrei, onde eu comecei a entrar em grupos de dança, ver meninas que também se vestiam igual a mim, que também falavam coisas parecidas com as minhas vivências, que tinham passado, porque...Eu cheguei a... no meu ensino, nesse sétimo ano eu apanhei das meninas das séries mais avançadas, porque eu me vestia assim e a diretora me repreendia na frente de todo mundo e todo mundo pegava aquilo e levava pra casa. Nesse dia eu estava passando nas ruas de Fortaleza muito esquisitas, né?! E as menininhas ficaram me segurando e as outras meninas batendo e tudo. Cheguei em casa chorando muito, fui

falar pra minha mãe isso. A minha mãe não tinha muita cabeça pra lidar com a situação e só dizia que eu evitasse confusão se não eu ia apanhar mais por ter entrado numa confusão, sendo que eu nem entrei, não tinha como agir na confusão, né? E aí, esses foram dias ruins, até que minha mãe resolveu ligar quando aconteceu de novo pra lá. ‘O que tá acontecendo com ela?’ Aí minha mãe foi na escola e diziam: ‘ não, foi a sua filha que criou confusão pelo jeito dela, olha como ela se veste?! Dá pra perceber o que ela faz pelo jeito que ela se veste!’. E aí tudo isso foi durante todo o ensino fundamental. O ensino médio aqui no Virgílio Távora, na escola Virgílio Távora, já foi mais tranquilo, assim eu não tive muitos problemas. Nos começos eu até tive coisas como algumas meninas que sempre entram nos primeiros anos e tudo ficavam: ‘ mas como assim? O que essa menina tá?! Esse menino tá no banheiro de novo? Ele num é aqui! Ele não sabe que não é aqui?!’ Ou piadinhas tipo: ‘tu num sabe que teu lugar é no outro banheiro, masculino.’ E eu não sentia essa necessidade extrema, extrema, eu me sentia até tranquila no banheiro feminino, foi aí onde que eu descobri que o não binarismo era isso mesmo. Eu tava é... não tem essa necessidade de tá num padrão masculino, não tem essa necessidade de tá. Então, foi isso todo o meu ensino médio [pausa].

Pesquisador 1- Essa questão desse período no cotidiano escolar?

July Oliver - É tá aqui.

**Pesquisador 1- Essa questão aqui! Qual o significado da escola pra você?**

July Oliver- A escola durante todo o ensino fundamental foi importante porque quando você passa por grandes problemas assim, você chega num momento que... Vou fazer agora os meus dezoito anos e eu sempre fui muito acima do que a minha idade dizia que era pra ser. Eu não tenho amizades com pessoas novas, os meus amigos tem de 26 anos acima, tem um pensamento às vezes muito evoluído, assim, que ajudam muito que eu converse, porque abaixo disso, as pessoas não estão me ajudando muito, sabe?! Elas não tão fortalecendo muito e eu sempre fui muito isolado, porque nunca gostei muito de baladinha, de festa, essas coisas assim é muito raro. E as pessoas só tinham conversas desnecessárias e tudo e eu... a escola ela me ajudou a...sede de conhecimento assim, de que eu queria saber como funcionava muitas coisas. A escola, principalmente, na parte da diretora, você via que mesmo ela não estando tão presente assim, as outras diretoras que a escola que foi mais “acolhedora” assim, entre aspas, elas tentavam dar um jeitinho caso alguma coisa ruim chegasse a acontecer e as outras não, elas davam um empurrão.

Então, a escola significa acolher, ensinamento, passar todas as suas, todas as suas, todas as suas, como se diz...? Todo o conhecimento possível através dos professores, que são os professores que cativam os alunos a quererem estar ali... O que cativava a minha pessoa a ficar sempre era um professor que tinha que uma matéria era interessante, que conversava e quando falava sobre sexualidade e coisas assim eu queria tá no lugar para entender o que ninguém nunca disse isso, que em casa também ninguém nunca disse! Então a escola teve esse papel principal, [pausa] mesmo não sendo o dever de ter essa conversa e tudo, sempre é dos pais, né?! Mas, eles não têm muito conhecimento então, a escola veio... principalmente, no ensino médio, a me trazer mais conforto, lugar onde eu conheci pessoas mais semelhantes a mim, que no ensino médio, teve bem mais. E as pessoas falarem comigo de uma maneira a me respeitavam. Então, a escola teve esse papel importante de me fazer se reafirmar no universo, assim.

Pesquisador 1- Nesse caso você acha que o impacto maior para esse reafirmação foi o ensino fundamental, o ensino médio?

July Oliver- Foi o ensino médio! O ensino médio foi o maior. No ensino fundamental não tinha forças, força pra ficar medindo com as pessoas dizendo que eu sou assim, eu me vejo assim, porque eu não sabia o que era ser assim. Eu só sabia que era e tava ali, então, me submetendo ao que falavam. Eu não podia me afirmar como nada, até que de repente tudo, tudo mudou. Assim, eu vim para o ensino médio e consegui me reafirmar enquanto alguma coisa.

Pesquisador 1- E até que ponto assim, você percebe que os professores discutiam, né?! Temas como gênero, sexualidade, preconceito e discriminação no espaço escolar? E na sociedade de um modo geral, assim, como é que você percebe isso ao longo do ensino fundamental, ou você não teve discussão sobre isso? Como é que você percebeu isso no ensino médio ou não teve?

July Oliver- No ensino fundamental não teve. Eu lembro de uma professora uma vez falando, ela chegou bem discretamente assim, perguntou alguma coisa sobre do que eu, eu...não sei! Do que eu gostava, uma coisa que se remetia a isso, sabe?! Mas, ela me chamou no individual e quis conversar, eu não disse o que eu não sabia. Eu não sabia o que dizer pra ela na verdade. Mas, eu sabia o que era, mas não sabia como dizer para ela. E aí ela disse coisas como: 'Deus, vai entrar na sua vida e vai mudar sua história'. Umas coisas bem loucas lá e eu fiquei... Tá bom, tudo bem! (risos) Eu espero que

aconteça porque, se acontecer talvez seja muito bom. É muito bom você viver, uma pessoa transexual amada pelos seres humanos, porque você não é um pecador segundo algumas igrejas. Aí ela disse isso e chegou pra mim e falou: ‘ Deus vai tocar a sua vida, esse mal todo vai passar’. Aí eu fiquei hunrum, estamos no mal até hoje! E, isso aconteceu no fundamental. No ensino médio, aaah já foi diferente assim, no ensino médio eu.... (eu esqueci o começo da pergunta, um trecho da pergunta).

Pesquisador 1- Não... é... Até que ponto você se deparou com discursão sobre gênero e sexualidade, preconceito com professores?

Pesquisador 2- Se os professores trabalharam.

July Oliver- Então, é isso mesmo! Já no ensino médio, no decorrer do tempo que eles iam percebendo que tinham mais pessoas como eu, parecidos comigo. Eu acho que o estopim da coisa toda assim no Virgílio Távora deve ter sido mais quando uma pessoa como eu, parecido comigo deve ter entrado, porque antes era uma coisa muito escondida, ficar nos lugares assim e a necessidade de falar era... existia, mas tinha todo um processo para ser levado até a sala que é muito chato, inclusive. E nas aulas aconteciam, mas, o principal era nas aulas de História, porque nem nas aulas de PV, que era Projeto de Vida, falar como é a sua vida, num sei o quê?! Eles não falavam sobre isso, de jeito nenhum. Não diziam: ‘olha isso aqui tá acontecendo’. E eu até sofri um certo preconceito no, acho que foi no segundo ou foi no primeiro ano, não sei. E eu fiz toda uma confusão, eu disse: dessa vez eu não vou ficar calada porque eu vou ficar três anos com essas pessoas nesse lugar, então não vai funcionar. E aí eu disse numa dessas aulas de PV, que era o lugar para se debater isso, né? Que você fala sobre, como está sua vida, quem são os seus familiares? O que você faz? O que você gosta? Como você se sente? e não perguntavam em nem um momento como era a sua identidade, como era a sua orientação? Então eu me vi no direito de falar coisas assim, então, eu dizia sempre: minha orientação é assim, eu faço isso, eu gosto disso! E na hora que o preconceito veio com essas pessoas eu só joguei assim tudo que eu tinha para jogar: Olha, vocês vão me aguentar por três anos. Ou vocês me respeitam ou, então, o problema é de vocês. Comecei a falar um monte de coisa.

Pesquisador 1- Com relação aos professores ou com os alunos?

July Oliver - Com relação aos alunos porque...

Pesquisador 1- Aos colegas de sala?

July Oliver – Tinham professores que eles poderiam ter perguntado em algum momento como eu estava me sentindo com relação a toda aquela coisa e em nenhum chegava pra mim. Eu tinha que chegar e falar pra... hoje Simone que é a coordenadora, né?! Eu chegava pra ela e dizia assim: Olha Simone, tá acontecendo isso e isso. E daí Simone muito da paz e amor dizia que tudo passava logo porque eles também estavam desacostumados. Toda uma coisa, e eu dizia: não! Eles vão levar isso durante todo o ensino médio e até faculdade, assim. Até que eu realmente por si só, decidi conversar com todos eles na aula de PV. Eu pedi na aula pra falar e comecei a falar: tem aluno que fica olhando pra mim no meio da aula, que fica dando rizinho, que fica rindo quando eu tô passeando pela escola. Que eu não posso conversar com uma menina que eles fazem piada, que tava acontecendo isso, sabe?! De uma maneira bem discreta assim que eles tentavam fazer, bem descarada, eu percebia! Não só eu como as meninas da qual, também que conversavam comigo. Elas diziam que tava acontecendo e primeiro eu não percebia porque eu sou uma pessoa que não percebe tão facilmente assim. Depois eu via esse preconceito. Quando eu comecei a espalhar isso e dizer que tinha realmente, essas pessoas ficaram muito zangadas comigo e tudo, daí eu comecei a levar também pra professores, pra essas coisas...que precisava me afirmar enquanto isso. Comecei a falar sobre a minha identidade ou eu acho que eu sou assim! Toda vida que tinha uma mudança, Cláudio, eu chegava pra Cláudio e dizia: olha Cláudio eu acho que agora é assim, talvez não seja mais isso. E agora eu me chamo Gabriel, eu me chamo Júlia, eu me chamo... e nessas coisas o professor sempre levava pra sala discussões sobre. Teve uma aula que eu acho que foi, depois que tudo isso aconteceu, que eu fiz a chamativa. Teve na aula de PV e outras aulas, os professores botando bem bonitinho os quadros: aqui é orientação sexual, aqui é identidade de gênero, isso aqui é isso aqui! Teve essas mudanças depois que eu fiz todo esse alvoroço com essas coisas, porque precisava. Mas, em principal sem que eu pedisse, sem que eu falasse nada só tinha Cláudio na aula de História falando sobre todo um processo de como é a orientação sexual, de como é que funciona e as pessoas perguntavam: mas, e como é isso você nasce assim? Você... E aí eu gostava porque tinha uns debates de perguntas, de como é que funciona isso? Como é que funciona aquilo? Mas antes ninguém perguntava, ninguém questionava nada.



Pesquisador 1- Você também ao longo do seu processo do ensino médio, você namorou algumas meninas na escola, né? Especialmente e eu acredito que foi a primeira... né? Eu só esqueci o nome dela.

July Oliver- Isabele Isidorio.

Pesquisador- Isabele Isidorio que era da sua turma, inclusive. Ela foi transferida. E na época assim, muitas coisas, justificativas apareceram sobre a transferencia dela, né? Teve alguma coisa ligada com você?

July Oliver- Teve. Teve muita coisa ligada comigo, porque a mãe dela tinha um grande problema comigo, um graaaande problema comigo! E ela não gostava da minha presença com a filha dela por também ser filha única, então ela tem um negocio muito ligado de proteção a ela e ninguém tava me ajudando. Todo mundo sabia da situação e ninguém tava me ajudando com nada, tava sozinha. E aí eu... ela já era muito complicada por natureza. A Isabela sempre foi complicada por natureza de fazer coisas erradas e tudo. E eu estava ali tentando ajudar, mas, sempre saia como alguém que estava... parecia que era eu que estava induzindo ela a fazer as coisas, sabe?! E a mãe dela via, me via com olhos tão sei lá... de desprezo, de tudo. E aí teve um momento que a menina não aguentava mais porque a mãe dela tava louca. Não deixava mais ela sair, estava prendendo ela. Tinha receio que ela viesse me ver. Quando vinha pra escola, às vezes a mãe dela vinha buscar ela na porta para ela não ter tempo de ficar conversando comigo ou coisa assim, e...

Pesquisador 1- Mas, foi alguma questão ligada com a sexualidade, dela ou sua?

July Oliver - Então, foi relacionado a isso porque ela disse pra mãe dela que ela era lésbica, daí a mãe dela ficou louca. Ficou louca, ficou louca mesmo, achando que era influência minha, que era eu que tava fazendo ela dizer aquilo, que a filha dela não era aquilo. E aí houve esse pensamento da Isabela, ela mesma quis ir embora, porque ela não aguentava mais o Virgílio, não aguentava mais as pessoas olhando pra ela, não aguentava mais a mãe dela. E aí ela foi para Teresina, lá ela disse que ia arrumar um emprego, na verdade não passou muito tempo nesse emprego, também teve muitas complicações. Uma coisa é ela sozinha, aquela menina perfeita sozinha, a menina dos sonhos de qualquer pessoa, de mãe, de você olhar e dizer: a minha filha é maravilhosa! De, de, não é... não é, não tenha traços nenhum, jeito de falar nem nada, ou de

homossexual ou lésbica, não tem nada. E aí a mãe dela achava ela perfeita assim. Só que quando se juntava comigo já era outra coisa...tanto que Pedro, coordenador, que era o coordenador até tinha uns, umas coisas e tá passando pela escola e tá separando a gente toda hora. Sendo que a gente não estava fazendo nada, só abraçando. Diferente, eu vi que era diferente pros outros casais que eram héteros, assim que ficavam lá se agarrando e ele às vezes passava e parecia que nem existiam, sabe? Então a menina foi embora por esses motivos, ela não aguentava mais e teve tudo a ver com a questão da sexualidade dela e tudo. Ela passou um tempão lá e depois ela, ela ficou lá, né?! Ela repetiu alguns anos, eu não sei se tem a ver com a sexualidade dela, com a confusão que ela, porque ela tava sem falar com a mãe dela, deve ter acarretado muitas coisas na vida dela e aí ela... Se bem que, ela era bem depressiva no tempo de escola, né?! Ela vivia dormindo, ela não conseguia ficar encarando a vida. Ela vivia bebendo também e aí ela foi embora, passou um tempo, toda aquela confusão para meu lado foi em vão, porque a menina hoje está grávida, já tem uma criança e eu penso: por que, por que comigo, né?! Passou um tempo, fiz toda uma coisa. Eu, eu lutava pela situação porque a mãe dela era muito difícil e a sexualidade é uma coisa muito difícil de você manter quando sua família não permite. E a minha família sempre foi com relação a sexualidade muito tranquila, porque meu pai teve uma dificuldadezinha no começo por ser mais antigo mas, depois acabou dizendo que me ama, às vezes ele solta umas coisinhas mas, ele não me fere em nenhum momento. Minha mãe também muito menos, principalmente por ser homossexual também! Então, foi mais fácil pra mim, mas pras minhas parceiras sempre foi muito difícil, muuito difícil mesmo. De ter que... de acontecer, de que eu gostava de alguém e esse alguém a mãe da menina tocar fogo em todas as roupas dela porque ela não podia sair pra lugar nenhum pra me ver. Então aconteceu isso também já!

Pesquisador 2 - Nessas situações de paquera na escola, por exemplo, no ambiente escolar. Paquera, namoro... como é... aí você pode dizer tanto do fundamental como do médio. Como era que as gestões, os professores? Tinha algum tipo de apoio, algum suporte, alguma escuta? Alguém lhe escutava?

Pesquisador 1- Você procurava alguém?

Pesquisador 2 - Você procurava?

July Oliver - Eu só procurava, procurava Simone. Simone sabe de toda a história! Porque, é, assim, não deu tempo de...

Pesquisador 1- Isso no ensino médio?

Isso, agora no ensino médio, porque no ensino fundamental eu não, em nenhum momento não tive muitas relações. Eu não tive nenhuma relação com moças por ter medo, o medo era o principal, o medo era o principal. Eu conversei no ensino médio, sobre toda essa situação que o caso Isabela, né?! Foram dois anos de caso, de conversas, de coisas. Que eu conversava com essa professora Simone e ela dizia: ah é assim! Você tem que pensar bem, tem que ter cuidado porque a mãe dela isso, a mãe dela aquilo. Eu cheguei a conversar com a pessoa que era o nosso DT de Turma, né?! E ele era... infelizmente, não tomava nenhuma atitude, ele dizia que a gente que deveria talvez dá uma distanciada para amenizar a situação e quem sabe depois, futuramente. Isso não é coisa para se dizer! Não é coisa para se dizer! Ele dizia coisas como, isso não é tão comum de se ver, então seria bom se vocês dessem... as palavras dele foram assim: ‘olha Júlia seria bom se vocês tentassem evitar esse máximo contato já que a mãe dela tem problemas e vocês sabem que dá problema na escola e tudo, pra vocês não criarem um conflito e depois não saberem resolver’. E eu ficava: como assim?! Eu vim resolver um conflito aqui, estou perguntando coisas a você, me diga, eu realmente não sei. Então foi mais ou menos assim. Essa é toda a questão!

Pesquisador 1- Você comentou um caso aí em relação como era vista com os colegas na sala né?! Esse problema logo, inicialmente, então... e em relação aos professores, aos gestores também, pegando até um pouco sobre o que já foi falado. Você, como você se como você acha que eles percebiam você, né?!

July Oliver- Eu tinha, tive alguns colegas de classe que eram pessoas muito, muito. O pensamento deles eram pensamentos muito ruins que me afetavam mesmo diretamente, que eram não só enquanto, me afirmando enquanto mulher e lésbica e não atingia só um específico, eram os dois. Enquanto, ser misógino mesmo, dizer que menina, lugar de mulher é num sei a onde e essas coisas me afetavam. E quando falava que, ‘ah tudo bem! Eu respeito, mas, homossexual é um negócio estranho, né?!’ Falavam coisas assim: ‘É uma coisa difícil de entender, de aceitar’. Eu ficava como assim, você, então você não me respeita! Você tá tentando fazer essa visão, mas, não tá funcionando. Pessoas que também eram religiosas, que eram os coroinhas, eram isso e aquilo, falavam muita besteira o tempo todo e isso me magoava, então tinha muito. Como eles me viam era como já disseram: tu é uma pessoa muito estranha que a gente não sabe

muito bem se chama disso ou daquilo, mas vamos preferir chamar só disso aqui mesmo, que eu já estou acostumada de chamar só de Júlia e você nasceu assim, então vamos chamar assim. Alguns tentavam justificar de maneira torta porque estavam chamando daquele jeito. E outros como já chegaram pra mim e disseram, quando Cláudio fazia a chamada, que chamava é... Gabriel?! E todo mundo olhava um pro outro assim e aí não falava nada, mas uns diziam: Gabriel, quem é Gabriel?! Sabiam quem era Gabriel! Porque eu me afirmei pra toda sala. E em outro momento eu vi a pessoa falar, depois que a aula acabou, que não ia chamar de Gabriel porque não era o meu nome, não tinha na minha certidão, não tinha em nenhum lugar, então não ia me chamar. Então, foi diretamente mesmo assim. No final do ensino médio, que eu tive que ir para o estágio, eles me colocaram exatamente com a pessoa que me disse isso, que não me respeitaria pelo nome que eu escolhi, que era o nome que eu tinha na certidão, então, foi bem difícil lidar no estágio com essa situação, porque a pessoa queria fazer a linha amigo e não tava funcionando o tempo todo, não funcionava não! Um olhar estranho, a energia era estranha, o sentimento de 'eu não quero tá aqui'. De dizer não sei... de dizer coisas desagradáveis o tempo todo.

Pesquisador 1- Você, assim, ao longo do primeiro ano, teve um... Eu recordo assim, teve um número de faltas significativo, sabe? Essas faltas estariam relacionadas com essa não acitação da turma?

July Oliver - Sim.

Pesquisador 2- O que é que isso significava, o que significava faltar?

July Oliver- Pra mim faltar, que nem eu fazia no meu ensino fundamental durante toda uma vida, que eu era obrigado à ir para a escola, era... se esconder. Porque eu nunca fui muito de dá a tapa assim. Hoje, eu tô mais assim, danem-se as pessoas. Quero viver a minha vida, até porque eu tô amadurecendo, eu é preciso! Daqui a pouco eu vou estar sendo professora, aí vão olhar pra mim, vão querer pisar em mim e eu vou ter que fazer alguma coisa. Aí eu vou, eu tenho, tive esse problema de questão de aceitação das pessoas e coisas assim. E eu simplesmente ficava em casa, não vou para escola. Meu pai perguntava: o que tem? Eu dizia que tava doente, tava doente nada, mentira! Aí ficava deitado. No outro dia, o professor perguntava o que tava acontecendo e eu dizia: tô doente. Mentira! Chegava na escola, achava que tinha amenizado, passava três dias sem vir e acontecia de novo, um acontecimento, uma conversa desagradável e eu

voltava pra casa, voltei pra casa, aí ia embora. E dormia, ficava lá, não saia da cama. Aí como as pessoas não entendem, aí na minha casa diziam: ‘que é preguiça, você, você é preguiçosa, você não gosta de fazer nada, por isso que você não vai pra aula, por isso que você não levanta da cama’. O nome disso não é preguiça, o nome disso é depressão. Esse é o problema. E aí eu não levantava de jeito nenhum, aí quando eu achei que tinha amenizado na escola, um pouco mais essa questão, veio à questão principal, isso desde o primeiro ano, que foi mais ou menos no meio do ano assim, né?! Aí veio a questão Isabela com ascendência, que era o problema com a mãe dela, que era um problema no geral com a escola. Aí eu não queria de jeito nenhum tá vindo, porque eu queria deixar a menina forte, sendo que eu tava muito mal, aí eu nem vinha pra escola, quando vinha tentava ser durão, mas na verdade não tava dando certo. Aí eu ficava em casa, ficava pensando em como resolver a situação. E, tudo que... tudo ao longo da minha vida teve a ver com a sexualidade, tudo, a orientação e a identidade, tudo realmente foi relacionada a... desde o início, assim.

Pesquisador 1- Eu lembro também que você num determinado momento me relatou a dificuldade do físico da escola também, né? Por exemplo, o nome na cadeira, né? Vocês agora, hoje existe uma foto, né?! Mas, existia um nome nas cadeiras, o nome da pessoa. Aí você tinha me relatado essa dificuldade que estava tendo também com o nome social, que tá na frequência, né? De mudança no sistema, no SIGE, então você até chegou a dizer que era extremamente difícil passar nove aulas sentadas.

July Oliver - Nove aulas.

Pesquisador 1- Nove aulas sentadas numa cadeira com um nome que você não reconhecia. Você poderia comentar um pouco?

July Oliver - Sim, sim! Porque assim... é... hoje a gente tá vendo nas cadeiras da escola no Virgílio Távora, fotos lindas, de pessoas com nomes completos. Eu já me sentia mal por ter só um nome que era só um significativo, Júlia, na cadeira assim: Júlia Renata! Aí quando veio a questão de tá na cadeira de todo mundo, que eu entrei na sala, que todo mundo começa a olhar e começa a rir e começaram a fazer piada com o segundo nome, porque ninguém sabia, ninguém sabia que eu me chamava Renata. Era uma coisa muito rara, minha família não me chama de Renata, minha mãe nem me chama de Júlia, minha mãe me chama de Oliver. Meu pai nem me chama por nenhum nome, só me chama de filha, eu nem sei por quê. Acho que é porque eles querem que eu dê uma afirmação

sobre alguma coisa, né?! Também, mas eu também não quero muito, sabe?! Nesse momento. Minha mãe é mais fácil já, ela já chama de Oliver, mas meu pai já é mais complicado. Aí quando eu entrei que vi aquilo, eu disse: não dá! Tá todo mundo me chamando de Júlia, aí ficava cantando aquelas musiquinhas do Renato ingrato o tempo todo, então tava me incomodando por ser o nome que não achava legal, num momento que eu ainda tava me afirmando como Gabriel, que eu tava tentando descobrir se era Gabriel mesmo, ou poderia ser Júlia mesmo, ou de ser chamado de Oliver como funciona. E aí eu simplesmente fui na coordenação tentar reverter a situação. Eles enrolaram, enrolaram pra me dá um papel, que era só um papel assim, com um nome apregado na cadeira. Era só dá o papel com o meu nome que eu me identifico e colocar na cadeira, era só isso! E pegar e mudar a listinha, sabe?! Passar lá, okay. Poderia não ser no sistema, porque, daí tudo bem, já é um processo a mais, mas se já fosse na chamada e no papel da cadeira já era significativo. Porque os alunos em si não tem acesso ao sistema ali, o nome exatamente, eles não iam ver. Então, eu saberia que a escola estaria fazendo alguma coisa por mim e na verdade eles não fizeram. Quando deram o nome já tava meio que tarde assim, o pessoal já não tinham aceitado a questão do nome, já estavam tirando, já rasgaram. Então, eu só fiz o processo natural, tirei mesmo, rasguei e joguei no lixo.

Pesquisador 1- Você chegou a comentar com alguns professores?

July Oliver - Comentei, eu comentei com Simone.

Pesquisador 1- Houve mudança entre eles?

July Oliver- Não. Comentei com Simone, comentei com Gildo, Cíntia. Todos os professores das áreas de, de matérias que eram mais delicadas, de coisas que eram mais delicadas, eu cheguei a comentar com alguns deles então, acho que algum mais. E dizer que não estava dando certo a questão do nome, que por me identificar como Gabriel no momento ou Oliver, Gabriel ou Oliver, iria acarretar muitas coisas se o nome continuasse ali. Das pessoas ficarem fazendo piadas e tudo, então a questão do nome veio em seguida quando a questão do outro rapaz falando que não me chamaria por Gabriel. É tinha acontecido antes, né? Ele falou que não chamaria de Gabriel porque o meu nome não era esse e não tava na certidão nem nada. Aí vem alguém com o nome bem bonitinho lá meu e implanta, ah Júlia Renata! Aí o cara diz: 'eu não falei isso! Se a escola não te ver assim, eu também não te vejo assim e ninguém te ver assim porque tu

se ver assim?!’ Então, foi bem isso que eu passei. [pausa] e hoje seria mais difícil ter o nome completo e ainda tem a foto, é troncho. É um negócio que... indignação isso aí.

Pesquisador 1- Em relação ao banheiro? Como foi pra você tanto no ensino fundamental como no ensino médio?

July Oliver – No ensino fundamental eu evitei entrar nos banheiros, mas como tinha necessidades eu sempre esperei esvaziar pra poder entrar. Isso foi o ensino médio inteiro ou segurar até sentir dores muito fortes na barriga e ter que ir pra casa. Porque eu sentia muita dor ou... Houve um momento na minha vida que eu não lembro qual foi a série, mas eu fiz xixi nas calças na sala de aula porque eu não fui no banheiro. E minha professora: ‘oxe tu não foi ao banheiro por quê? Você não perguntou: posso ir no banheiro em nenhum momento, por que?’ Eu dizia que não queria ir, porque eu não queria ir, só isso! Mas, na verdade eu não queria entrar no banheiro feminino, ver as meninas porque eu já tinha escutado piadas antes é... eram xingamentos muitos pesados assim. No sentido de tá me chamando de... hoje eu levo mais tranquila, se falar isso, eu digo: eu sou mesmo! Mas antes não. Diziam: ‘ah é sapatão! Menina macho! Num sei o que!’. E por ser muito pequena doía muito e eu não sabia o que estava acontecendo comigo, sabe?! E aí eu não queria entrar e nesse dia na sala de aula, exatamente a professora falou uma coisa que do nada eu comecei a fazer xixi, eu lembro que eu era muito, muito nova. Comecei a fazer xixi, ninguém entendia a situação, o porquê. Aí no ensino médio foi mais ou menos isso também, eu passei todo o ensino médio tentando não tá indo muito no banheiro, tentando. Poucas vezes eu ia e quando eu dizia que ia, na verdade eu não ia no banheiro, eu ia só beber água, porque era para o professor deixar. Aí eu não ia muito no banheiro porque tem sempre as meninas que se incomodam com a sua entrada lá ou tão fazendo alguma coisa que...Aqui não, né?! Não tem muito de tá trocando de roupa, até porque não dá tempo, é uma coisa muito rápida. Mas, os olhares de a gente estar no mesmo lugar e aí ficar se perguntando: ‘por que ela não vai para outro banheiro? Por que, que ela tá aqui? Entendeu?! Mais ou menos isso.

Pesquisador 1- E ao longo do seu ensino fundamental e médio você se deparou com algum projeto desenvolvido pela escola sobre diversidade sexual, de gênero, né?! Que envolvesse de um modo geral a escola?

July Oliver- A escola não desenvolveu nenhum projeto não [risos]. A escola não desenvolveu em nenhum momento [risos].

Pesquisador- As escolas que você estudou?

July Oliver- Nada!

Pesquisador- Todas elas foram escolas públicas?

July Oliver- Todas. Todas elas foram escolas públicas. E em nenhum momento. Eu até tentei conversar com a coordenação para talvez trazer pessoas, aquelas pessoas que falam, que fazem palestras e tudo. Pra trazerem pra cá, porque o professor falando às vezes é tão troncho assim, né? Às vezes alguns professores que não tem a vivência daquilo tentando falar o que é orientação sexual. Aí você é uma pessoa hetero, uma pessoa que nunca viveu nada daquilo tentar dizer o que é e qual o preconceito, não funciona. Como é que você é branco, um exemplo e quer dizer o que é que um negro passa, você não sabe! Como é que você sabe?! Não sabe!!! Não tem condição, não tem como dizer, você pode dizer que viu, mas dizer o que você sentiu não tem como, você não era ele. Aí o professor ficava aqui na frente, alguns professores tentando dizer: 'olhe, isso aqui é orientação sexual, aqui é identidade'. Quando a pessoa perguntava alguma coisa, o aluno, aí o professor ficava... 'então, mas eu acho que é assim que funciona'. Não tem firmeza no que tá falando e as pessoas não têm firmeza no que estão ouvindo, entendeu?! Daí incomodava assim. Não teve nenhum projeto, não no meu ensino médio, nem no meu ensino fundamental também. Eu acho que, principalmente no fundamental não houve de jeito nenhum. Eles não se importavam com a presença, em mostrar a presença de alguém como eu, nem tentavam dizer como funcionava. Ou mesmo que tivesse pouca informação, buscasse as poucas outras informações pra passar pros alunos, em nenhum momento.

Pesquisador 1- você chegou a ter algum colega na escola, nas escolas que você estudou que se reconhecia também como trans ou vivenciava algo parecido como você vivenciou?

July Oliver - No ensino fundamental eu não conheci nenhuma pessoa trans, em nenhum momento. No tempo do fundamental não eram, hoje em dia eu já conheço essas pessoas, algumas, enquanto sendo pessoas que se descobriram trans, mas não. Você não tem que ter traços para ser alguma coisa, né?! Eram pessoas que não tinham nada a ver e se identificaram como sendo, mas no fundamental, no ensino médio, o ano passado, até o ano passado eu via pessoas que entravam. Vi pessoas que conversavam comigo e que



diziam eu tenho dúvidas do que eu sou! E talvez eu seja uma pessoa trans, mas eu ainda preciso me descobrir. Essas pessoas ainda tão aqui esse ano, né? Elas estão em processo talvez de se descobrir e tudo. E o contato sempre foi muito pouco assim, principalmente porque há uma diferença quando você é não binário e tá conversando com homem trans porque as vertentes que eles querem é diferente do que o que a gente quer talvez e dá uma confusão pra eles e pra gente assim, aí é confuso.

Pesquisador 1- E em relação a discussões em livros didáticos, por exemplo, você já chegou a se deparar? De qualquer matéria, enfim, alguma discussão que envolvesse sexualidade, gênero?

July Oliver - Eu acho que nos livros de Literatura...

Pesquisador 1- Discriminação, preconceito...?

July Oliver - Nos livros de Gramática não. Não abordava em nenhum momento, Matemática tampouco.

Pesquisador 2- História...?

July Oliver - História, com certeza. Tentei pensar em Literatura, né?! Porque Simone trazia muitos livros de histórias diferentes, mas a única coisa que eu lembro de ter levantado na aula de Literatura, foi só sobre ter falado sobre de Florbela Espanca, que foi assim: acho que Florbela Espanca ela tinha uma coisinha na sexualidade dela um pouco bagunçada. Que é o que dá a entender em muitas coisas. E aí a Simone disse: ‘é, talvez... não sabemos, porém talvez ela se relacionasse com mulheres também, uma coisa que a gente não sabe bem’. E aí eu levantei isso na aula e o pessoal silencioso assim, né? Só ficou nisso mesmo. Eu queria em algum momento enfiar essas coisinhas pra ver as reações das pessoas, mas na aula de História, no livro de História, que eu não me lembro qual mais, o professor trazia em algum momento algumas pessoas específicas, né?! Essa pessoa que fez isso, essa pessoa era homossexual, essa pessoa... eu não lembro as pessoas específicas assim, mas lembro de ter dito: ‘olha essa pessoa que fez isso, estava na guerra num sei a onde e ela conseguiu isso e aquilo e tudo que você tem hoje é graça a esse ser homossexual, entendeu?! Também não sei se foi...

Pesquisador 1- Sociologia, Filosofia?

July Oliver- Sociologia e Filosofia, não. Não deu tempo não. Não tinha pra conversar sobre esses assuntos não, eu tinha era raiva mesmo, só raiva.

Pesquisador 1- Nem tratando sobre o movimento, os sociais?

July Oliver- Não, eu lembro em Sociologia ele tratava sobre os movimentos sociais, porém, não era aquela coisa que eu estava esperando. Como os meninos falavam que na faculdade de Sociologia era, a gente fala dos movimentos com muita força e que a gente leva os movimentos LGBT's e negros isso muito a sério. E que a gente mostra pra sociedade. Eu disse: então, vamo lá né? Vai entrar no ensino médio uma matéria bacana de Sociologia e vamos ter então, né? Aí chegou lá não tinha muito isso, só tinha o professor falando besteira mesmo, sobre algumas coisas que eram muito sem sentido assim. Não tinha muito essa coisa de tá falando sobre...alguma homossexualidade, orientação, nem nada disso. Era só sobre o individuo dentro da sociedade, o que era comum, o que não era comum, o que era padrão, o que era da burguesia, o que não era da burguesia, essas coisas que não tavam se encaixando muito nessa parte.

Pesquisador 1- Você acha que trazia mais questões ligadas a... vamos pensar, a desigualdades sociais...?

July Oliver – É, eram econômicas. As questões da Sociologia eram econômicas e essas desigualdades sociais do que preconceitas perante comunidades negras e a parte do homossexualismo e essas e, todas essas vertentes não tinha, era mais você falar que uma pessoa...o negro ele era citado mas não era daquela forma ascendente também. O negro ele era, é assim porque é proletariado e não sei das quantas e não entrava em nenhum momento em nenhum assunto: olha era homoafetivo, isso acontecia, era uma pessoa trans. Ou falava da economia com relação as mulheres trans que fazem os programas ou travestis, entendeu?! Não tinha muito isso. Tinha na aula de História, falava que acontecia isso, uma vez falou sobre a diferença entre travestis e os transexuais.

Pesquisador 2 - Na aula de História com Cláudio?

July Oliver - Com Cláudio.

Pesquisador 2- Foram nos três anos?

July Oliver - Que ele era o que mais trazia. Ele sim, que era o que mais trazia. Trazia muita coisa, muito slide, muita coisa. O pessoal dizia: 'que chato esse aula!'. Às vezes:

‘Só fala disso, só fala disso’. E na verdade ele queria ascender esse pensamento chato das pessoas que era pra uma coisa melhor.

Pesquisador 1- É... em relação a essas questões que você citou de modo geral, de preconceito, de silenciamento mesmo, né? Você pensou em desistir da escola?

July Oliver - Pensei, eu pensei no primeiro ano assim que eu entrei, quando começaram as coisinhas. E quando entrou no segundo eu ainda tava pensando em desistir, daí vieram pessoas e tudo, já tinha amizade mais com alguns professores e diziam: ‘não, não faz isso!’. E no terceiro que eu vim na escola para desistir e Pedro não deixou e meu pai também não queria me deixar sair porque eles sabiam que é uma coisa que eu faço e eu faço muito bem e que eu amo fazer é a música, né?! Queria muito terminar e queria muito ir pro estágio, então antes de ir para o estágio, pouco tempo antes eu tava querendo sair do terceiro ano também. Querendo muito sair, porque eu também estava com medo de ficar no estágio com as pessoas que fizeram as coisas no primeiro ano.

Pesquisador 1- E você queria sair pra fazer o que? Para abandonar a escola?

July Oliver - Eu queria ir pra outro lugar, na verdade, eu não queria estudar. Na verdade, eu não queria estudar de jeito nenhum. Porque eu sabia que em qualquer escola que eu fosse ia ter, então, passou pela minha cabeça em algum momento não estudar mais, largar tudo. E tudo seria talvez mais fácil, até que eu ouvia coisas. Como minha mãe falando que não valia a pena. Isso ela lá em Fortaleza, ela não tava morando aqui ainda no Crato. Dizia que não valia a pena, porque as pessoas iam fazer isso sempre e era melhor fazerem isso com você subindo do que com você descendo, que aí você vai cada vez mais vai ficar pra baixo e quando você tá subido ninguém derruba mais. Você tá subindo só, você não tá subindo com elas. Elas vão dizer coisas, vão tentar lhe xingar e tudo e você tem que ser forte. Tipo essa questão do festival, do que aconteceu no festival das meninas e o preconceito, não chegou até minha mãe porque eu não falei pra ela, mas eu falo tudo! Achei que seria uma coisa muito em vão pra falar pra ela porque ela ficaria só preocupada e tudo e aí ela disse que eu não deveria ter chorado. Ela até me xingou assim porque eu disse a ela que chorei. Ela disse que eu deveria ter dito um dane-se pra todo mundo. Só que por causa da minha postura, eu tenho uma postura que infelizmente eu não consigo quebrar, a postura de educação e de conversa e de ter uma concepção diferente do que as pessoas me veem, né? Quando me veem acham que eu sou muito esculhambada e essas coisas. E, na verdade, eu não sou. Sempre fui muito

contida, assim e, aí eu não consigo simplesmente olhar para as pessoas e mandarem elas irem pastar e tudo. Eu não consigo, só fico ali quieta na minha. Eu tenho que aprender a ter dureza. A pessoa falar que não gosta da minha presença e eu dizer: dane-se e vá embora então, porque aqui é o meu lugar! Às vezes meninas que não sabiam nem que queriam tá no festival, estavam só por estar e eu tava com um propósito, propósito até de pesquisa de no futuro plano que eu tenho de artigo sobre festival, sobre como funciona o festival e coisas dentro do festival, coisas específicas no caso, pra dar aula e então tava me atrapalhando aquela situação entendeu? O tempo todo.

Pesquisador 2 - Me diz uma coisa, tu falou aí de ficar mais forte nessa subida. O ensino de História te ajudou de algum modo a ficar mais forte e a subir? Qual o papel do ensino de História aí nessa sua experiência de vida?

July Oliver- Aaaaaaahh...

Pesquisador 2- Daí você pode comparar tanto no fundamental como no médio.

July Oliver- No ensino fundamental não teve nenhum mesmo. Nenhum, porque História era uma coisa muito tosca pra mim no fundamental, muito tosca. Nada era profundo, nada era uma coisa uau, sabe?! Tudo era uma coisa muito rasa, muito sem graça, muito! Tanto que eu cheguei aqui no ensino médio, quando eu estudava no ensino médio, sem saber muito sobre História. Saber o que era guerra das trincheiras. O que é guerra disso, guerra daquilo. Eu dizia: eu não sei nada! Que é...eu não sabia nada, não sabia nem qual era a diferença de guerra e revolução. Eu ainda tô confusa, todo tô no universo aqui ainda pensando o que é a natureza. Aí eu cheguei já no ensino médio e comecei a entender melhor sobre tudo com relação a história que tinha no livro, que dava para trabalhar com relação as guerras, como foi... A parte que eu mais me interessava no livro de História era a parte dos nazistas, né?! Que eu queria entender porque toda essa coisa aconteceu. Como aconteceu. E quando falou dos homossexuais também incluídos lá, eu queria saber qual... todo o processo de como aconteceu. Por que, que tudo caminhou daquele jeito. Quais são as chances de acontecer hoje em dia. E nas aulas de História a gente é, era falado mais a questão política da coisa, que interferia nessa questão de ser um LGBT. Como você colocar o Bolsonaro (muito falado isso também) no poder. E aí seria uma coisa bacana? Tem uns estúpidos que dizem: 'sim! Sim, né?!'. É uma coisa bacana'. Uma pessoa, uma pessoa negra falou assim: 'sim, sim é bacana porque ele não gosta de homossexual'. Mas, aí Bolsonaro nem gosta de homossexual e

não gosta do negro, daí quem é quem nesse lugar? E aí eu tentava colocar o que tem a ver uma coisa com a outra. O que tem a ver a ditadura militar lá dentro dessa situação? onde é que tá esse golpe aí de 64 com a gente homossexuais? Tá em todo lugar, entendeu?! É correndo o risco de entrar de novo em uma coisa assim que as pessoas acham que nunca aconteceu e tem gente que pensa que nunca pode acontecer de novo, quando já aconteceu, entendeu?! Então, o livro de História me fez abrir um pouco a mente. Quando eu lia sozinha, mas quando eu vinha pra sala que tinha o professor com o embasamento no livro de História, uma coisa mais firme. Não só abriu como também, dava um direcionamento do que eu posso fazer agora para reverter a situação do país, enquanto isso de tá me colocando pra trás ou tirando os direitos dos homossexuais. E ele falava sobre direitos, ele trazia muito as leis e trazia também o artigo tal tá falando isso e isso, portanto vocês não façam isso porque tá acontecendo e não pode! Então, ajudou a abrir assim a cabeça, não era uma coisa assim, agora vamos falar sobre é... sobre os espanhóis e toda uma revolução e todo num sei o que e acabou a aula, não era assim! [pausa] então, funcionou muito bem pra mim a aula de História.

Pesquisador 2 - Teve algum sujeito histórico LGBT, alguém que você conheceu a partir dos diálogos com o ensino de História? E que se tornou uma referência, ou não! E que você ficou curioso para conhecer?

July Oliver - Teve algum sim. Em algum momento, eu acho que foi citado algum sujeito LGBT, mas eu não sei se foi na aula de história exatamente. Mas, foram citados alguns, né?! Eu lembro que foram citados algumas pessoas específicas, alguns personagens da história que eram LGBTs, mas eu não lembro os nomes. Eu lembro que, em algum momento em outra aula, na Informática foi citado que o cara que criou alguma coisa, ele era né...

Pesquisador 1- Alan Turing, né?!

July Oliver- Ele era o que... ele era homoafetivo que todo mundo fazia as coisas, usava daquilo mas não sabia. E xingava e criticava os homossexuais e tudo mais não tinha a noção de que era ele que tinha criado a coisa toda. Então eu pensei: aquele cara deve ser muito massa! Criou um negócio que todo mundo usa, mas as pessoas acham que não tem, não tem, não pensam por esse lado que estão usando uma coisa. Na verdade, tão xingando as pessoas que eram exatamente como eles são. Nas aulas de história tiveram muitos, muitas pessoas citadas, mas eu não lembro os nomes.

Pesquisador 1- Teve... eu vou tentar fazer um diálogo. Teve uma aula que me marcou muito com você, que foi no segundo ano, que foi justamente trabalhando Brasil colônia. E a gente entrou na discussão sobre sociedade, no caso colonial, e dentre as discussões realizadas a gente pensou a violência contra a mulher e aí eu coloquei um debate também sobre família no Brasil colonial, fiz algumas diferenciações, trouxe algumas discussões sobre as famílias na atualidade e, aí pra essa discussão eu acabei trazendo algumas matérias tratando sobre diversos tipos de família é... trouxe material inclusive com a Daniela Mercury, né?! Tratando um pouco da vivência dela, da experiência dela, desse autorreconhecimento enquanto LGBT e, também, de atuação do movimento, uma postura política. E aí eu terminei a aula, terminamos a discussão, e aí você me questionou no final da aula, né?! (Como eu havia dito), que ainda era fácil falar sobre homossexuais queria ver era falar sobre trans, né?!

July Oliver - Isso, isso.

Pesquisador 1- Conte aí um pouco como é que você se sentiu? A sua lembrança daquele momento? O que que ainda... qual é o grande incômodo, assim, que você teve?

Pesquisador 2 - E qual o significado disso?

**Pesquisador- Qual o significado, né?!**

July Oliver – Porque é... as imagens que estavam sendo mostradas bem no início da aula eram as famílias tradicionais, né?! Do tempo colonial, o homem senta na ponta da mesa e a mulher, e tem aquela questão da escrava que tá ali, toda uma coisa, e aí, na outra, do lado. Tem basicamente a mesma coisa só que atualmente, né?! Isso, a mulher que senta ali, que tá fazendo alguma coisa que é submissa ou que tá enfim, lavando a louça, aquela coisa toda. E não tem ali nada exatamente falando como é que o homoafetivo se sente no meio daquela coisa toda. E aí ele entra com a Daniella Mercury e começa a falar que tem toda a questão, que ela foi uma pessoa ativista nesse meio, que ela foi uma que... deu uma ascendência, né?! Quando você, por exemplo, tá na escola aí não tem ninguém que é homoafetivo, de repente você tá lá aí você chega e diz: não, agora eu quero chutar o balde pra dizer o que eu realmente sou porque não tá dando pra aguardar mais. Ou, então, você se descobre naquele momento. De repente, começa a ascender vários gatos pingados que já eram, que já se descobriram, mas não tiveram coragem ou estão se descobrindo agora. E aí quando a Daniella Mercury ela se ascende assim,

porque ela sofre muitos preconceitos por ser cantora, por todo um processo assim, aí todo mundo vai também com ela naquela coisa, no ativismo dela, de ter força, de ser mulher, guerreira e tudo. E eu via aquilo dali, como também em outros homens, quando são citados nas rodas de conversas LGBTs, Fred Mercury, não sei quem das quantas, tudo que é cantor, que é do meio dos cantores, como eu curso música, aí eu dizia: cara, pô, bacana, mas não tem nenhum homem trans, mulher trans, nenhum trans não binário. E aí não tem ninguém, aí, e aí onde eu me encaixo, eu não me encaixei em lugar nenhum, em lugar nenhum. Tá fazendo, tá ascendendo, tá é... a questão da mulher homoafetiva, a mulher lésbica ou bissexual tá chamando, tá dizendo: olha aqui é a força! Tô subindo, vamos comigo todo mundo que a gente está num barco só. Quando é os homens também, homens gays, olha eu tô subindo, a gente tá fazendo o nosso nome. Todo um processo que ajuda na reafirmação deles e tudo, quando você é um cantor e é famoso é mais fácil as pessoas se ajudarem ali, dando um incentivo, é isso. E aí, que nem aqueles livros de autoestima que você está lendo e dão incentivo, é essas pessoas. Daí eu não via nenhum homem trans, quando eu me identifiquei como homem trans, em nenhum lugar, nenhum. O homem trans que me dizia: agora eu tô assim, como alguma coisa era o João Nery, que é o cara que escreveu, escreveu um livro, né?! Ele fala sobre a história dele, toda uma história. E esse é um livro muito interessante que dizia [pausa]

Pesquisador 1- Você não conheceu na escola?

July Oliver - Não! Eu não conheci na escola, eu achava essencial, achei que se alguém chegasse pra mim na escola e dissesse assim, eu pensando agora, eu estando na universidade, acho que se os alunos conhecessem esse livro ou ele tivesse na biblioteca seria um negócio de outro mundo assim, de que eles iriam entender afundo como funciona aquela esteticazinha bonitinha de orientação quando você vê. Porque, às vezes, o que sua mente... passou ali você olhou, mas na verdade apagou no segundo depois, não significa nada. Agora quando você tá lendo afundo uma história, aí é outra coisa. Então, esse foi o único homem trans que me fez ascender, agora, não binário que me fez ascender foi Triz! É uma cantora e como ele gosta de ser chamado, no caso, se chama Triz, é cantore e gosta de mostrar nas músicas, que às vezes tem mais de sete minutos, toda sua história de vida. Que eu sou assim! Que faço isso! Que eu sou um gênero neutro! Sou não binário neutro! Ser não binário não significa que você não é trans, eu sou trans sim! Então, essas duas pessoas marcaram foi João Nery e Triz, mas nenhum

deles foram apresentados na escola em nenhum momento, nem um momento. Só a Daniela Mercury como um símbolo do lesbianismo, né, que foi colocado ali.

Pesquisador 1- Eu não sei se você tá lembrada que depois eu montei, tentei montar uma aula sobre sujeitos trans?

July Oliver - Sim!

Pesquisador 1- E aí foi partindo de sua necessidade e, claro com muitas dificuldades, inclusive, de pensar o tema, né?! E aí eu trouxe essa discussão pra sala de aula, né?! A gente foi refletir um pouco o que era ser trans, né?! Também, fiz essa diferenciação também de orientação e identidade de gênero, né?! E, nesse processo, o que você lembra daquela aula? O que é que lhe chamou atenção? Eu lembro de algo que você me colocou também no final, que... é teve sujeitos que tavam aparecendo na minha fala que você não considerava representante mesmo, né?! Como representante do que é ser trans.

July Oliver - Como Thammy.

Pesquisador 1- Tammy Miranda, né?!

July Oliver - Foi isso.

Pesquisador 1- E aí você colocou, fez uma crítica também ao material. Você colocou que foi bacana por um lado, mas que [gagueja] o que é que você lembra desse momento assim?

July Oliver - Eu até falei assim da questão do nome, né?! O nome está influenciando muito, aí eu dei exemplo Tereza Brant, né?! Como é que Tereza Brant é um homem, tudo bem. O Tereza Brant tá com o nome “feminino”, entre aspas, né?! Que é o padrão e é uma pessoa que é um homem trans. Mas aí eu falei, tá de certo modo, não é, se eu falar: está enfraquecendo o movimento! Eu vou fazer exatamente como estavam fazendo comigo. Mas, de certo modo, esse nome tá influenciando muito na questão das pessoas quando elas estão se identificando, porque é muito difícil você ser um homem trans e você querer ter um nome feminino. Porque acarreta muitas coisas, é uma luta que você quer ter pra conseguir ter um nome hoje em dia. A maioria dos trans querem sua certidão, querem mudar. Então, eles precisam entrar no banheiro, eles precisam disso ou daquilo e quando você tem toda uma mudança é mais fácil, porque se você entra num banheiro masculino com a aparência “feminina”, entre aspas é uma crítica



danada porque mulher não entra no banheiro masculino. É mais ou menos assim que funciona, e aí o que eu faço, as críticas que eu fiz foi com relação ao nome e com relação ao Thammy. Assim, os trans eles passam todo o tempo se descobrindo, toda uma coisa e demoram um absurdo assim pra se encontrar, porque é difícil, e essa pessoa do nada chega, eu sou Thammy e isso. Faz uma cirurgia de redesignação, faz a retirada das mamas e isso e aquilo. E os trans se sentem como? Como se fosse uma obrigação agora fazer isso. Todo trans agora tem que automaticamente fazer uma. Então, porque em nenhum momento e, também fiz a colocação por ele ser uma pessoa machista. Thammy é uma pessoa muito machista e se colocar enquanto aquele homem que... é como se fosse um homem cis, sabe?! É totalmente machista ali, misógino e ele faz isso. Então, me coloquei que ele não me representa em nenhum momento, porque assim é... por ter se construído uma pessoa assim e por ter aparecido do nada só porque é uma pessoa midiática com uma mastectomia feita e querendo[pausa] testosterona e fazendo aquilo tudo sem nem dizer: olha é assim que funciona! Nem todo trans é assim. E como figura midiática ele deveria explicar como funciona todo o processo e dizer: não é todo trans que toma T, que ingere T, não é todo trans que vai ter barba, não é todo trans que vai fazer mastectomia. Então, ele não me identificou juntamente com a Tereza Brant também, porque os homens querem uma afirmação do nome, que era justamente onde tava tentando me colocar como Gabriel e Tereza veio com aquilo e todo mundo perguntou: 'então, dá pra tu ficar com teu nome mesmo? Não precisa mudar! Num tá vendo Tereza Brant? Só fala mesmo como é que tu quer se vestir e fazer o que tu quer fazer, mas pode se chamar Júlia!'. Aí todo mundo começou a ter base em Tereza Brant. Eu fiquei, não, gente não é assim que funciona! Então, é por isso que não dá certo e eu falei que eles não me representavam de jeito nenhum.

Pesquisador 1- Em uma das questões que também você questionou foi isso. Eu trouxe imagens de pessoas que, todas elas, tinham feito cirurgia, Lea T, Thammy Miranda, e aí um caso dos Estados Unidos, e você realmente colocou isso, né?! Que não precisava, necessariamente...

July Oliver - Que não precisava de cirurgia.

Pesquisador 1 - ... o fato de você querer ser trans você não, necessariamente, queria fazer a cirurgia de redesignação sexual.

July Oliver - Foi essa parte da identidade que não me chamou assim

Pesquisador 1 - E teve outro elemento muito forte assim que eu lembro, que eu coloquei uma imagem de uma pessoa se olhando no espelho e aí (a ideia de não reconhecimento) porque no espelho tinha uma outra pessoa. Eu discuti um pouco que ser trans era isso, era você não se reconhecer, né, no corpo em que você está. Justamente partindo dessa coisa da cirurgia, na época muito forte também, muito limitada a minha ideia de transexualidade, aí você colocou, você pediu a fala na sala, você disse que: ‘como assim, eu me olho no espelho e não sei quem sou?!’ Você lembra dessa...

July Oliver - Que eu falei que a gente sabia quem era só não dava pra ser por causa do padrão do corpo específico que prendia você lá, entendeu? E aí ou você se adequa ao gênero que você é pertencente ou aí você vai realmente se olhar no espelho e vê uma coisa que não é o que lhe representa mas você sabe quem você é, entendeu?! É mais ou menos assim que funciona.

Pesquisador 2 - Deixe-me fazer uma última pergunta. Pensando nestas questões que você falou, na sua trajetória de vida, no ensino de História que é o norte aqui, bem como nessa nova geração que tá entrando nos ambientes escolares, tomando como referência essas ideias, pra que é que serve o ensino de História?

July Oliver - Eu acho que História é mais do que a questão dos patrimônios, de lembrança e de memória. É uma coisa que faz com que o indivíduo perceba que ele não tá sozinho no meio da sociedade, que teve em algum momento alguém que representou ele, mesmo que tenha sido há décadas ou milênios antes, sabe?! Às vezes, você acha não, que isso começou agora, essa história de não binário começou agora. Às vezes, não! Às vezes, tinha um ser há uns trilhões de anos atrás, querendo ser exagerado mesmo, pra dizer que era muito distante e que é igual. Era exatamente assim que ele se sentia, porém, se você pensar como não existindo História, como seria se não existisse História, você talvez, a gente, não tivesse o conhecimento sobre as siglas, que elas só se formaram através da História, porque existiram mulheres, existia casal, há muito tempo atrás, uma delas se chamava Charlotte, não sei, na década de 30 ou era 20 uma coisa assim, lembro que eu trouxe em alguma aula assim, pra falar que não existe isso agora, não foi século XX, não foi século XIX, foi há muito tempo atrás. É uma coisa de centenas de anos, centenas há mais atrás, que sempre existiu desde os gregos, né?! Desde toda aquela relação homoafetiva que eles tinham pra satisfazer o prazer deles com outros homens né?! Aconteciam sempre e as pessoas acham que não, que é hoje!

Então, História serve pra você reformular o seu pensamento pra poder ter uma ideia hoje sobre o que tá acontecendo. Como, como qualquer outra ciência, né?! Você precisa de todo um embasamento anterior pra formular tudo que temos hoje como Bhaskara, isso e aquilo. Você tem História pra poder fazer isso, trazer o conhecimento pro pessoal de como é que é você ser um homoafetivo hoje, sendo que alguém há muitos anos atrás também pensou parecido. A diferença é que hoje as coisas são mais versáteis, assim né?! Várias coisas e você também pode mostrar por causa da comunicação e antes não!

Pesquisador 2 - Agora, agora vai ser a última [risos]! Pensando agora no ensino, no ensino de História. Qual a importância do debate sobre transexualidade no ensino de História na educação básica, por exemplo, no fundamental e no ensino médio?

July Oliver - Sabe, a grande importância que eu acho no ensino de História com relação a falar sobre os transexuais é que, os transexuais as vezes aparece quando uma pessoa fala sobre. Mas, eles não aparecem porque eles estão ouvindo aquilo e eles agora querem ser aquilo. Eles aparecem porque houve uma identificação de algo que eles já eram e eles passam. Então, quando o professor de História fala sobre transexualidade e divide tudo direitinho falando: olha, o gênero ele tá aqui, ele é a sua identidade, é como você se sente, é como exatamente você é. Não o que você cria, não tem nada a ver uma coisa que você é, não tem como mudar! Porque se tivesse como mudar eu não escolheria ser, ter esse gênero talvez ou talvez você não escolheria ser...ou um homem ou mulher, você não escolheria ser não binário pra não ter que ficar nos dois, ter uma coisa ali, que é dita como certa, certo?! Então, a importância de dividir a orientação e colocar no lugar, dizer que não é uma opção que você, que isso é uma coisa muito importante que eu esperava chegar no ensino médio e ouvir isso. Não é uma opção, você não olha pro lado e diz assim: olha eu adorei beijar uma moça e eu sou lésbica porque eu opnei por isso, mas eu posso deixar de opnar e ser agora, todo momento, ser uma pessoa heterossexual. Não funciona desse jeito. Então, quando o professor de História fala na sua aula e explica tudo, tópico por tópico e diz, olha: não binário ele vai funcionar assim. Mesmo que seja uma coisa por cima, diga: o trans binário é assim e tem essas ramificaçõezinhas e é diferente a questão de você querer ser homem, de você querer ser mulher, de como você se identifica, não é uma coisa que vira, não é uma coisa que você nasce assim, mas fica uma coisa no seu próprio inconsciente, você desenvolve depois o que você já era, às vezes, até com a questão do seu DNA, então são muitos fatores, muitas coisas que você nem sabe de onde vem, mas que você tem que

respeitar. Então, é muito importante o professor de História falar sobre todas essas coisas e principalmente como Cláudio fazia. Vou usar aqui uma pessoa do tempo do nazismo Hitler e vou colocar os homoafetivos lá, como eles eram tratados e o que acontecia e por que isso acontecia. Quem vocês acham que foram os primeiros na História, que eram os importantes no meio tecnológico, no meio da música, entendeu?! Ajuda muito.

Pesquisador 1- Ou seja, não seria só pegar uma aula e tratar sobre o tema, mas nas variadas discursões trazer a cena esses sujeitos.

July Oliver – É, né?! Porque sempre tem. Você tá ali aí tem uma história de alguém que construiu uma torre num sei dá onde, dentre aquelas pessoas, eu tenho certeza que não foi só uma. Então, se foram várias, alguém, em algum momento, era homossexual, talvez, e alguém contribuiu, então, qual o papel daquela pra aquilo.

Pesquisador 2 - Agora, assim, pensando que, entendendo que a sua experiência também ensina e eu tô aprendendo muito aqui com você!..

July Oliver - Que bom! Gracias!

Pesquisador 2 - ...Se você pudesse mandar um recado para todos os professores de História, o que é que você diria?

July Oliver - Eu diria aos professores de História, como um todo que a lição de saber, que eles tenham o interesse, de que eles tenham essa coisa de cativar os alunos, através da pesquisa e saber a fundo não só o que é a bandeira que você diz gay, que você quer definir a mulher lésbica, que você quer definir o homem. Que eles saibam a fundo o que significa cada coisa, assim como eles sabem a fundo o que significa cada guerra, cada revolução, como eles se dedicam à saber cada data. Se eles soubessem cada coisa especificamente para poder passar em cada momento que eles forem falar sobre uma catástrofe, uma guerra, uma... coisas que, possivelmente, estão por vir, eles colocarem esses temas assim no meio disso seria importante e associar qual a diferença de antes para o agora. O que pode acontecer agora com essas pessoas, porque as pessoas não pensam mais. Com o governo que a gente tem hoje poderia acontecer uma coisa como, por exemplo, aconteceu na Ditadura e talvez com mais ascendência por causa do homossexualismo, da homossexualidade, desculpe!, que subiu assim, né, como um todo, porque as pessoas agora se veêm e se deixam mostrar mais. Não é que virou

moda, é que elas se descobriram, elas conseguem se mostrar. E aí, os professores de História como um todo deveriam dizer: olha, aconteceu isso na década de 64 e pode acontecer hoje com mais ascendência. Você pode ser uma pessoa que não gosta, não respeita isso e aquilo, mas às vezes a pessoa que tá do seu lado, sua irmã, seu tio, é uma pessoa que pode sofrer com isso, porque ela pode ser também, então, é a importância do professor, mostrar que todas as pessoas, elas não são iguais, nem no físico, nem no pensar, nada! Mas, a questão da sexualidade, da identidade é o mesmo termo se aplicando de diversas formas. Então, se eles falam de uma coisa só quando falam de identidade eles já aplicam pra todas as pessoas que se encaixam ali.

Pesquisador 1- Não sei se é a minha última, né?! Mas, pra você qual é o impacto do ensino de História, pra você que se reconhece enquanto trans, enquanto sujeito? Pra que serviu o ensino na sua vida, no ensino fundamental, no ensino médio? De que modo o ensino de História lhe ajudou, ou não, de modo geral?

July Oliver - No ensino fundamental, o ensino de História não ajudava muito porque no ensino fundamental é uma coisa que às vezes é mais religiosa, as escolas, a maioria. Lá em fortaleza, pelo menos, que eu estudei, as professoras de História falavam muito sobre coisas que não tinha nada a ver. Tudo que faziam eram relacionadas a uma religiosidade e tudo. E não que eu tenha um problema com a religiosidade, eu sou uma pessoa que tem religiosidade, mas não tem religião. Então, é diferente, e a História ela já no ensino médio, ela já vai ver outros pontos, muitos outros pontos. Quando fala do iluminismo, quando fala de ter religião ou ter religiosidade ou não ter nenhuma, ou ser várias coisas, e aí, vai falar sobre o que é ser enquanto um cidadão, e aí, vai falar sobre o papel, vai falar sobre toda uma questão da Constituição no Brasil, como é que funciona, e tudo isso é muito importante para que eu enquanto indivíduo, principalmente um indivíduo trans não binário, me identifique e saiba ali qual é o meu direito, que é de não ficar calado quando eu vejo uma lei que diz que as pessoas não podem me agredir e que não podem fazer isso, não pode deixar acontecer. Porque muitas pessoas deixam acontecer porque acham que não tem nenhum direito para ser tomado, então, pra mostrar pras pessoas. Aí simplesmente apanham porque acham que ninguém vai levar a sério. Então, você pode cobrar, porque é uma coisa séria e tá na Constituição. Se você é um ser humano, como qualquer outro, você tem o direito de viver, é o direito, o mais básico direito, e depende muito também quando as pessoas dizem que falam alguma coisa porque é livre arbítrio, livre arbítrio pra quem, né?! Por

que eles começam a falar coisas, mas não é assim que não funcionam, quando eles usam o cunho religioso pra justificar coisas, às vezes é preconceituoso, aí você diz: mas não tem muito problema porque vai acontecer isso sempre. Na verdade, se você for atrás do seu direito não vai acontecer mais, não é para acontecer, entendeu?! E História mostra tudo isso, vai lhe mostrar toda a questão da Constituição, principalmente, porque a gente tá no Brasil. Não vai mostrar tudo, a gente ver partes, a gente ver artigos, a gente ver coisinhas específicas que são muito, muito importantes, e quando eles mostram isso, a principal parte em História que me ajuda é quando diz, olha: se você tratar essa pessoa assim porque ela é homossexual, porque ela é uma pessoa negra, índio, é isso e aquilo, e diz, a consequência é isso daqui, porque na história, há muito tempo atrás, aconteceu isso, e agora tá acontecendo parecido, porém antes não tinham essas leis, e aí, e agora, você vai fazer com essas pessoas?! Porque agora tem outra coisa. Então, História serviu pra mim pra perceber isso, que não dá pra deixar as pessoas passarem por cima, já que agora eu tenho alguma coisa que me segure. E não só me sustentar com essas coisas, né?! Eu aprendi nas aulas de História com Cláudio que essas coisas não são o bastante, que são muito poucas, é tipo o zero vírgula cinco dos cem por cento, sabe?! Então, falta muito coisa pra você botar aqui e ver direito em relação ao nome, ambulatório, a questão de poder ter uma lei que faça de maneira mais firme, que quando alguém xingar você, falar alguma coisa de maneira preconceituosa você possa recorrer diretamente, e ser um crime tão grave quanto os outros. Não só de a pessoa ir lá, pagar uma multa e ir embora, e fazer de novo, mas de fazer perceber que é grave mesmo, que é uma coisa que atinge a saúde mental da outra pessoa. Então, História serve para isso, é para aprender que o raso, que o que você ver, que é a pontinha do iceberg, na verdade, tá escondendo um super e profundo oceano com todo o resto, né?! É toda a informação.

Pesquisador 1- Acho que é isso, né?!

July Oliver - Obrigado!

Pesquisador 1- Pode parar?

Pesquisador 2 - Que data é hoje?

Pesquisador 1 - Hoje é dia 11.

Pesquisador 2 - 11 de julho de 2018, às 11:36 am.